

Léia Teixeira Lacerda
Kátia Cristina Nascimento Figueira
Mircéia Terezinha Suffiatti Mesnerovicz [orgs.]



Diálogos com os idosos sobre relações de gênero e sexualidades

**DIÁLOGOS COM OS IDOSOS
SOBRE RELAÇÕES DE
GÊNERO E SEXUALIDADES**



Obra financiada com recursos da Fundect /Fundação de Apoio ao
Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do
Estado de Mato Grosso do Sul

LÉIA TEIXEIRA LACERDA
KÁTIA CRISTINA NASCIMENTO FIGUEIRA
MIRCÉIA TEREZINHA SUFFIATTI MESNEROVICZ VAREIRO
(Organizadoras)

**DIÁLOGOS COM OS IDOSOS
SOBRE RELAÇÕES DE
GÊNERO E SEXUALIDADES**



Copyright © dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

Léia Teixeira Lacerda; Kátia Cristina Nascimento Figueira; Mircéia Terezinha Suffiatti Mesnerovicz Vareiro [Orgs.]

Diálogos com os idosos sobre relações de gênero e sexualidades.
São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. 216p.

ISBN. 978-85-7993-412-4 (Ebook)

978-85-7993-413-1 (impresso)

1. Idoso e gênero. 2. Idoso e sexualidades. 3. Narrativas pessoais. 4. Autores. I. Título.

CDD – 370

Capa: Hélio Márcio Pajeú com desenho de Genésio Fernandes. Título da obra: Diálogo com o estranho, 2015. Técnica: acrílica sobre papel. Dimensões: 48 cm x 33 cm"

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Nair F. Gurgel do Amaral (UNIR/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil)



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2017

Dedicamos essa obra à memória dos amigos
Márcia Maria Rodrigues e Nuno José Lamela Costa
Dias Alves, que em um curto espaço de tempo
alegraram nossas noites, nossas vidas e nos
inspiraram muito na busca pelo conhecimento,
com seus gestos e palavras. Essa ausência será
sempre sentida por todos nós!

Sumário

Apresentação	9
Léia Teixeira Lacerda Kátia Cristina Nascimento Figueira Maria Leda Pinto	
Prefácio	13
Guilherme Rodrigues Passamani	
1. As concepções de idosos sobre as relações de gênero e sexualidade	19
Gabriela Hvala de Figueiredo Jéssica Moraes Barbosa	
2. Relações de gênero e sexualidade: viajando nas memórias de idosos dos anos cinquenta	33
Gleiciane de Souza Pedrosa Jolcilyne Cristina Sampaio	
3. As marcas das relações de gênero e sexualidades nas narrativas de idosos do século XX	49
Andréa Colares de Oliveira Mircéia Terezinha Suffiatti Mesnerovicz Vareiro	
4. A melhor idade: lembranças de idosos sobre gênero e sexualidade	83
Bruna Mayara Pinto Marineide da Silva Diniz	
5. Gênero e sexualidade: recordando as experiências de idosas	93
Estefânia Stela Álvares Bezerra Milene Costa Ferreira Oliveira	

6. Vivências da sexualidade no casamento: registro de memórias de idosas	101
Ingrid Queiroz Oliveira de Souza Luana Soares Garrido Salazar	
7. Aproximação entre passado e presente: memória de idosos sobre gênero e sexualidade	127
Louise Arruda Sena dos Santos Wânia Ottoni da Silva	
8. Memórias de idosos: otobiografando gênero e sexualidade	159
Fábio Palácio Batista Loiriane Fernandes da Silva	
9. Tabu e preconceito nas memórias de idosos sobre as relações de gênero e sexualidade	169
Ana Lúcia de Jesus Vasconcelos Luciana Marcondes de Moura Brum	
10. Sexo?! no meu tempo não tinha isso...	179
Irisnéia Seixas Moura Lins Evelim Matheus	
11. História de vida de idosas na perspectiva das relações e gênero e sexualidade	189
Daniela de Souza da Silva Karina Conrado Leonardo Dias	
12. Memórias de uma idosa: sexo era só para homens...	205
Elizângela Pinto Silva	
Autores/as	213

Apresentação

Esta obra reúne os resultados das pesquisas desenvolvidas pelos discentes no projeto de ensino: *Registro de Memórias dos Idosos sobre Sexualidade, Relações de Gênero e a Geração LGBT*, vinculado ao Projeto: *A Trajetória de Formação no Curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande* desenvolvido na Unidade de Estudo: Gênero e Educação do referido Curso, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, financiado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul/Fundect, por meio dos recursos financeiros do Edital nº 025/2015.

A ideia de registrar as concepções dos idosos sobre sexualidade e relações de gênero, por meio de um roteiro de conversa surgiu quando apresentamos aos discentes os seguintes questionamentos em sala de aula: o que é ser autor de um texto? Qual é o mecanismo que possibilita ao pesquisador constituir-se autor? Para refletirmos sobre essas questões desafiamos os discentes da 2ª Série do referido Curso, em 2016, a fazerem um exercício de construção de autoria, por meio da compreensão da sexualidade e das relações de gênero estabelecendo uma inter-relação com o registro das histórias de vida de idosos.

Assim, para subsidiar esse desafio é preciso considerar que ser autor compreende a construção de um estilo próprio. Segundo Possenti, “autor + singularidade constituem o estilo de escrita e de oralidade. Esse autor ainda nos ensina que “(...) um texto só pode ser avaliado em termos discursivos quando passa pela questão da subjetividade e de sua inserção em um quadro histórico, em um discurso que histórica e socialmente lhe dê sentido.” (POSSENTI, 2009, p. 106).

Dessa maneira, as memórias dos idosos estão marcadas por um contexto histórico que oportunizou aos discentes/autores se verem escrevendo a história de vida desses participantes, momento em que, pelas vozes do Outro, vivenciaram a possibilidade de confrontarem as suas crenças e vivências com as visões de mundo de homens e mulheres do Século XX. Dessa perspectiva, Possenti continua afirmando que (...) um dos indícios de autoria é dar voz aos Outros. Mas também, destaca que um texto bom é uma questão de *como* registrar essas vozes e experiências desse Outro. Dessa forma, os resultados do desafio proposto aos discentes são apresentados nos capítulos desta obra que os credibilizam como autores(as) que evidenciam “como se dá e se registra” a voz do Outro, conforme explicita Possenti.

Portanto, nas narrativas desses idosos o leitor encontrará o registro de memórias dos tipos de brincadeira vividos entre meninos e meninas; como era a convivência entre gêneros; a educação sexual recebida ou não no contexto familiar, bem como os fatores que contribuíram para que optassem por discutir sobre a sexualidade com seus filhos, filhas, marido ou esposas, netas e netos.

Assim, as histórias de vida podem revelar muitas possibilidades de compreensão do sujeito participante enquanto ator social, possuidor de identidade cultural, bem como contribuir para a valorização dos seus códigos culturais e da sua cosmovisão de mundo. Essa concepção está fundamentada nos estudos de Verena Alberti (2011, p. 156) que afirma que esse tipo de história: “é uma metodologia interdisciplinar por excelência, pois se beneficia de ferramentas teóricas das diferentes disciplinas para ampliar o conhecimento sobre a trajetória de vida de determinados sujeitos”.

Segundo Gussi (2008) a perspectiva de trabalho com as histórias de vida evidencia três aspectos dessa abordagem: o primeiro, fornece informações do contexto social no qual o biografado está inserido ao evocar suas memórias; no segundo, revela subjetividades distintas que compõem a identidade humana e, no terceiro, desvela a dimensão intersubjetiva entre o biografado e o pesquisador.

Nessa mesma lógica, Chizzotti (2006, p.101) define o uso de história de vida nas pesquisas acadêmicas como “um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida”. Portanto, o registro de memória desses idosos possibilita a compreensão de diferentes subjetividades dentro de um mesmo grupo social, bem como produz fontes e reflexões autorais do seu percurso de vida diante das vivências da sexualidade e das relações de gênero.

Essas fontes ficarão disponíveis no Centro de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação, Linguagem, Memória e Identidade/CELEMI, no acervo do Centro de Documentação de Educação, Linguagens e Diversidade Cultura de Mato Grosso do Sul, vinculado ao Grupo de Pesquisa: Educação, Cultura e Diversidade, como também serão disponibilizadas para utilização por outros pesquisadores da instituição e de fora da instituição que desejam pesquisar a temática abordada na presente obra.

Finalmente, convidamos os leitores para conhecerem o resultado do trabalho desses jovens autores no conjunto de narrativas das histórias de vida desses idosos, que nos possibilita compreender suas vivências diante de um tema complexo e ainda muito carregado de tabus e preconceito.

Léia Teixeira Lacerda
Kátia Cristina Nascimento Figueira
Maria Leda Pinto

Referências:

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi et al (Orgs.). **Fontes Históricas**. 3ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2011. P. 155-202.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas qualitativas em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

GUSSI, Alcides Fernando. Reflexões sobre os usos de narrativas biográficas e suas implicações epistemológicas entre a Antropologia e a Educação. In: **26ª. Reunião Brasileira de Antropologia**, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008 (Comunicação Oral), Porto Seguro, Bahia, Brasil.

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, 183 p.

Prefácio

Recebi com alegria o convite das professoras Léia Teixeira Lacerda, Kátia Cristina Nascimento Figueira e Mircéia Terezinha Suffiatti Mesnerovicz Vareiro, organizadoras do e-book *Diálogos com os idosos sobre relações de gênero e sexualidades*, para prefaciar a obra. Um tema, cada vez mais atual e cuja problematização necessita popularizar-se. No entanto, a alegria inicial teve como companheiro inseparável o senso de responsabilidade em me aventurar em uma área que não é, diretamente, a área em que atuo. A obra é da área de Educação e minha zona de conforto encontra-se na Antropologia. Portanto, foi satisfatório e desafiador ao mesmo tempo prefaciar o presente e-book.

As pesquisas que desenvolvi durante os últimos cinco anos buscaram promover a intersecção entre envelhecimento, memória e condutas homossexuais entre pessoas com mais de 50 (cinquenta) anos, na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul. Essas questões buscam compreender essas diferenças, tanto no que diz respeito à complexidade das estratégias utilizadas pelos sujeitos em uma região não caracterizada como grande centro urbano, quanto em um momento do curso da vida em que esses temas, em tese, constantemente, são tratados como ultrapassados.

As intersecções possíveis entre gênero, sexualidade e envelhecimento, presentes em todo o e-book, a partir dos trabalhos realizados no Projeto de Ensino *Registro de Memórias dos Idosos sobre Sexualidade, Relações de Gênero e a Geração LGBT* — vinculado à Unidade de Estudo: Gênero e Educação do Curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul — somam-se a uma gama de produções acadêmicas sobre o tema, que, sem

dúvidas, encontra em *A Reinvenção da Velhice*, de Guita Debert (2004), uma importante contribuição.

O debate proposto neste e-book apresenta um olhar crítico a visões meramente positivas sobre o envelhecimento que acabam por encobrir os problemas que seguem acometendo uma parcela significativa de sujeitos que vivem essa etapa da vida. Se por um lado, a velhice não é mais o fim de tudo, um trágico caminho de sofrimento que leva à morte e sobre o qual a Gerontologia está empenhada em produzir uma visão otimista dos ganhos que o envelhecimento traz, por outro, ainda é preciso perceber como as imagens positivas associadas ao envelhecimento podem encobrir a realidade daqueles que não vivem bem. Ou seja, há a construção de uma ideia de que o “bem viver” do processo de envelhecimento ou da velhice é, sobretudo uma responsabilidade pessoal, individual, uma questão de se envolver no consumo de bens e serviços e adotar estilos de vida capazes de retardar as perdas próprias da velhice.

O e-book, a partir de suas diferentes abordagens — tendo como vértice de encontro questões que relacionam gênero e sexualidade no processo de envelhecimento — rapidamente me fizeram retomar o importante conceito de “curso da vida”. Ele se apresenta como um processo complexo composto por aspectos individuais, sociais e históricos que compreendem a vida a partir de um olhar menos linear — biologizante — e mais cultural. Além disso, o curso da vida, conforme Bassit (2000), precisa ser problematizado sempre em relação ao passado e às expectativas de futuro.

As narrativas desses/as idosos/as permitem construir um diálogo com o curso da vida, não apenas com os determinismos biológicos que constroem, de maneira estática, as idades. No entanto, possibilita erguer pontes entre as diferentes formas de viver, com as experiências acumuladas e com a própria memória que acaba por reconstruir histórias individuais e coletivas. Há uma flagrante tentativa de dissolver a noção de ciclo de vida, que também aparece na obra de Debert.

Juventude, por exemplo, passa a ser pensada não mais como uma fase, mas como um valor. Este me parece o ponto nodal de

todo o processo para pensar o envelhecimento hoje. Compreender a ideia de juventude — para além de uma fase, mas como um valor a ser conquistado, mantido e renovado em diferentes momentos da vida, até onde for possível — acredito ser o grande retrato da sociedade ocidental, no que diz respeito aos diferentes processos de gestão do envelhecimento e das compreensões e expectativas do que seja a velhice. Para tanto, recorre-se aos mais diversos recursos, desde farmacológicos até estéticos, passando por comportamentais, religiosos e cirúrgicos. (DEBERT, 2010).

Dessa perspectiva, este e-book, ainda que seja uma reflexão inicial desses/as jovens pesquisadores/as, é uma contribuição muito importante a uma área que precisa, ainda, consolidar-se, especialmente, no campo da Educação. Essa reflexão nos oportuniza compreender gênero, sexualidade e velhice, no final do século XX.

Neste momento começaram a ganhar maior destaque, talvez, em virtude do aumento da expectativa de vida da população em diversos países do mundo, bem como do interesse na criação de um mercado de bens e serviços empenhado em transformar o envelhecimento em uma experiência mais gratificante. Esse fato, igualmente, teve lugar no Brasil onde a visibilidade das pessoas mais velhas é uma crescente, pois esses saberes começaram a ser mobilizados para compreender, com maior atenção, os desejos e o erotismo desse momento da vida.

Como apontam Guita Debert e Mauro Brigeiro (2013), a ideia de “envelhecimento ativo” é o modelo mais em voga quando se trata de gestão do envelhecimento no mundo atual. Diante dessa tentativa da Gerontologia de positivação para esses sujeitos, a sexualidade se encontra em um lugar central, tendo em vista que manter uma sexualidade ativa ao vivenciar instantes mais avançados do curso da vida representaria, de forma indelével, a vitória de um “envelhecimento ativo”.

Esta tentativa da Gerontologia contemporânea faz frente a uma perspectiva que encararia a velhice e o próprio processo de envelhecimento como momentos em que se viveria uma “maturidade

pós-sexual” (DEBERT, BRIGEIRO, 2012), em que a sexualidade deveria ser deserotizada e desgenitalizada (KATZ E MARSHALL, 2003). As mudanças diante desta Gerontologia mais tradicional é que levaram à inclusão e à defesa da sexualidade no curso da vida, especialmente, na velhice. No entanto – como referido anteriormente – é preciso cautela entre esses dois extremos. Essa equação não é, ainda, de fácil resolução, pois é um caminho que está sendo construído e o e-book é mais uma contribuição neste sentido.

Dessa maneira, caros/as leitores/as, sugiro, fortemente, que vocês se aventurem até as últimas páginas do e-book e conheçam um pouco mais do trabalho de Gabriela Hvala de Figueiredo, Jéssica Moraes Barbosa, Gleiciane de Souza Pedrosa, Jolcilayne, Cristina Sampaio, Andréa Colares de Oliveira, Mircéia Terezinha Suffiatti Mesnerovicz Vareiro, Bruna Mayara Pinto, Marineide da Silva Diniz, Estefânia Stela Álvares Bezerra, Milene Costa Ferreira Oliveira, Ingrid Queiroz Oliveira de Souza, Luana Soares Garrido Salazar, Louise Arruda Sena dos Santos, Wânia Ottoni da Silva, Fábio Palácio Batista, Loiriane Fernandes da Silva, Ana Lúcia de Jesus Vasconcelos, Luciana Marcondes de Moura Brum, Irisnéia Seixas Moura, Lins Evelim Matheus, Daniela de Souza da Silva, Karina Conrado Leonardo Dias e Elizângela Pinto Silva.

Boa leitura!!!

Prof. Dr. Guilherme R. Passamani
Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social da UFMS
Coordenador do Núcleo de Estudos Néstor Perlongher –
Cidade, Geração e Sexualidade

Referências

BASSIT, Ana Zahira. O curso de vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade. In. DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. (orgs.). *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Mandarim, 2000.

DEBERT, Guita. *A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de privatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes antropológicos*. Vol.16, n.34, 2010. p. 49-70 .

DEBERT, Guita Grin; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. V.27, p.37-54, 2012

DEBERT, Guita Grin; BRIGEIRO, Mauro. A velhice, o sexo e o erotismo politicamente correto. In. PASSAMANI, Guilherme R. (Org.). *(Contra)pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual. Cursos da vida e gerações*. 1ed.Campo Grande: Editora UFMS, 2013. p. 29-48.

KATZ, Stephen; MARSHALL, Barbara. New sex for old: lifestyle, consumerism, and the ethics of aging well. *Journal of Aging Studies*, 17 (1): 3-16, 2003.

PASSAMANI, Guilherme R. *Batalha de Confete no “Mar de Xarayés”*: condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). IFCH/PPGCS – Universidade Estadual de Campinas, 2015.

1. As concepções de idosos sobre as relações de gênero e sexualidade

Gabriela Hvala de Figueiredo
Jéssica Moraes Barbosa

Introdução

Este texto, originalmente elaborado como trabalho de conclusão de disciplina Gênero e Educação, do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, tem como objetivo apresentar as experiências e dinâmicas vivenciadas por homens e mulheres de outras gerações, além de estabelecer uma relação entre o passado e presente, ou seja, entre a sociedade do século passado e a de hoje em dia. Para isso, foi pedido que entrevistássemos dois idosos e fizéssemos um registro de memória baseado em um roteiro de conversa, previamente estabelecido para a coleta de dados.

A primeira entrevistada é a senhora B. G. N, de 82 (oitenta e dois) anos de idade que mora no Rio de Janeiro e estava de passagem por Campo Grande, Mato Grosso do Sul e tem a doença de Alzheimer. A segunda é também uma senhora, H. L. B, de 73 (setenta e três) anos de idade, moradora da cidade de Campo Grande.

Ao aproximar as narrativas das duas entrevistadas, que possuem quase dez anos de diferença e moram em regiões com culturas distintas, são perceptíveis as semelhanças que existem quando se é falado sobre sexualidade e relações de gênero.

Quando crianças, as duas tinham relações bem parecidas: não se podia brincar com meninos, somente com as meninas e com brincadeiras apropriadas para o sexo feminino. Ao se tornarem

jovens, receberam conselhos parecidos de suas mães sobre namoro e casamento, conselhos esses superficiais e não muito informativos. Ademais, falar sobre homossexualidade era proibido e, ainda que soubessem que homossexuais existiam, elas não tinham contato, pois eles se “escondiam” para que suas famílias não se envergonhassem ou sofressem violência.

O "homossexual" era aquele que mostrava os desvios que o "instinto sexual" poderia tomar, quando atingido pela "degenerescência", teoria em voga na época. O "homossexual" passou a ocupar o lugar que a mulher ocupava até o século XVIII, isto é, passou a ser o "homem invertido". Desde então, começou-se a querer entender os mecanismos deste "desvio instintivo da sexualidade normal", a fim de corrigi-los (COSTA, 1995, p. 4).

Diferente do século passado e apesar de ainda existirem preconceito e violência contra os homossexuais, nos dias de hoje, as relações de convivências e amorosas são muito mais liberais. Atualmente, os pais possuem mais liberdade para falar com seus filhos sobre sexualidade, orientação, prevenção e métodos contraceptivos.

Além disso, há outros meios de informação que podem abordar esses temas, como sites especializados, livros e televisão. Na televisão, por exemplo, esses assuntos são abordados nas novelas, programas e séries, como a *Malhação*, seriado que aborda questões atuais, como a sexualidade, e tem como público-alvo os adolescentes, corroborando com as afirmações de Priore (2011, p. 9):

Século XXI: maior tolerância e quebra de tabus são a marca da primeira década. Bancas de jornal exibem “mulheres frutas” de todos os tamanhos. Nas propagandas, casais seminus lambem os beiços e trocam olhares açucarados. Nas novelas de televisão, em horário nobre, nenhum personagem hesita em ratificar suas preferências sexuais, em expô-las e em expor-se. Na frente das câmaras, segredos pessoais são revelados sem constrangimentos.

Práticas antes marginalizadas estão nas telas. A internet abriu um universo de possibilidades para o sexo.

Além dessas diferenças que a sociedade evidenciou, houve também a conquista de direitos por parte das mulheres. Como foi estudado nos diferentes textos dos teóricos do campo da sexualidade e observado na entrevista, as mulheres eram criadas para cuidar da casa, de seus filhos e de seu marido, ensinadas desde pequenas que deveriam se casar e respeitar seu cônjuge, raramente trabalhavam fora. Hoje, essa perspectiva de vida se alterou: as mulheres estão inseridas no mercado de trabalho, mesmo que ainda sofram injustiças quanto à diferença de salários e cargos em determinadas profissões, além de não serem mais socialmente obrigadas a se casarem ou a terem filhos.

A geração LGBT¹ também conseguiu garantir direitos sociais e espaço na sociedade, antes inexistentes, mesmo se considerarmos que ainda há registros de preconceito e violência contra essa população: eles são representados nas novelas, em filmes, além de terem conseguido o direito de terem festividades de reconhecimento, como a Parada Gay, evento que ocorre em muitas cidades brasileiras com pessoas que se unem nas ruas para comemorar e manifestar suas orientações. Também já existem uniões estáveis e casamentos homoafetivos, que demonstra que, aos poucos, esses grupos vêm conseguindo conquistar seu reconhecimento e seu respeito na sociedade.

Registro de memórias

B. G. N.

A entrevistada é brasileira, natural de Itaocara, Estado do Rio de Janeiro, possui 82 (oitenta e dois) anos, casada, do lar.

¹ LGBT - sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, que consistem em diferentes tipos de orientações sexuais.

E como eram as brincadeiras de infância entre meninas e meninos?
B quando eu era pequena ((disse com olhar nostálgico)) só podia brincar com minhas oito irmãs... já meus seis irmãos brincavam entre si... só podíamos brincar depois que ajudávamos nossos pais ou em casa nos afazeres ou... no caso de meus irmãos no comércio com meu pai... gente não saía para brincar na rua... brincávamos em casa

E do que você mais gostava de brincar com os meninos?

B eu e minhas irmãs não podíamos brincar com os meninos... somente entre nós mesmo... mas eu gostava de assistir eles brincando de futebol na rua, apesar de achar difícil ((disse entre risadas))

E o que essas brincadeiras representavam para você?

B ah, minha filha... eu brinquei muito pouco na minha infância... como uma das irmãs mais velhas eu tinha muitas obrigações... eu precisava ajudar minha mãe a cuidar da casa e dos menores... mas quando eu tinha oportunidade brincar de boneca era emocionante... fingir que a boneca era minha filhinha... agora você vê que eu só tive filhos homens ((risos))

E como essas brincadeiras e a convivência possibilitaram a sua compreensão sobre a sua sexualidade?

B sexualidade? como assim minha filha?

Após explicar o que significava ela disse:

B ah, sim eu sempre brinquei de boneca e de outras brincadeiras de menina porque era o certo... minha mamãe dizia que se eu era menina era para brincar com brincadeiras de meninas... não tinha isso não

E que tipo de educação sexual você recebeu dos seus pais?

Depois de explicar de uma maneira mais fácil ela respondeu:

B quando eu era mocinha... minha mãe me disse que eu tinha que encontrar um rapaz bom, trabalhador e temente a Deus... que eu precisava respeitá-lo e sempre agradá-lo quando fôssemos casados

E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação para o casamento? em caso positivo quem a ofereceu e como foi feita essa orientação?

B nunca ninguém disse nada não... só minha mãe que disse que eu tinha que fazer tudo o que meu marido mandasse fazer... que eu tinha que ser obediente e sempre agradá-lo... com os anos do casamento quem começou a agradar e a obedecer foi ele ((risos))

E conte-nos como era o tratamento entre os homens e mulheres na sua época? e após... a convivência diária do casamento?

B antigamente o tratamento era de grande respeito... bem diferente de hoje... os homens namoravam as mulheres em casa... sempre com alguém presente ou então o casal passeava na praça com uma das irmãs os acompanhando... depois que casavam as mulheres ficavam em casa cuidando dos afazeres e das crianças... sempre preocupada da janta estar pronta para o marido na hora certa... já os homens trabalhavam o dia inteiro e quando chegava a hora de levar seu filho homem para trabalhar... eles ensinavam

E quais os valores foram construídos pela família na sua educação ou desconstruídos?... isso te ajudou ou trouxe dificuldades em seus relacionamentos?

B ah... com certeza a importância e a valorização da união da família e da fé para que pudéssemos conseguir nossos objetivos ((disse pensando))... quando me casei e formei família meu marido e eu sonhávamos em construir nossa casinha... e para que isso acontecesse tivemos que fazer sacrifícios... eu tinha que dar de comida para meus filhos angustiar para que meu marido pudesse juntar dinheiro para comprar um terreno e devagar fazer nossa casinha... fazer também que meus três filhos estudassem e fossem alguém na vida porque eu só tinha feito o primário... com todas as dificuldades que tivemos para realizar nossos sonhos me distanciei um pouco de meus irmãos... principalmente depois que mamãe e papai morreram... mas depois com o tempo consegui me aproximar de algumas que ainda estão vivas ((disse triste))

E como é ou foi a convivência entre homens, mulheres e a geração LGBT na família e na sua atuação profissional?

B na minha família não sei se tem... acho que não ((disse pensativa)) porque todos são casados e com filhos... o único não casado é meu sobrinho neto... um rapaz muito bom trabalhador

gentil... é doutor cirurgião e bombeiro... ele divide o apartamento com um amigo já há alguns anos... esse amigo está sempre junto com ele... um rapaz bom e gentil também... eles têm um cachorrinho juntos... eu nunca trabalhei fora... mas costurava algumas roupas para ajudar em casa e... que eu saiba... nunca costurei para um rapaz que gostasse de outro rapaz ou uma moça que gostasse de outra moça

E em que momento da sua vida você percebeu a necessidade de refletir sobre as relações de amizade e as relações amorosas?

B quando eu aceitei casar com meu marido... eu tive que pensar se queria mesmo... porque teria que sair do estado do Rio de Janeiro para morar na capital por causa do emprego de policial militar do meu marido... e quando meus filhos quiseram casar... achei que estava perdendo eles

E quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos filhas marido netas e netos?

B eu tive que mandar meu marido conversar com os meninos para não arrumarem filho cedo antes de casar... porque eles eram muito novos e precisavam aproveitar a vida e estudar... nunca falei sobre isso com os meus netos porque todos moram em outros estados... já que meus filhos são militares... mas sempre que converso com eles por telefone... pergunto se estão com namoradinhos e se eles são de igreja... porque isso é muito importante

E você recebeu alguma formação sobre a convivência social entre homens mulheres e a geração LGBT por alguém?... como você define suas relações afetivas?... como você compreende as relações afetivas entre homens mulheres e a geração LGBT?

B ninguém nunca me falou sobre isso, apesar de já ter escutado alguma coisa na televisão... mas nunca me interessei porque não dou muita atenção para esses canais... assisto mais canais religiosos... eu me dou bem com todo mundo na minha família bairro e igreja... até com minha cabelereira que é homem mas se veste de mulher: ela é toda montada bonita sabe? até os peitos ela comprou... simpática... com um cabelo comprido... ah minha filha... todos nós somos filhos de Deus... essas pessoas ainda não encontraram Jesus... mas vão encontrar em nome de Deus

H. L. B.

A próxima entrevistada também é de uma mulher brasileira, natural de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, possui 73 (setenta e três) anos, casada e do lar.

E como eram as brincadeiras da infância entre meninas e meninos?
H bom... na minha época... eu acho que pelo menos parecia... transparecia pra gente que tudo muito inocente eram brincadeiras puras... brincadeiras de amarelinha... pular corda... esconde-esconde... eram uma atitude inexplicável com relação a agora... que as crianças não sabem nem o que é brincar amarelinha

E do que você mais gostava de brincar com os meninos?

H eu fui uma menina... cresci muito tímida... eu tinha vergonha de tudo não sei por que... e ... eu não tinha amizade com meninos... era algum que fosse da família e olha lá... não tinha... a minha criação... não vou dizer que foi uma criação rígida... mas foi uma criação difícil porque minha mãe não tinha... não tinha tempo de está expondo as coisas para a gente... a gente que tinha que observar e tirar uma dedução do que seria bom... do que seria ruim... mas eu não tive convivência com menino nenhuma...

E o que essas brincadeiras representavam para você?

H ((silêncio))

E como essas brincadeiras e convivência possibilitaram a sua compreensão sobre a sua sexualidade?

H bom... embora a gente não teve essa aproximação... a sexualidade é um... um sentido vamos dizer... que não é um dom... não é nada... é um sentido que prevalece tanto nas mulheres tanto nos homens... então automaticamente desde pequena... você tem aquela atenção que é mais atraída para a parte masculina... então você já começa ficar vaidosa... começa a se enfeitar... começa a conversar mais um pouquinho... e aí você vai tirando suas conclusões... mas isso demora muito... não é uma coisa assim rápida não... eu acho que é uma coisa muito bem elaborada pela própria cabeça da gente... a gente mesmo que vai fazendo aquela história... construindo aquela historinha porque não tem quem... na minha época não tinha quem desse aquele... conversas... que falasse que

conversasse... não tudo era um tabu... era um tabu tudo tudo tudo pelo menos na minha família foi assim

E que tipo de educação sexual você recebeu dos seus pais?

H nenhuma... a gente só sabia né por ouvir... por perceber as coisas que aconteciam é que a gente devia ter certa distância das meninas dos rapazes e que muita aproximação... muita coisa traria más consequências... mas educação sobre isso eu nunca tive... descobri por minha conta mesmo

E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação para o casamento? em caso positivo quem a ofereceu e como foi feita essa orientação?

H não... não foi bem uma orientação... tudo que eu recebi... tudo que eu ouvi... tudo que eu aprendi foi através da minha mãe... agora... a minha mãe sempre só falava esse negócio de ah... pra você namorar... pra casar tem que ter uma idade certa e pra construir família assim... tem que ter um sentimento muito verdadeiro e muito certo daquilo que você está pensando porque o casamento não é fácil... o casamento é difícil... então você tem que passar por muitas coisas... muitos altos e baixos... tem que ter muito... você mesmo com o tempo vai amadurecendo e separando o que é bom e o que ruim

E conte-nos como era o tratamento entre os homens e mulheres na sua época?... e após a convivência diária do casamento?

H bom... naquele tempo eu não sei... era tudo tão diferente de tudo agora... tudo tudo tudo... assim... havia mais respeito... havia mais seriedade nas coisas... não tinha tanta brincadeira doida como tem hoje não... tem tinha muito respeito e assim... entre rodas minhas e depois com o namoro tudo era sempre assim... o respeito era acima de tudo... então não teve esse esclarecimento assim... sobre nada não... tudo a gente mesmo que foi criando... eu acho que... eu que tenho cinquenta e dois anos de casado eu penso que as meninas também do meu tempo também cresceram assim... elas... a gente deduziam as coisas né... ou de outro casal como exemplo... ou a gente vendo as coisas que iam acontecendo... a gente tirava a nossa conclusão né... porque eu não tive... diretamente não... minha mãe só falava sempre uma coisa pra mim... casamento... a base fundamental é o respeito... tem que haver respeito... respeito

mútuo... porque se um dia um lado perder o respeito... você pode considerar seu casamento acabado

E quais os valores foram construídos pela família na sua educação ou desconstruídos?... isso te ajudou ou trouxe dificuldades em seus relacionamentos?

H não porque cada filho era diferente um do outro né... a gente fui eu por exemplo... passei por três etapas que foram três filhos... cada um absorvia uma coisa... nenhum era igual o outro... por mais que você ensinasse educasse tudo as mesmas coisas... pensava que fazia tudo igual... mas eles já tinham... já eram de opinião forte né... de propósito já estabelecido... quer dizer... não trouxe dificuldades para mim não porque meus três filhos sempre foram muitos bons... de gênero muito bom... se não aceitasse alguma coisa... não sabia também muita coisa... fiquei sabendo hoje porque eles não falavam não reclamavam aceitava muito... pelo menos calava... e não tinha... e não foram crianças de muita aproximação... criados assim com muito esse apego de pais e filhos... os meus não tinham muito disso não... tinham respeito tudo... mas esse chamego todo assim não existia não... então pra mim não teve dificuldade não... tinha dificuldade quando surgia um probleminha... uma coisa... mas a gente resolvia... lutava lutava e sempre conseguia vencer

E como é ou foi a convivência entre homens mulheres e a geração LGBT na família e na sua atuação profissional?

H no meu tempo não era assim tão aberto como hoje... era muito disfarçado... não aparecia assim essas pessoas do nada não... se misturando com os outros como se fossem todos iguais não... eles eram pessoas bem reservadas que você às vezes tinha convivência com a pessoa e não sabia nada sobre ela... principalmente nesse sentido né... mas eu nunca nem houve na minha família... nem no meu tempo... não havia essa rejeição por essas pessoas não porque eles eram muito escondidos... eles eram muitos... não é como agora aqui que escancara de tudo... de cara você já vê... eles acham que é uma vitória tudo não... era tudo por debaixo do pano... então não tinha... era difícil você afirmar... aquele ali é isso é aquilo... aquele ali é gay... não... para mim não houve muita diferença nesse ponto não... hoje em dia é muito diferente

E em que momento da sua vida você percebeu a necessidade de refletir sobre as relações de amizade e as relações amorosas?

H eu sempre fui uma pessoa meio fechada... mas não posso negar de que eu e meu marido vivemos uma vida boa... com muitas festas... com muita satisfação... mas por incrível que pareça... eu agora... depois de certa idade é que eu parei para refletir sobre amizade... porque eu me decepcionei muito... eu sou uma pessoa que... eu e meu marido... nós somos muitos sincero nesse sentido de relacionamento... quando a gente se dá... se dá por tudo... então aconteceram tantas coisas que nós ficamos muito decepcionados... pensávamos que não era isso... a gente tinha uma amizade como... até como se fosse uma pessoa da família da gente... e aconteceram tantas coisas... com tanto casais que assim que eu sinceramente fiquei muito decepcionada... muito triste... e parei para pensar mesmo... será que vale a pena? porque a gente se ilude muito... talvez a necessidade de ter aquela pessoa... de ter aqueles amigos de se divertir... você não pode fazer nada sozinho... então você procura... mas naquela procura você não vê os problemas que tem né? então... quando chega a perceber tudo... a decepção é grande... mas valeu a pena ainda assim... tudo que nós vivemos valeu a pena

E quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos marido netos?

H na verdade não houve fator... foi uma... também não é assim uma discussão... foi uma conversa de momento por necessidade de... assim... talvez que tenha acontecido... mas uma prevenção assim no sentido da sexualidade... uma conversa mais séria assim nunca houve porque não tinha... no meu tempo... também não existia... eu quando casei era bobona em tudo essas coisas... para mim era tudo... muita coisa nem existia né? então eu não tinha como passar para os meus filhos... primeiro que eu não tinha essa liberdade de expressão assim porque eu não tive essa vivência... mas eu quando falei... falei em caso quando precisou... tanto com meus filhos como com meu marido e algumas netas minhas... algumas... que não foram com todas... eu já conversei sim sobre isso... então é uma coisa muito... que hoje em dia eu acho que nem existe um tempo reservado para isso porque o mundo está tão aberto que é mais fácil eles nos explicar do que a gente querer explicar alguma coisa para eles

E você recebeu alguma formação sobre a convivência social entre homens mulheres e a geração LGBT por alguém?... como você

define suas relações afetivas?... como você compreende as relações afetivas entre homens mulheres e a geração LGBT?

H bom... eu nunca recebi uma explicação sobre esse assunto... eu sabia que existia... mas eu nem sabia que era uma variedade tão grande... eu pensava que era só um tipo e aí... com o passar do tempo... que foi aparecendo isso e aquilo... mas isso aí eu acho que eu não aceito quando o pessoal fala que é uma sem vergonhice... eu ainda não sei se é por muita ingenuidade... eu ainda acredito que isso é um desequilíbrio da formação da pessoa... do caráter... ele não é assim porque ele quer... ele é assim porque surgiu isso aí na vida dele como uma doença... então eu respeito um... não desrespeito... eu não destrato... eu acho que cada um tem o seu livre arbítrio de vida... se ele sentiu... ela sentiu qualquer coisa e quis se transformar... que seja feliz... eu não sou contra... mas nunca também ninguém veio falar assim que não você está errada... eu acho que todo mundo tem seu modo de pensar e meu modo de pensar é esse... eu não destrato... pra mim que ele seja feliz igual a nós sem diferença... mas não aceito falar que isso é sem vergonhice... que não é doença... que para mim é uma degeneração qualquer que dá no organismo da pessoa... não é normal... eu sou muito exagerada... então já tomei muito na cabeça por causa disso com parente, com amigo... com marido com filho com neto... porque eu sou uma pessoa que eu me entrego muito assim nas minhas amizades... eu modéstia à parte falando... sempre procurei ser uma pessoa bem sincera... sempre fiz para todos... toda vida eu fiz alguma coisa para alguém... então a decepção era muito grande né... quando você já estava com aquele caminho andado e aí de repente surgia uma... um caso... uma conversa assim que desmoronava tudo... eu ficava assim desiludida com amizade como estou hoje... eu tive tantos amigos e ao mesmo tempo não tive nada... eu acho que cada um é um... cada caso é um caso... ninguém pode ensinar ninguém... pode obrigar ninguém... pode fazer nada... cada cabeça é uma sentença... cada um pensa de um jeito... sente de um jeito acolhe de um jeito... mas eu acho que deve ser todo mundo assim com muito respeito... porque é um ser humano igual à gente que sofreu algum problema... então eu não gostaria de desprezar nenhum... não gostaria que o povo fizesse essas coisas contra... que fossem agredir... que fossem vaiar não... eles são iguais a nós... tem

muitas pessoas dessas que são boas... eu já conheci pessoas boníssimas como na parte do homem como na parte da mulher... então simplesmente eles são gay... são lésbicas... são transformistas

Considerações Finais

Ao finalizarmos esse trabalho concluímos que foi uma ótima experiência estudar, relacionar e compreender as contribuições teóricas abordadas na disciplina de Gênero e Educação realizando as duas entrevistas, pois tivemos a oportunidade de compreender os conceitos para escrever este trabalho. Dessa maneira, os registros de memória dessas idosas nos oportunizaram aprender sobre o nosso passado, entender de onde vem toda a carga preconceituosa que ainda vivenciamos na sociedade e compreender os avanços conquistados por meio de diferentes experiências vividas por essas idosas, tendo em vista que tudo isso é bem mais rico do que estudar apenas os textos em sala de aula.

Assim, pudemos lançar um novo olhar sobre a dificuldade que essa geração LGBT viveu para chegar até as conquistas dos dias atuais e entender como era a vida de uma mulher no século XX: uma vida com poucas oportunidades, poucos direitos e muitas obrigações, no meio doméstico e público.

No entanto, ainda é preciso conquistar muito mais, entender as diferenças e ou divulgar as informações que temos para que possamos contribuir com a extinção do preconceito e da violência que ainda ocorre na atualidade, sobretudo contra as mulheres, a geração LGBT e idosos.

Referências

B. G. N., **Relações de Gênero: Registro de Memórias Com Idosos**. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a FIGUEIREDO, G. H.; BARBOSA, J. M..

COSTA, Jurandir Freire. A construção cultural da diferença dos sexos. In: **Sexualidade, Gênero e Sociedade**. Publicação semestral, Ano 2, Número 3, Junho de 1995, p. 03-08.

H. L. B., **Relações de Gênero: Registro de Memórias Com Idosos**. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a FIGUEIREDO, G. H.; BARBOSA, J. M..

MONTEIRO, Silas Borges. **Para Além do discurso, a escuta das vivências: uma investigação otobiográfica**. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Pesquisa em Educação: Alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. P. 93-116.

PRIORE, Mary del. **Histórias Íntimas: Sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil Ltda., 2011.

2. Relações de gênero e sexualidade: viajando nas memórias de idosos dos anos cinquenta

Gleiciane de Souza Pedrosa
Jolcilayne Cristina Sampaio

Introdução

O presente texto tem a pretensão de discorrer sobre o registro de memórias de idosos, evidenciando as relações de gênero com o intuito de também compreender as mudanças ocorridas durante o século XX a história de vida desses idosos, no que diz respeito a essas relações. Para isso, realizamos entrevistas com a senhora T. A. A. e com o senhor S. R., que se dispuseram a relatar suas histórias e enriquecer este trabalho acadêmico com suas experiências de vida e visões de mundo.

A coleta dos dados foi realizada por meio de perguntas abertas que consideraram da infância até a fase adulta dos idosos entrevistados. Assim, identificamos nesses relatos quais foram as brincadeiras vivenciadas nesse período, se meninos e meninas brincavam juntos, o que significavam e o que isso possibilitou para a compreensão sobre a sexualidade, como, por exemplo, que tipo de orientação sexual receberam de seus pais, bem como se essas orientações ajudaram em seus casamentos e na sua vida profissional.

Além disso, investigamos quais os valores construídos com essa base familiar, qual o tratamento entre homens e mulheres naquela época, como era a convivência entre homens e mulheres da comunidade de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais – LGBT, em que momento da vida perceberam a necessidade de refletirem sobre essas relações de amizade e as relações amorosas, além de

verificar como se constituíram as concepções sobre sexualidade com seus cônjuges, filhos e netos.

Assim espera-se que a presente proposta seja um legado para nossa vida pessoal e acadêmica, posteriormente transformada em ensinamentos para os estudantes em sala de aula, tendo em vista nossa atuação pedagógica, como se pretende também que seja de grande relevância para o acervo cultural do Centro de Documentação de Educação, Linguagens e Diversidade Cultural de Mato Grosso do Sul da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Registro de memórias

T. A. A.

Nascida em 31 de julho de 1948, brasileira, casada, profissão do lar, nasceu na cidade de Martinópolis, São Paulo em um pequeno sítio de propriedade de seu pai, lugar onde cresceu. Em sua infância trabalhou na roça juntamente com sua família, pai, mãe, duas irmãs e dois irmãos na colheita de algodão. Estudou até a terceira série do ensino primário, maior nível oferecido em sua cidade. Casou-se aos 19 (dezenove) anos com um militar com quem permanece casada, teve três filhos, destes, dois já falecidos, e seis netos que são sua distração e orgulho. A única atividade remunerada que exerceu foi de costureira, ofício que aprendeu com sua mãe e manteve para ajudar na renda da família. Com trinta anos mudou-se para Itu, no estado de São Paulo onde viveu por alguns anos, em razão da transferência de seu esposo para o Forte Coimbra, localizado em Corumbá, nessa ocasião em que mudou-se para Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Falar de sexualidade ainda é um assunto complexo, principalmente para as pessoas que nasceram no início do século XX, sendo necessária uma abordagem cautelosa para que a entrevistada não se sentisse ofendida com as perguntas. Assim, a entrevista ocorreu em dois momentos, a primeira abordagem foi

feita com uma conversa informal com T sobre a possibilidade de fazermos uma entrevista referente ao tema. T aceitou e esse primeiro momento ocorreu no dia 16 de julho de 2016, fizemos uma visita no período da tarde em sua residência, inicialmente realizamos um breve comentário sobre o que perguntaríamos, falamos sobre sua infância e brincadeiras com meninos e meninas. E logo a mesma nos surpreendeu:

T eu nunca tive uma boneca... as minhas bonecas eu mesmo fazia de espigas de milho... vestia a espiga e amarrava um pedaço de pano em uma das pontas e aquilo era uma boneca... na verdade era bem parecida comigo quando ia colher algodão com meus pais e irmãos

Depois de alguns anos, já casada, ganhou uma boneca de uma amiga. Perguntamos como foi sua infância e ela foi espontaneamente dizendo:

T a gente brincava de roda passa anel... e brincava na colheita de algodão mesmo... tudo isso era uma verdadeira festa... misturava meninas e meninos... e não havia distinção no trabalho era todo mundo junto e tudo como uma brincadeira... e com os meninos gostava de brincar de bate-bate pega-pega esconde-esconde... tudo era brincadeira de criança... não existia isso é de menino ou de menina

Para a entrevistada as brincadeiras não despertavam nenhuma curiosidade sobre a sexualidade, pois na convivência com familiares era um assunto proibido, aliás, não havia nenhuma orientação de seus pais sobre educação sexual ou compreensão sobre sexo. Relatou que tinha duas irmãs e dois irmãos, quando perguntamos se recebeu alguma orientação sobre namoro, casamento ou alguma orientação sexual, lembrou-se de uma ocasião:

T numa manhã vi minha irmã solteira subir na carroça juntamente com seu namorado e a outra irmã e seu esposo... para ir até cidade... pois moravam em um sítio... quando vi aquela cena... perguntei para minha mãe se poderia ir junto... pois estavam quase todos da família... e minha mãe respondeu... não... porque ela estava indo se casar... e gritei... como se casar?... sem vestido de noiva e sem festa... pois sua outra irmã tinha sido assim com preparos para a cerimônia e vestido de noiva

Esse evento causou-lhe muita tristeza, pois não entendia porque uma irmã casou-se com tanta cerimônia e a outra não teve nada, nem vestido de noiva. Fato que foi esclarecido pela sua mãe, depois de alguns anos, quando ela já estava casada e com filho:

T o que ocorreu foi que minha irmã J tinha engravidado e não era casada... somente namorava o rapaz... e o casamento foi feito às pressas... para não causar constrangimento a moça e principalmente à minha família

A segunda visita ocorreu no dia 19 de julho de 2016, continuamos a conversa sobre casamento e se lembrou de mais uma situação:

T fui em um casamento que a noiva chorava muito... e mais uma vez não entendi o que estava acontecendo... pois casamento era um sonho para qualquer menina... pelo menos assim eu pensava que seria... mas esse episódio foi esclarecido... minha mãe me disse que à moça chorava porque ia se casar com um senhor de idade... o qual não conhecia e nunca tinha visto

Esses relatos expressam que T não obteve nenhuma orientação antes do namoro ou do casamento. Ela tinha duas irmãs casadas, que também não receberam nenhuma instrução, talvez por esse motivo também não orientaram a caçula:

T casei sem saber nada sobre sexo... sobre genitália feminina ou masculina e gravidez... o que sabia era que tinha que ser dedicada para a casa e para meu marido... esses era os ensinamentos que minha mãe e minhas irmãs me passaram

Lembrou ainda que a primeira menstruação aconteceu quando a mesma estava tomando banho em um riacho, achou que tinha se cortado, mas sua irmã disse:

T menina você menstruou... e eu fiquei espantada... pois não sabia que isso existia

T relata que entrou na escola com dez anos de idade, estudando até a terceira serie, pois o sítio que morava ficava distante seis quilômetros de sua escola, percurso que fez andando durante três anos, seis quilômetros de ida e seis quilômetros de volta. Falou com empolgação de sua professora Inês a qual nunca esquecera, demonstra frustração por não ter formado, pois a instituição em que estudou disponibilizava o ensino até a terceira série.

T casei com dezenove anos e trabalhei na roça até as vésperas do casamento... e na primeira noite já engravidei... não sabia nada sobre período fértil da mulher... pedi para meu pai para aprender a costurar com minha madrinha antes de casar... mas ele recusou meu pedido... e minha mãe vendo meu interesse desmanchava as roupas e eu refazia... e assim aprendi a costurar sozinha refazendo as roupas... e essa se tornou minha profissão... com a costura ajudo nas despesas de casa até os dias hoje

Em nossa conversa, mostra-nos que sua convivência com homens e mulheres não tinha mistério, pois sua educação tinha como base, o respeito:

T em minha casa não era permitido falar palavrão e nem respondiam os mais velhos

Seu primeiro contato com a geração de LGBT foi depois de adulta quando teve um vizinho em Itu, um rapaz cabeleireiro que era homossexual, isso não a deixou abalada, dizendo:

T acho que isso sempre existiu... mas tudo era muito escondido... não existia diálogo... hoje sei que ele mudou de sexo... se chamava João e agora se chama Joana... e é uma pessoa maravilhosa

Perguntamos se ela fala sobre sexualidade com seus filhos e netos, e nos respondeu:

T pra mim é um pouco constrangedor... não é um assunto que consigo tratar abertamente... acho que essa geração sabe mais que eu... mesmo assim oriento sobre gravidez... sobre as doenças sexualmente transmissíveis... crio uma netinha desde pequena e procuro orientar bastante sobre questões que eu gostaria de ter tido esclarecimento... como menstruação... mudança do corpo gravidez casamento e também homossexualismo

Assim, a entrevistada finaliza a conversa dizendo:

T nunca recebi nenhuma orientação sobre convivência social entre mulheres e homens e a geração LGBT... no entanto... acho que minhas relações afetivas são normais... e compreendo as relações homoafetivas inclusive tenho sobrinho neto homossexual

E também nos ensina que encara tudo de forma natural e sabe conviver com as diferenças e respeitando as pessoas.

S. R.

Nascido em 03 de setembro de 1950, brasileiro, viúvo, comerciante, nasceu na cidade de Corumbá, Mato Grosso, atual estado de Mato Grosso do Sul, viveu sua infância na fazenda Santa Cruz com seus avós maternos no município de Poconé, Mato Grosso, lugar onde viveu até por volta dos 13 (treze) anos.

Obteve alfabetização no método preceptorado oferecido por suas primas nos períodos que passavam as férias na fazenda. Com 5 (cinco) anos ingressou na Escola Estadual Dom Francisco de Aquino Corrêa/Distrito de Cangas-Poconé/MT em 1955, e como já era alfabetizado, entrou na segunda série do ensino primário, e cursou até a admissão, curso antecedente ao ginásio. Após o falecimento de seus avós foi estudar em Cuiabá, Mato Grosso, morando em casa de parentes onde cursou até a oitava série ginásial. Casou-se aos 20 (vinte e cinco) anos com M, com a qual teve 7 (sete) filhos, um faleceu após o nascimento, nesse período já residia na cidade de Corumbá onde concluiu os estudos fazendo técnico em contabilidade. Atualmente reside em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, casado com I com a qual tem quatro filhos.

A entrevista com S deu-se a partir de uma visita em uma manhã do dia 18 de julho de 2016. Iniciamos com uma conversa sobre as relações atuais: casamento, separações, relações de gênero, não tivemos dificuldade para abordar o assunto com esse idoso, pois em seu meio familiar a comunicação é aberta sobre essa temática, além da disposição para orientar os filhos e os netos para tratar desses temas, porém, percebemos certo constrangimento quando direcionamos o assunto para a vida pessoal e suas relações.

Ao ser perguntado sobre sua infância, as brincadeiras e a convivência familiar foi como se S entrasse em transe, antes de responder seu semblante ficou triste e seus olhos lacrimejaram:

S vivi até os 13 (treze) anos com meus avós maternos... fui dado ainda bebê pra minha vó... por que o meu pai estava neurótico depois que voltou da guerra... e quando me conheceu queria me matar por ter nascido negro e ser muito parecido com ele:: ele achava que o mundo só iria trazer sofrimentos... e minha mãe me contou depois que a reencontrei já adulto que foi por isso que me deu... pra me proteger do meu pai... ((apesar disso, relata que sua infância foi muito saudável)) enquanto meu avô era vivo eu era muito feliz... tinha uma infância normal... fazia minhas obrigações como tirar leite e dar comida aos animais criados no quintal da casa

de minha avó... que era uma chacrinha... mas nas horas livres gostava de tomar banho de riacho... subir em arvores e ouvir historia que meu avô contava... essas brincadeiras eram em grupo... junto com meus primos que eram a maioria meninas... eu era muito peralta... gostava de andar a cavalo montar em bezerro... mas na maior parte do tempo eu fica sozinho... preferia brincar sozinho... eu era discriminado por meus tios por ser escuro... nem entendia o que era isso... mas preferia evitar pra não levar preocupações pro meu avô que cuidava muito bem de mim... mas eles não gostavam muito que eu brincasse com as filhas deles

Quando perguntamos sobre educação sexual, orientações sobre relacionamentos e convivência de homens e mulheres em sua infância, S surpreende com sua declaração:

S tinha muita curiosidade em ver o corpo das meninas... eu via os animais os touros subindo em cima das vacas e os porcos também e queria saber o que estavam fazendo... sei lá acho que era instinto masculino ((risos)) ver o corpo feminino pra mim era uma fantasia... meus avós eram muito recatados... o assunto sobre sexualidade era um tabu e por isso não recebi nenhum tipo de orientação sobre relações... a gente aprendia na marra... na vida... mas existia toda uma gentileza no tratamento com as mulheres... tudo com muito respeito... a mulher tinha que ser recatada... casar virgem saber cozinhar e cuidar da casa para arrumar um bom casamento... se a mulher fosse namorada era mal falada... discriminada e excluída socialmente... e os homens tinham que ser responsáveis... trabalhador e sincero com a sua esposa porque a família era algo sagrado... não era como hoje que o casal já casa pensando que se não der certo separa

Com a morte de seus avós a discriminação acentuou e ocupou uma posição de empregado em sua casa, o que não aceitou e fugiu, morando na rua e trabalhando para sobreviver, a partir dessa experiência define que seu aprendizado moral foi à lei da sobrevivência, conviveu com prostitutas e empregados de comitivas, e com um bruxo curandeiro que morava no mato, no

qual declara que teve uma participação importante em seu crescimento e o ajudou muito depois que fugiu de seus tios:

S eu cresci no mundo... morei na rua e vivi no mato... até que esse bruxo me acolheu... perdi a virgindade com uma prostituta bem mais velha do que eu... ainda moleque... eu vivia nesse prostíbulo... era o xodozinho da mulherada ((risos e logo lágrimas escorrem em seu rosto)) peguei uma doença venérea gonorreia... e esse curandeiro cuidou de mim... me curou com seus remédios caseiros e me deu muitas orientações sobre a vida

Assim, S relata que aos 19 (dezenove) anos resolveu procurar a mãe em sua cidade natal, Corumbá.

S não me adaptei em meio aos meus familiares apesar de me receberem muito bem... acho que devia ter algum tipo de mágoa sei lá... mas preferi me afastar e voltei a viver sozinho... e resolvi investir em meu futuro... fui agregado na Marinha do Brasil para prosseguir meus estudos

Conheceu sua futura esposa em uma festividade de fim de ano, com quem casou as 25 (vinte e cinco) anos e teve 7 (sete) filhos.

S M era mulher direita de família... a família dela não aprovou o namoro porque eu não tinha posses e cresci no mundo... cidade pequena todo mundo se conhecia... e a minha história correu no povoado... diziam que eu era mulherengo... e isso me deu mais motivação pra querer casar com ela... falei que se não deixassem ela se casar comigo eu ia rouba-la ((risos)) e arrumei briga com o pai dela que era peão e capataz de fazenda... brabo ((risos))... mas depois eles viram que eu era trabalhador e responsável... eu já trabalhava numa posição de gerência em uma empresa conceituada... onde entrei como faxineiro e subi para gerenciamento... mesmo assim o casamento não foi aprovado por todos... mas ela também queria e tiveram que aceitar

Após o casamento S diz que nunca permitiu que sua esposa trabalhasse fora, dizendo:

S trabalhei muito para dar uma vida boa e digna para minha família... educação e estudo para meus filhos e para minha esposa... como M cresceu na fazenda ela nunca estudou... era semianalfabeta... as filhas do dono da fazenda quando iam passar férias davam aulas pras crianças da fazenda... mas isso era na hora que não estavam trabalhando... ((e conta isso com muito orgulho é possível perceber o brilho em seus olhos)) eu queria dar a eles tudo que eu não tive que me foi tirado depois que minha vó morreu

Em razão da sua história de vida, decidi juntamente com sua esposa adotar uma conduta de diálogo com seus filhos.

S sempre orientei abertamente sem muitas restrições sobre relacionamentos... sexo drogas inclusive higiene intima... menstruação e virgindade... mas preferi ensinar tudo na moda antiga por que a maioria dos meus filhos eram muié... ((risos)) até parece castigo ((risos))

Disse-nos que se orgulha da criação e educação moral que norteou a vida dos filhos, e enfatiza que são bem decididos e posicionados socialmente. Quando falamos da geração LGBT percebemos que trata as relações de gênero com bastante hostilidade:

S antigamente não se via essas aberrações... se existia eu nunca vi... homem com homem e mulher com mulher... Deus criou homem e mulher e pronto pra mim o normal é isso o resto é tudo aberração da natureza... gente que só quer orgias

Mesmo diante dessa declaração S se julga adaptável à modernidade, embora não acha certo o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, fala que:

S o amor é espiritual e o sexo é físico... e hoje em dia se dá mais prioridade ao prazer que o sexo oferece... mas já convivi e tive muitos amigos viados... não tenho nenhum problema com isso desde que não venha com graça pro meu lado... ((risos)) são pessoas boas que tiveram algum tipo de trauma com o sexo oposto e acho que isso é a principal causa dessas escolhas... essas pessoas deve ser que tiveram algum problema em seus relacionamentos e preferiram manifestar suas decepções se fechando e mudando de lado... e a mulher que escolhe outra mulher é porque não conheceu um homem de verdade... ((gargalhadas)) mas para mim homem tem que ser homem e mulher tem que ser mulher conforme Deus criou... mas respeito todo mundo com sua escolha

Após essa declaração finalizamos a entrevista perguntando a S se tem algum familiar homossexual e qual seria sua reação se um de seus filhos se declarasse homossexual:

S cruz credo... Deus me livre... na minha família todo mundo é normal... só se for muito enrustido ((risos)) não aceito um filho meu trocar de lado... criei macho e fêmea

Considerações Finais

O presente trabalho nos permitiu ter uma breve e rica noção de como eram as relações de gênero nas primeiras décadas do século XX, por meio de uma pequena viagem imaginária nas memórias de T e S. É muito importante compreender os processos de subjetivação que evidenciam as diferenças existentes nas relações e tratamentos que marcam esse passado por regiões e culturas nos estados do Brasil. Dessa forma, é possível fazer uma comparação entre a infância dos nossos dois entrevistados, pois ambos se dividiam entre o trabalho para ajudar a familiar, um por obrigação, outro por necessidade, a escola e as brincadeiras, das quais se lembram com um bonito sorriso no rosto, o que nos revelou que não havia uma divisão entre coisas de meninos e de meninas e a convivência era amistosa.

Quanto à sexualidade e a relações de gênero, em suas narrativas é possível afirmar que havia um tabu, uma posição de recato, intolerância e política de não abordagem sobre o assunto. As mulheres, por exemplo, eram preparadas para serem donas de casa e aprendiam a ser esposas já na convivência com o marido, sem nenhuma orientação prévia e sem qualquer conhecimento sobre o próprio corpo na maioria das vezes, evidenciado no episódio narrado pela entrevistada quando menstruou. Tudo o que aprenderam sobre sexo foi no dia a dia: T com seu cônjuge e S em suas “andanças” pela vida. Sobre alguns tabus da época, nossos entrevistados tratam as relações homoafetivas de forma natural, mesmo divergindo em suas opiniões, o que nos surpreendeu e nos ensinou muito com suas histórias e experiências de vida.

As memórias desses idosos nos permitiram estabelecer uma relação entre a infância e as questões de gênero no passado e no presente, esclarecendo-nos sobre a importância das orientações no que diz respeito ao corpo feminino e masculino e como essa abordagem faz diferença na divulgação de métodos contraceptivos, bem como a relevância do ensino sobre prevenção de gravidez e de infecções sexualmente transmissíveis, uma vez que sabemos que muitas esposas eram infectadas por seus maridos por falta de conhecimento. Diante da experiência vivida, os entrevistados adotaram uma política diferente sobre os assuntos: sexo e casamento, se baseando em um relacionamento de diálogo com seus filhos e netos, contando suas experiências e assim orientando-os com suas histórias de vida, forma que encontraram para abordar temas que para eles foram ocultados em demasia.

Falar sobre gênero e educação foi um grande desafio, principalmente pela abordagem necessária para abordar com pessoas com valores, costumes e preceitos religiosos ainda genuínos de meados do século XX. Com a entrevistada T, por exemplo, foi possível evidenciar a conservação desses fundamentos familiares, pois, apesar de sua forma descontraída

de se expressar, ela não conseguia mascarar sua vergonha sobre a dinâmica e as vivências da sexualidade.

Na década de cinquenta a moralidade de uma pessoa era algo extremamente esmerado por qualquer família: pensavam que criança não tinha sexo, convicções populares que foram quebradas por Sigmund Freud (1978), médico estudioso e renomado que afirma que a sexualidade começa desde o nascimento, quando uma criança procura saciar sua fome, ou seja, a boca se constitui em fonte de satisfação.

Freud (1978) definiu as faixas etárias da sexualidade em: fase oral (nascimento), fase anal (02 aos 04 anos), fase fálica (03 aos 06 anos) e fase genital (11 aos 12 anos), cujos estudos contribuíram para o melhor entendimento sobre assuntos que eram considerados “tabus”, como sobre última fase genital, que justifica o comportamento de adolescentes na puberdade, que desejam estar com alguém do sexo oposto e por isso é considerado normal o afrouxamento de laços familiares.

Essas questões não poderiam ser faladas ou questionadas à época, tudo era proibido. Um bom exemplo é a masturbação, que durante muito tempo foi considerada aberração. Mas, a partir do legado de Freud, outras pesquisas foram realizadas para assegurar que sua base teórica tinha fundamentação, apesar de ser vista inicialmente pela classe médica como pervertida.

T demonstrou em seu depoimento que muitas informações foram ignoradas por sua mãe e suas irmãs, por também serem criadas em uma educação cheia de intimidações e opressão de sentimentos, principalmente de culpa, fato expressado em sua lembrança do casamento de sua irmã que ficou grávida antes do casamento e também do seu próprio casamento sem o mínimo esclarecimento sobre sexo e a origem do nascimento dos bebês.

Essas etapas foram descartadas para sufocar a capacidade da criança de pensar e esclarecer suas curiosidades. Esses segredos levaram indivíduos muitas vezes a posturas rebeldes, como foi o caso da chegada da cegonha antes do tempo, pois não existiam os métodos contraceptivos. Se tais mistérios fossem tratados de

forma tranquila e ensinados por meio de lições básicas, não tomariam proporções exageradas e inadequadas no imaginário de crianças e adultos.

Uma das entrevistadas demonstrou ainda ser uma pessoa religiosa e que segue os preceitos da igreja católica frequentando à missa regularmente, hábito adquirido desde sua infância, mantido até hoje e ensinado também aos seus netos. Concluindo, a referida senhora demonstrou ser alguém a frente de seu tempo, orientando a nova geração sobre assuntos que jamais teria coragem de conversar ou até mesmo ouvir.

Por outro lado, o entrevistado S, demonstrou bastante emoção ao falar de seu tempo, principalmente por ter sofrido muito com a rejeição e com o abandono de seu pai e posteriormente com o falecimento de seus avós. Apesar de tudo, foi criado de forma livre por seus avós, aproveitando bastante a infância. E, diferente de T, tinha muita curiosidade sobre o corpo das meninas, por isso tinha o costume de ver os bichos fazendo cruzamento que, segundo ele, era coisa de instinto masculino.

S acentuou bastante o sentimento de “discriminação” vivido por ter a sua cor escura, preconceito herdado de seu pai e que ganhou bastante ênfase quando perdeu seus avós, passando a ser tratado como empregado. Em decorrência disso, afirmou que fugiu e viveu nas ruas, aprendendo a se virar de qualquer jeito.

Diante do exposto, é possível afirmar que os dois entrevistados tiveram fundamentos familiares e históricos de vida diferentes, o que contribui para terem valores diferenciados: T, ao ser deparar com uma pessoa homossexual, diz ser normal; já S diz que “homem tem quer ser homem e mulher tem ser mulher”, posicionamento evidenciado em seu relato por expressar o “machismo”, como padrão social ainda mantido no imaginários não só dos homens, mas também de mulheres até os dias atuais.

Referências

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise; A história do movimento psicanalítico; O mal-estar na civilização; Esboço de psicanálise.** São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Col. Os pensadores).

MONTEIRO, Silas Borges. **Para Além do discurso, a escuta das vivências: uma investigação autobiográfica.** In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M.A.S. **Pesquisa em Educação: Alternativas investigativas com objetos complexos.** São Paulo-SP: Edições Loyola, 2006. p. 93-116.

S. R., **Relações de Gênero:** Registro de Memórias Com Idosos. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a PEDROSA, G. S.; SAMPAIO, J. C..

T. A. A., **Relações de Gênero:** Registro de Memórias Com Idosos. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a PEDROSA, G. S.; SAMPAIO, J. C..

3. As marcas das relações de gênero e sexualidades nas narrativas de idosos do século XX

Andréa Colares de Oliveira
Mircéia Terezinha Suffiatti Mesnerovicz Vareiro

Introdução

Este trabalho está vinculado ao Projeto de Ensino da Unidade de Estudo: Gênero e Educação do Curso de Pedagogia, Licenciatura da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e tem como tema: Registro de Memórias dos Idosos sobre as Relações de Gênero. Visa apresentar as vivências de idosos sobre questões relativas às relações de gênero em diferentes espaços sociais que os entrevistados frequentam e/ou frequentaram, estabelecendo um elo entre gerações do passado e do presente.

Para isso, as pesquisadoras utilizaram de entrevistas gravadas em áudio e posteriormente transcritas, orientadas por um roteiro previamente elaborado. Os participantes caracterizam-se por um homem com idade de 65 (sessenta e seis) anos, identificado como S. A. S., e uma mulher com idade de 82 (oitenta e dois) anos, identificada como R. C.. Os entrevistados serão identificados na transcrição como S e R.

A escolha pelo registro de vivências pode ser justificada por uma afirmação de Nietzsche em uma de suas conferências sobre as instituições de ensino:

Mas pelo menos aprendi com seu convívio que as experiências mais admiráveis, mais instrutivas, as experiências decisivas, são exatamente as vivências, que estas constituem justamente o grande

enigma que cada um tem sob os olhos, mas que poucos compreendem como sendo um enigma, e que para um pequeno número de verdadeiros filósofos são justamente estes os problemas que permanecem ignorados, abandonados no meio do caminho e, por assim dizer, pisoteados pela multidão, antes que eles os recolham cuidadosamente e a partir desses momentos resplandeçam como pedras preciosas do conhecimento (NIETZSCHE, 2011, p. 123).

Além disso, “(...) conhecer a si mesmo não é examinar suas motivações interiores ou fazer brotar o conhecimento conservado no pavilhão da memória. É trazer em questão aquilo que se é” (MONTEIRO, 2006, p. 106). Assim, essas vivências não são apenas histórias narradas, mas uma fonte rica de conhecimento, pois os entrevistados não são objetos de uma pesquisa, mas autores desses saberes.

Temas como sexualidade, homossexualidade e relações entre homens e mulheres são vividos e debatidos de maneiras diferentes com o passar dos anos, discussões essas que expõem tensões religiosas, políticas e sociais próprias da cada época. Se no século XVII falar de sexo era proibido, censurado, a partir do século XVIII ocorre uma explosão discursiva sobre o assunto nas instâncias de poder, ainda assim estabelecendo-se regiões de silêncio, por exemplo, entre pais e filhos, educadores e estudantes, que determinavam onde, como, quando e com quem falar sobre esse assunto.

Os participantes deste projeto datam suas vivências das primeiras décadas do século XX, e em ambas nota-se ainda o silêncio entre pais e filhos, visto que nenhum de seus pais conversava a respeito de sexo ou sobre o que encontrariam no namoro ou no casamento. Uma herança geracional, já que seus responsáveis nasceram no século XIX e os progenitores destes entre o século XVIII e XIX, ou seja, carregando pelas gerações essa marca. Ainda S, que se casou em meados da década de 1970, não conversou com suas filhas a respeito de “certas coisas”, como ele

mesmo diz, o que corrobora com as investigações de Del Priore (2011, p. 127), que afirma que “(...) a repressão era forte e a ênfase no pudor, uma obsessão”.

Polêmico também era o homossexual: quando se ouvia falar dele, era sempre no sentido de “sem-vergonhice”, uma ideia construída devido à teoria do final do século XIX e início do XX que ele “(...) era aquele que mostrava os desvios que o ‘instinto sexual’ poderia tomar, quando atingido pela ‘degenerescência’” (COSTA, 1995, p. 07).

Dessa maneira, sobre as relações de gênero, S revela, por meio de sua narrativa, regras rígidas na escola em relação à separação entre meninos e meninas, tanto na sala de aula quanto no intervalo, bem como algumas restrições nas brincadeiras, até mesmo entre as próprias crianças. Já R, apesar de dezesseis anos mais velha que o primeiro entrevistado, relata que durante as atividades recreativas não havia restrições: meninos e meninas brincavam juntos.

Registro de memórias

S. A. S.

Chegamos à residência de S às dezoito horas e trinta minutos, sentamos na sala e nos apresentamos, conversamos muito sobre diversos assuntos, principalmente religião, encontramos assuntos em comum e rimos muito, foi um excelente “quebra gelo”, para posteriormente lermos o termo de consentimento e ele aceitou fazer o relato, solicitou que antes da gravação lêssemos as perguntas para que pudesse ter ideia do que o aguardava, assim o fizemos, o relato durou quarenta e nove minutos, mas ficamos por duas horas e meia em sua casa.

E como eram as brincadeiras de infância entre meninos e meninas?
S era diferente de hoje... muito diferente de hoje... era mais simples né... no passado as brincadeiras eram mais simplificadas... era brincadeira de esconde-esconde de roda de pega-pega...

E o senhor acha que antigamente tinha uma inocência que hoje já não se tem mais?

S sim era muito mais a inocência no passado nas brincadeiras simples... sem malícia sem maldade... hoje as crianças já nasce sabendo das coisa é diferente o pensamento... as crianças de dois três aninhos sabem de coisas que eu com sessenta e seis anos não sei... isso é ensinado inclusive nos conteúdos escolares... nas escolas já existe o ensinamento da matéria sobre a sexualidade sobre relacionamento né... totalmente diferente as brincadeiras do passado e da atualidade das crianças

E a gente olha... parece que no passado parece que tinha que chegar o tempo certo... hoje parece que o tempo vem antes...

S antes do tempo... chega antes... o tempo chega antes da hora né...

E seus amigos eram mais meninos ou meninas?

S eram mais meninos... naquele tempo era um preconceito danado...

E não se misturavam?

S não... muito não se misturavam muito não... os pais nem deixavam menino brincar com menina... naquela época era muita rigorosidade na educação...

E seus pais eram muito rigorosos... nessa parte?

S mais ou menos... no passado eram quase todos iguais... é a cultura da época

E do que você mais gostava de brincar com esses meninos?

S é... jogar bola... nadar no rio que passava perto de casa... quando nós moramos numa região que não tinha rio tinha um córrego o divertimento... juntava os amiguinhos doze treze anos o que que a gente fazia... ia lá pro córrego represar a água pra água subir e fazer um tanque pra nadar... era a nossa brincadeira na época basicamente era isso e jogar bola

E vendo o senhor contando que antigamente tinha o tempo de ser criança de curtir a infância e você vê hoje o tempo...

S hoje tá diferente... ele nem pensa em fazer isso... é o eletrônico é a internet é a televisão... é joguinho é zap zap essas coisas né...

E é e o whatsapp tira todo o tempo mesmo...

S até dos adultos... tem adulto aí que não faz outra coisa só no zap zap o tempo todo... né... não tem aquele diálogo em família... bater papo né... um relacionamento sadio não o marido tá na sala mulher no quarto se falando pelo zap zap... né... é uma realidade

E o que as brincadeiras representavam pra você?

S satisfação prazer de viver... morávamos a minha infância toda até os oito anos no sítio... então esse tipo de brincadeira representava a diversão da gente a distração... basicamente era isso

E e essas brincadeiras... podia brincar só quando terminasse alguma atividade em casa?

S sim... ia pra escola... criança são peralta mesmo... na ida os meninos já ia jogando bolinha de gude ganhava perdia... ia pra escola fazendo isso voltava fazendo isso... mas só que... se chegasse atrasado... meu pai sabia o horário pra chegar na roça com ele no cabo da enxada... se atrasasse o pau comia tinha horário pra tudo trabalhava dia de sábado dia de domingo pouca folga...

E e na escola... como que era as relações?

S na escola era aquela relação de simplicidade...

E com os colegas... também tinha muito essa divisão de meninos meninas?

S tinha tinha... menino era pra cá na hora do recreio menina lá no canto delas do outro lado... cada um brincando da forma correta menino com menino menina com menina... menina de repente brincando de passa anel e os meninos na bola jogando bola... mais ou menos assim.

Atribuímos à época de S a seguinte afirmação de Louro (2000, p. 24) na contemporaneidade:

As memórias e as práticas atuais podem contar da produção dos corpos e da construção de uma linguagem da sexualidade; elas nos apontam as estratégias e as táticas hoje institucionalizadas das “Identidades sexuais e de gênero”. Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras.

E como essas brincadeiras e essa convivência possibilitaram a sua compreensão sobre a sua sexualidade?

S ai ai ai... na minha opinião não influenciou nada não... influenciou nada não é norma... na brincadeira dificilmente menino brincava com menina... era menino com menino menina com menina... mas na minha opinião não influenciou nada não...

E e essa forma de brincar menino com menino sempre eram os pais que impunham?

S é já era tendência da época... se alguma menina saísse da roda delas lá pra ir brincar com menino os meninos mesmo já não aceitava as outras também... ah fulana o que você tá fazendo aí no meio dos meninos... professor não aceitava diretor não aceitava pai não aceitava e mãe não aceitava... não é como hoje que brinca tudo misturado e é normal porque mudou o sistema

E porque será que tinha essa separação?

S essa separação já era uma tendência da época

E será que era porque os meninos são mais brutos nas brincadeiras?

S não não é... porque a preocupação dos meninos com meninas né pra que nada de errado ocorresse...

E pra que de repente a sexualidade deles não aflorasse muito rápido de querer namorar?

S até que não é pelo fato de abreviar essa questão do namoro do relacionamento... é porque os pais achavam que não dava certo mesmo menino fica brincando com menina... e não permitia de jeito nenhum na minha época era assim... isso to falando lá pra trás na década de cinquenta sessenta... eu nasci na década de cinquenta depois tudo veio modificando... hoje em dia é muito diferente

E que tipo de educação sexual o senhor recebeu dos seus pais?

S olha... na verdade... os meus pais... na época não conversava sobre isso não... não conversava sobre isso não... e o pior que isso eu trouxe comigo até hoje... acho normal acho válido... não só aceitável como correto os pais conversarem com os filhos... mas hoje já tanto pai quanto conversar com filho ou com filha é normal... a medida que o tempo veio passando... no início... na minha época cinquenta sessenta nem tocava nesse assunto nem pai nem mãe nem ninguém... e mais ou menos na década de setenta pra cá já começou a mudar de forma que mãe conversava com menina e pai

conversava com os filhos... dava as instruções... hoje é normal tanto filha quanto filho tanto pai quanto mãe dar as instruções normais pode ser filho ou filha... aí já vinha mudando o sistema a maneira de pensar a maneira de ser e agir nesse aspecto

E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação para o seu casamento?

S também não

E não se conversava?

S também não... orientação... a pergunta era orientação através dos pais

E mas teve de outra pessoa de repente?

S também não

E o senhor sentiu a curiosidade pra saber se o senhor estava fazendo certo ou não?... de perguntar a alguém as vezes mais velho que o senhor...

S tava fazendo certo?

E por exemplo vai namorar a moça naquela época as vezes namorava lá e cá...

S era pelo buraco da parede... e o namoro era ela lá na cozinha e o rapaz aqui na sala ficava namorando o pai... lá uma vez ou outra a moça dava uma chegadinha na porta ali e fica mais tempo pra ver se depois o coro não come...

E foi assim com a sua esposa?

S na época minha com ela já tava diferente... na época minha com ela foi em setenta e seis

E ela é sua primeira namorada esposa?

S sim...

E o senhor tinha quantos anos?

S tinha vinte e seis anos foi em setenta e seis (1976) nós casamos... mas já tava meio diferenciado a coisa

E o senhor já tinha uma vivência com vinte e seis anos já tinha uma experiência...

S já já tava velho já vinte e seis ano...

E hoje em dia é novo se você for ver porque as pessoas estão casando tão mais...

S é... com trinta trinta e pouco tem uns que nem querem casar mais... não querem casar só querem ficar...

E existia isso na sua época?

S na minha época não esse negócio de ficar na minha época não... qualquer coisa nesse sentido já partia pra outro lado

E o senhor foi muito namorador? ou não conheceu sua esposa casou com ela?

S eu fui meio namorador sim eu fui médio não fui muito nem pouco fui médio... e eu comecei namorar tarde dezoito dezenove anos... hoje você vê menino com treze catorze quinze anos com namoradinho... menina com doze treze anos... hoje em dia o pai prefere que a filha durma com o rapaz em casa do que ficar na rua... tá nesse pé não adianta é a realidade.

E e o senhor não é favor disso?

S não sou nunca fui e nem serei... só que de repente em vez de você escolher uma coisa e outra você tem que forçosamente escolher aquela coisa menos mau... é o mal de repente você tem que aceitar um mal necessário... você prende a filha bate asa some e volta só daqui três cinco dias e aí? ... pior o pai não dorme a mãe não dorme... aí já tem o problema da droga mau caminho mau companhia tudo isso

E naquela época o senhor ouvia falar de droga?

S quando menino era muito difícil... e se eu falar pra vocês que até hoje assim... conhecer a maconha conhecer a cocaína não conheço...

E naquela época era mais a bebida mesmo que se via...

S era a bebida...

E não sei nem se o cigarro... já tinha o cigarro?

S tinha... o cigarro tem desde o início e não acaba nunca...

E então essas que eram as drogas antes mais antigamente a droga era essa...

S era a mais frequente era essa era muito difícil você... hoje em dia alastrou tudo... a coisa ta de um jeito que se você bobear... quando você pensa que não tem uma pessoa bem próxima da sua família entrando nesse caminho infelizmente... tem que tomar muito cuidado se apegar muito em Deus né mas é completamente diferente... a vida do passado a educação dos filhos... hoje em dias as criança adolescente nem pensar em trabalhar... eu comecei trabalhar com seis anos de idade com seis sete oito ano de idade eu já possuía a mesma responsabilidade que eu tenho hoje... minha mãe era muito doente meu pai sempre... onde falava que tinha um médico bom Goiás São Paulo Rio de Janeiro... e eu com nove dez

anos eu sou o filho mais velho da casa... eu tomava conta da roça não era como hoje... eu tomava conta de uma roça né e a minha irmã mais velha tomava conta da cozinha eu tinha doze treze ela tinha nove dez ela ia cozinhar e eu cuidar da roça... e os outros já foram crescendo tudo assim né... eu comecei a trabalhar no cabo da enxada mesmo no pesado com seis anos de idade... hoje em dia você vê cada adolescente forte barbudo não faz nada... o que é pior... nem sequer estuda como deveria fica só na internet e no zap zap... né é incrível esse tipo de coisa... e também se você for colocar seu filho pra trabalhar é perigoso até te por na cadeia denuncia... não pode fazer um trabalhosinho pra ir se preparando para o futuro por mais simples que seja que lei é essa não é verdade?... mas pode assaltar pode estuprar pode matar que tá acontecendo muito isso com os jovens... os bandidão tão usando os menor de idade como testa de ferro pra colocar na frente dos crime porque não dá nada pra eles... nem preso vai não pode prender não pode punir não pode fazer nada...

E acho que isso veio muito pra inibir o trabalho infantil...

S sim claro isso é preciso também tomar cuidado ser preservado pra o trabalho infantil o trabalho escravo... só que eu trabalhei fortemente esse tempo todo... to com sessenta e seis anos de idade não morri por causa de trabalho e isso só me ajudou pro meu futuro... pro futuro da minha família... a minha estrutura psicológica no meu dia a dia... nos meus anos de vida com a minha família... a minha família esposa e filhos bem como a minha família pai mãe e irmãos porque eu era o esteio da casa... e depois meu pai faleceu com cinquenta e oito anos e eu continuei a frente da responsabilidade... era tudo pequeno meus irmãos doze treze dez dezessete tudo adolescente e eu... olha... a minha responsabilidade foi muito grande

S esse relato se quiser até deixar gravado lá pode deixar que isso vai servir é uma história de vida uma história de vida... de responsabilidade de trabalho... que isso quem sabe até influencia pros legisladores de repente da uma olhada nessas lei que não deixa... tudo bem também não sou a favor da criança né... o que eu fiz no passado quando menino tinha que fazer porque não tinha jeito... meu pai quase não podia trabalhar não tinha quem... eu fiz o terceiro ano primário meu pai me tirou da escola falou ó... a família

creceu e você já sabe ler escrever e contar... no passado era assim... sabe ler escrever e contar tá bom... tá bom... vamos ter que aumentar a roça porque a família cresceu... eu chorei chorei de tristeza... o que que tinha eu a ve que a família cresceu... não deixaram eu estudar... só que depois que eu me formei dezoito anos eu saí da roça já tinha pedido isso pra Deus... Deus me deu tudo o que eu pedi... quando eu completar dezoito anos eu vou... completo a maioridade... meu plano meu sonho era seguir a carreira militar não deu certo... mas deu certo as outras coisas que Deus tinha reservado pra mim... tudo o que ele me deu foi só coisa boa... transformei a vida da minha família... quando eu saí da roça dois três anos depois minha mãe continuava doente doente doente doente doente... acabei tirando todo mundo da roça... eu pensava que eu não ia conseguir que meu pai não ia querer vim pra cidade acabou aceitando... consegui transformando totalmente a vida da minha família... primeiro ajeitei a minha família meus pai minha mãe meus irmãos... pra então somente depois eu me casar...

E por isso que o senhor se casou mais tarde, então?

S me casei mais tarde e eu tenho esse orgulho... tenho assim um prazer imenso de ter feito isso por obrigação responsabilidade que eu assumi... teve uma vez que eu tava com a mala... eu vim meu pai veio pro Mato Grosso eu vim na mudança junto... eu ia voltar deixei a minha mala lá no meu tio no Paraná e ia pra São Paulo pra estudar e me virar por lá... aí quando eu cheguei e vi um monte de criança e meu pai sozinho pra trabalhar minha mãe doente... se eu for pra lá puxa eu to cometendo um crime né... imenso... se acontecer alguma coisa com a minha família eu vou ficar... eu não vou me perdoar pelo resto da vida... eu vou me sentir culpado pelo resto da vida fui lá... busquei minha mala voltei... fui trabalhar com eles... comecei aí eu já tinha dezoito anos... já era meio dono do nariz... naquele tempo também não era bem assim não... você completou dezoito anos a moça com vinte e cinco trinta anos não mandava nela não era os pais que... ainda apanhava vinte e cinco ano trinta ano dezoito ano apanhava se cometesse erro... dissesse a apanhava não era como hoje não que...

E o menino também? o homem também ou só a mulher?

S também o homem também... o homem até filho homem até depois de casado o pai falava o bichinho aquietava... hoje em dia é

diferente... não obedece nem criança se você der um tapinha ele denuncia o pai vai preso acabou aí?

E não tamo na metade... o senhor já falou um pouco mas vamos reforçar... conte-nos como era o tratamento entre os homens e mulheres na sua época não mais criança... mas homens e mulheres... como que era o tratamento

S já rapaz moça rapaz e moça era o que eu tava te falando... o relacionamento era meio distante não é como hoje tanto faz... o namoro por exemplo era de longe era ela lá e ele cá namorava mais com o pai do que a moça...

E mas e o tratamento como que por exemplo o pai e a mãe se tratavam... as pessoas mais velhas assim na sua época... homens e mulheres até os rapazes e moças que não tinham um relacionamento mas que eram amigos de convivência como que se tratavam?

S esse relacionamento era normal... esse tipo de tratamento ele não mudou muito não a meu ver isso continuou... mudou assim no aspecto do respeito de filho pro pai na época é assim ó... nós tamo conversando aqui vamos dizer que... que vocês estivesse lá e eu aqui... aí o menino e aqui é a porta... se o filho chegasse ali ó e passasse entre o pai e a visita podia saber que depois o coro ia comer... não passava de jeito nenhum isso eu to falando... podia ser até rapazinho adolescente mocinha e era mais ou menos isso... mas o relacionamento dos pai com os filhos sobre diálogo...

E e os seus pais os dois como que era... do seu pai com a sua mãe e da sua mãe com seu pai o relacionamento deles assim?

S era um relacionamento bom... eles conversavam dialogavam dificilmente... dificilmente discutiam... já o meu com meu pai era da seguinte forma mais na base do recado através da minha mãe... falava com ela se eu queria alguma coisa... eu queria ir numa festa assim eu já rapazinho ir numa festa vai sem pedir pra ver... vai sem autorizar... eles falava vai mais tal hora ta... mas com quem você vai... queria saber onde era na casa de quem com quem iria e tal hora ta de volta... não chega pra ver e é assim... era um relacionamento bom mas era um relacionamento rígido...

E a sua mãe que era mais...

S maleável... eu falava com ela pra ela falar com ele... aí o recado voltava de novo

E então ela tinha um acesso bom a seu pai?

S tinha... ele não deixou não deixou acabou

E e os relacionamentos de amizade também não era muito íntimo assim que nem hoje... os relacionamentos de amigos... eu digo de amigos homem e mulher que hoje é um relacionamento íntimo mesmo de abraço de beijo naquela época tinha isso?

S ah não era muito não hein dificilmente...

E mantinha-se a amizade com mulheres? porque quando era criança era bem dividido e quando o senhor era mais adolescente?

S não... tinha assim... na verdade tinha amizade mas não era tão chegado como hoje era um pouquinho mais distante né na época... hoje já tá tudo misturado junto e misturado.

E antigamente muito do que eu ouvia dos relatos das pessoas mais antigas é que por exemplo... os pais até... ficavam mais presos os... até os adolescentes até mais mocinha ou rapaz porque se acontecia ter alguma coisa querendo ou não a família ainda era responsável a família que tomava... não aquele que fez a família que era responsável como se fosse a família que criou

S verdade... a família como um todo... aquele erro que o rapaz ou a moça cometeu implicava no constrangimento manchava a família toda... era dessa forma no passado hoje tá diferente... na época se uma moça engravidasse antes do casamento era um rebuliço era uma... parece que o mundo ia acabar né...

E e a convivência diária no casamento?

S bem... graças a Deus a convivência no casamento bem... é... cem por cento nunca é

E quando o senhor casou aos vinte e seis o diálogo que o senhor tinha com a sua esposa era um bom diálogo conversava sobre tudo... como ela era moça o senhor muito mais experiente... na verdade era o senhor que ia ensinar dúvida que ela tivesse... acontecia dela perguntar pro senhor... o senhor explicar tudo pra ela?

S é... nessa parte aí do diálogo não era não era não era cem por cento não uns cinquenta por cento só... porque ela toda vida foi meia quieta também meia retraída não é... não era nem muito de ficar perguntando nada não...

E porque nem os pais já ensinavam ou seja você continuava indo sem saber...

S é... já é o sistema a criação né da família... a formação da família né já não era muito de ficar dialogando sobre certos assuntos

E quais os valores foram construídos pela família na sua educação ou desconstruídos... isso te ajudou ou trouxe dificuldades no seu relacionamento... que tipo de valores que rodavam a sua família que te ajudaram ou te atrapalharam?

S ah... isso não só ajudaram na época como vem ajudando até hoje... a família bem estruturada... constituída bem estruturada é a base de tudo sem a família o que seríamos... então família é importante e pra mim só trouxe benefício...

E não teve nada que aconteceu que atrapalhou?

S não não houve... você sabe que em família sempre tem as divergências... mas hoje diverge amanhã já tá tudo bem novamente né... mas no geral o resultado foi positivo

E que tipo de valores o senhor trás de lá?

S experiência de vida aprendizado de várias coisas importantes no dia a dia que a gente coloca em prática... o filho respeitava os pais muito mais que hoje... como eu tava dizendo... podia ser moça ou rapaz se passasse o pai tava conversando com uma visita... se passasse no meio já era...

E e o senhor... pela criação que o senhor teve com seu pai acha que também foi rígido com seus filhos?

S como pai? eu fui rígido também como pai só que não fui tanto quanto os meus pais eram comigo, mas só que assim... muito pouco eu bati nelas... tenho duas filhas tanto que a prova tá aí a mais velha tá aqui a outra mora em Santa Catarina... mas nunca me desrespeitaram... nunca foi preciso bater nelas pra poderem me obedecer até hoje... isso são princípios que a gente preserva no coração dos filhos... hoje eu já vejo que os meus netos, os filhos dos meus filhos já não são criados como eu criei os meus filhos devido à influência do dia a dia... da modernidade mídia internet enfim... a mudança do contexto geral no seguimento da modernidade... que já não foram criados como eu criei os meus filhos né... a obediência a maneira de ser e agir é totalmente diferente

E como é ou foi a convivência entre homens mulheres e essa geração de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais... LGBT... na família e na sua atuação profissional?

S hum... como foi e como é até hoje?

E que o senhor se lembra de lá pra cá

S ah sim... no passado essa convivência era deficitária... era complicada... no passado quase ninguém aceitava isso... era discriminado as pessoas ninguém queria se aproximar dessas pessoas no passado... foi mudando essa maneira de ser e agir a ponto que hoje... atualmente já tá normal... já não há tanta discriminação e na nossa sociedade atual tá totalmente normal

E o senhor convive com alguém ou não?

S sim sem dúvida... tem um rapaz muito amigo nosso que tá sempre conosco na chácara... um amor de pessoa... fez parte da minha equipe de vendas... muito educado muito gente boa né... e tem uma menina na nossa família uma sobrinha que convive com outra mulher... essa minha sobrinha fazendo o papel de homem então por isso né que fala... as vezes que é tendência... educação não é... quando a pessoa já traz essa tendência de berço já vem com essa né natureza já nasce assim... não acredito que seja parte de educação dos pais né... já no passado essa convivência foi meia deficitária... no passado né... hoje não tem discriminação... tem mas é pouca em vista do passado

E o senhor se lembra se naquela época o senhor fala que às vezes vem da pessoa, nasceu... mas naquela época chegava culpar alguém ah foi pai?

S era uma época de que as pessoas eram muito mais ignorantes que hoje né... chegava culpar nem tanto os pais como culpava a própria pessoa... ele ou ela né... ah isso não é de natureza isso é sem vergonhice falavam né... é falta de cacete... falava na época até hoje fala e eu acho que não é... quando acontece acontece... pode acontecer em qualquer família... é a mesma coisa que o mundo da droga... quem é que quer um membro da família no mundo das drogas né mas foi não foi... se você não tem na sua família tem alguém por perto que você conhece

E em que momento da sua vida o senhor percebeu a necessidade de refletir sobre as relações de amizade e as relações amorosas?

S o momento? assim que eu fui passando da fase da adolescência para a fase adulta né... então você já tem que verificar essa mudança selecionar de repente as atitudes... amizade e o setor amoroso... é que amizade com namoro... o namoro começa pela amizade ((risos)) tem uma amiguinha daqui a pouco já...

E é nessa época o senhor já começa a refletir ah essa mulher é pra casar tinha muito isso? essa mulher é pra casar essa não é pra casar? S isso... não só tinha isso como até a vizinhança... ah fulano tá namorando com aquela moça lá aquela moça lá é mal falada... você não foi dessa época não vocês não foram não né... eu mesma namorei com uma menina lá no Paraná que tinha... acho que foi a primeira namoradinha minha... e a moça era mal falada nem tanto por ela a mãe dela olha só... a mãe dela a mãe dela o pessoal falava que a mãe dela ia pra cidade... a gente morava no sítio ela morava na fazenda... era uma vizinha assim na outra fazenda... e ela ia pra cidade e voltava uma semana depois... e essa menina que eu comecei a namorar ela o pessoal falava olha... cuidado seu filho namorando aquela moça lá ela é filha daquela dona que vai pra cidade e volta só semana que vem...

E julgando a filha pela mãe...

S você viu como que é a coisa né?

E ou seja se a mãe é assim a filha vai ser também...

S vai ser também não tem nada a ver né ignorância... ignorância né... a gente vê família que um irmão é uma coisa e o outro é outra... a irmã é uma coisa a outra irmã é outra coisa né... mas só que nessa época era desse jeito e eu terminei o noivado com ela por causa disso... o noivado não o namoro...

E é que antigamente como o senhor tinha falado... que se o adolescente faz algo errado mancha a família... então a mãe dela querendo ou não manchava a família?

S manchava a família... e se eu fosse namorar ela tava manchando a minha família também mesmo sendo homem... era rigoroso a coisa no passado não era fácil não... ((risos)) agora não... acabou isso... não tem mais tanto faz como tanto fez fulano beltrano...

E o senhor podia manter amizade com essa moça que era mal falada?

S não não não não podia não podia não... amizade... se ficasse junto com ela lá já ia pra boca do povo também né... ou as vezes também a moça namorar um rapaz galinha... irmão do céu não deixa sua filha namorar com aquele cara lá aquele cara sai da sua casa e vai...

E quais fatores contribuíram para que o senhor optasse por discutir sobre a sexualidade com suas filhas... o senhor discutia isso com elas?

S não discutia... nunca discuti com elas sobre esse assunto...

E foi a mesma coisa que foi com seus pais.

S isso nunca dialoguei com elas... a mesma coisa que nunca meus pais dialogaram comigo... sei que é errado isso o certo é dialogar é conversar né mas isso é uma coisa que já tá na natureza... é assim não teve jeito de mudar... tentei mas não consegui mudar... devia mudar até pra dialogar filhas netos mas não consegui até agora não consegui essa virtude... porque é uma virtude isso... tem que dialogar... principalmente a gente que é mais experiente pra passar a experiência pros mais novos pra que eles andem no caminho certo... apesar que poucos obedecem... tem um dito popular também que diz assim se os mais novos ouvissem um pouquinho mais os mais velhos não sofreriam tanto né... porque os mais velhos já passaram por várias experiências que os mais novos ainda tão passando... então se o mais velho disser não vai por esse caminho aqui que você vai se dar mal... a maioria dos mais novos ah esse velho não sabe nada o caminho que vou é esse aqui mesmo... quebra a cara aí já era... não ouviu né... se ouvisse sofreria bem menos

E o senhor recebeu alguma formação sobre a convivência social entre homens mulheres e a geração LGBT por alguém? o senhor recebeu alguma formação a respeito disso ou foram suas próprias experiências?

S isso

E mas alguém chegou alguma vez ouvir de alguém naquela época quando via uma pessoa que aquilo era errado?

S isso aí sim isso era comum ocorrer... eu trabalhava na construtora... cem duzentos funcionários né pintava boato olha... aquele cara que fichou... aquele cara desmunheca ((risos)) isso aí tinha sempre... sabe aquela moça que foi fichada lá no escritório... então rapaz diz que ela é isso isso e isso... isso sempre existia na época da minha carreira profissional...

E mas discriminavam ou só tinham os boatos?

S não nessa época já não era muito discriminado mas não era só buchicho... ninguém levava mais sério não

E como o senhor compreende as relações afetivas entre homens e mulheres e a geração LGBT?

S como eu compreendo ou se eu sou a favor ou contra?

E não como o senhor compreende

S eu vejo de forma normal porque... porque se fosse pela nossa vontade não existia... mas já que existe né cada um que viva a sua vida... ninguém tem nada a ver com a vida do outro... desde que não esteja influenciando maltratando ou fazendo alguma coisa incorreta pra gente... cada um viva a sua vida sem ficar cuidando da vida do outro...

E o senhor mesmo tem amizades como o senhor falou...

S então... gente boa... o que ele faz nas particularidade dele ou dela cabe a ela julgar e achar que é certo ou se é errado não é a gente né

E alguma outra colocação que o senhor queira falar que ache importante?

S eu acho que foi muito boa essa visita de vocês essa entrevista... inclusive até se quiser deixar lá pode deixar como eu disse... hoje vocês são moça né... a tendência a durabilidade longa bem longa ((risos))... como eu já sou bem mais de idade amanhã quando eu não estiver mais aqui no meio de vocês... de repente pode ser que algumas dessas palavras sirva pra alguma coisa de bem pra juventude né... principalmente quando eu digo que se os jovens ouvirem um pouquinho mais os mais velhos sofrerão menos né... pelas experiências dos velhos e a inexperiência dos novos né... então se acharem por bem deixar lá pode deixar... fiquei muito feliz muito contente com a vossa presença... falamos inicialmente sobre Deus que está acima de todas as coisas... em primeiro lugar buscai o reino de Deus e a justiça e as demais coisas todas vos serão acrescentadas não é isso?... então em primeiro lugar nós buscamos a palavra... depois fizemos o trabalho que vocês vieram realizar... espero que tenha saído mais ou menos a contento né... e finalizamos também a palavra de Deus que amai a Deus sobre todas as coisas né e vamos ficar com ele vinte e quatro horas por dia né e amar sempre o nosso próximo né

R. C.

Com a senhora R transcorreu muito parecido com a visita ao senhor S. No sábado anterior havia sido seu aniversário, conversamos muito a respeito antes de iniciarmos nossa conversa. Começou de maneira tímida, como se não lembrasse suas vivências, mas incitávamos as perguntas e a entrevista fluiu, no final ainda contou algumas histórias vividas com seu pai que a marcaram.

E como eram as brincadeiras da infância entre meninas e meninos?

R oh... agora eu tô lembrando... a gente convivia com os filho de uma vizinha... a gente morava num sítio não tinha luz não tinha nada

E qual a cidade que a senhora morava? era aqui em Mato Grosso do Sul?

R não não lá em Santa Catarina... era uma colônia de... era colônia os vizinhos moravam longe... durante o dia o pai e a mãe trabalhavam e eu ficava em casa com as crianças... eu sou a mais velha... então a mãe tinha oito filhos eu ia cuidando... a mãe dava mama eu tinha que... mais é trabalho que eu vou te contar ((risos))

E não tinha muita brincadeira...

R brincadeira era só domingo... domingo a gente juntava...

E juntava entre os irmãos e esses vizinhos?

R é... as vezes vinha menino e menina dessa vizinha e tinha um gramado assim e uma descida tinha umas árvores... a gente ficava... fazia um forno de tijolo vocês vão rir... a gente assava batata... naquele tempo tinha muita batata doce... assava fazia uma coisa de comida.. naquele tempo não tinha telha depois brincava também... descia aquelas tabuinhas que ficavam assim com a ponta ((fazendo sinal de ondulada com a mão)), agente pisava em cima daquele negócio e descia, as casas eram coberta de tabuinha de madeira, ficavam no sol ela ficava com a ponta meio levantada, agente muntava naquele negócio e ia...

E brincava assim menina e menino junto?

R ah... tudo junto...

E os pais deixavam?

R deixa... antigamente parece que não tinha malícia que nem tem agora... agora criança já fala em namorado a gente nem pensava em namoro... eu não brinquei de boneca nunca... não tinha... eu cuidava da casa né a gente naquele tempo não tinha carne era uma vez por semana

E quando a senhora se lembra dessa fase a senhora estava com quantos anos mais ou menos?

R acho que uns... a gente saiu do sítio eu tinha dez para onze anos... meu pai vendeu era um sítio pequeno mas o pai plantava... era meio longinho né... plantava milho... a gente não comprava trigo em pacote que nem compra hoje... fubá a gente levava tudo no moinho levava o milho trazia o fubá o arroz também...

E o que produzia...

R tudo produzia... aí o irmão do meu pai tinha um moinho daquele de pedra de antigamente que rodava aquelas pedras grandes... eu ia a cavalo minha mãe colocava... não era saca... era umas malas que eles faziam... botavam no cavalo fechada uma parte do lado e fechada meio comprida e outro lado... mas era grande né... eu levava e vinha e trazia e esperava para moer e trazia eu não brinquei quase... só brincava aos domingos... às vezes a noite quando a mãe ia visitá comadre ela tinha bastante filho também... nós ia junto... nós brincava debaixo daquelas árvores... tinha bastante pé de fruta... a mãe só saia quando tinha lua... porque não tinha luz...

E brincavam de que?

R de se esconder ((risos))

E e na escola como era a convivência de meninos e meninas?

R a gente brincava junto... até de bola às vezes ((risos))

E a senhora começou a frequentar a escola com que idade?

R acho que era oito anos... nossa eu passei trabalho que eu não sabia falar português... só falava italiano... a minha mãe e meu pai só falavam italiano né... só falavam italiano depois que veio... porque acho que onde a gente morava só tinha italiano... todo mundo falava italiano lá e quando foi pra mim ir pra escola... era longe a escola acho que tinha uns três quilômetros eu ia à cavalo... e aí cada um foi aprendendo

E a escola tinha essa separação meninas de um lado e meninos de outro lado ou tudo misturado?

R não... era separado

E e no recreio?

R tudo junto... brincava de bola passa anel misturava não tinha separação... as salas eram primeiro segundo terceiro e quarto tudo junto... acho que italiano não tem tanto né... Escola Santa Clara tinha capelinha era uma igreja onde a gente fez primeira comunhão... o padre vinha uma vez não sei a cada quanto tempo... festa tinha só uma vez por ano... aí a gente comia churrasco e tomava refrigerante... antigamente não tinha refrigerante todo dia que nem hoje nem existia assim... quando a gente morava no sítio era diferente... agora... vinho não faltava o pai tinha parreira e fruta não faltava... tinha fruta tudo quanto é tipo até maçã pai tinha... quando pai vendeu sítio e foi embora... aqueles pezinho de maçã desse tamanhinho cheio de maçã, a uva o pêssego... cada um... nossa... mexerica laranja tinha de tudo

E e os seus irmãos?

R os meus irmãos eram tudo mais novo que eu três anos e meio mais novo que eu... ele passou trabalho quando foi para a escola ih quem já...hoje fala bulin... antigamente ficavam rindo...

E tirando sarro caçoando?

R isso mesmo... eu ficava brava brigava enfrentava

E depois que saíram do sítio foram pra onde?

R meu pai vendeu o sítio... meu pai não tinha cabeça muito boa vendeu o sítio e foi... porque tinha um vizinho que morava do lado que era espanhol e morava em Joaçaba... eram bem de vida e no sítio deles não tinha água e o nosso tinha bastante água... tinha um arroiozinho que corria assim entrava assim né tinha uma estrada uma pontezinha... ele passava debaixo e passava em toda nossa terra até lá no final tinha uma altura que a água caia... e ele queria um sítio com água... ele perturbou tanto meu pai que vendeu... aí fomos pra casa da minha avó do meu pai da minha mãe não sei quanto tempo ficamos lá...

E já na colônia?

R lá na colônia também só que era bem pertinho de Erval do Oeste... a gente ia pra missa a pé acho que tinha uns três quilômetros... aí ficamos e não sei quanto tempo... acho deve ter sido um ano ou mais isso ou eu não sei... aí meu pai comprou uma sapataria... fazia sapatos e botas sanfonadas...

E ele já sabia o ofício ou ele aprendeu?

R não... ele aprendeu... meu irmão era mocinho tinha uns quinze anos... ele comprou de sociedade com senhor chamado Alfredão... cara alto ele era sapateiro aí pai aprendeu... meu irmão já trabalhava bem tinha um movimento bom... só que ele não comprou mais casa... alugou uma casa lá em Erval Velho onde vai para Campo Novos... o primeiro piquenique da escola que nós fizemos foi em Campo Novos... agora eu me lembrei

E como era a relação quando foi ficando mais mocinha as relações na juventude?

R olha... eu comecei a namorar acho que tinha uns dezesseis a dezessete anos já... aqueles namoradinhos mas a gente não... aqueles vizinhos mesmo...a gente preferia os que vinham de fora quando tinha festas de igreja...

E o seu pai proibia assim ou não?

R não até que não... a mãe que era mai chatinha

E como os rapazes cortejavam as meninas como faziam para chamar a atenção?

R olha... não to me lembrando direito faz tantos anos... eu mesmo não comecei a namorar cedo não acho que tinha mais assim uns ... não era namoro... depois que a gente mudou para o Paraná que a gente começou... ia nos baile ia dançar conversar dançando... era tão gostoso tinha tantos rapazes tanto rapazes que a gente... olha... a gente dançava a noite toda era difícil repetir par tanto moço... agora hoje a gente vai num lugar só tem mulheres né... lá em Cruzeiro do Oeste quando nos mudamos pra lá tinha baile bom... vinha aqueles rapazes de Umuarama daqueles lados...

E essas brincadeiras?

R ficava muito contente nossa... por isso nunca esqueci né... lembro até hoje daqueles que era bom para gente fazia bem... a minha vida num foi assim de muita... da escola eu vinha pra casa... outra coisa que meu pai trabalhava a noite plantava alfafa... acordava a noite tava tempo pra chuva... dava de noite ele e a mãe levava eu e tinha um paiol grandão e a frente dele toda aberta e eles aí me colocava pra dormir no paiol eles iam... pai falava que um dia encontrou eu com fexinho de alfafa na mão querendo ajudar ela ((risos))... eu e meu irmão puxava milho, meu pai quebrava o milho, lá em cima tinha uma subida grande

E essas brincadeiras... essa convivência que tinha com meninos e meninas não tinha malícia?

R não tinha brincava de tudo... de se pegar tanto num tinha aquelas brincadeiras

E como essas brincadeiras essa convivência possibilitaram a sua compreensão sobre a sua sexualidade?

R acho que na escola naquele tempo acho que a gente nem pensava nessas coisas sei lá... era tão diferente antigamente... eu comecei mesmo a namorar mesmo depois dos dezessete anos lá no Paraná porque antes... a gente não saía não tinha onde ir lá

E tinha diálogo em casa os pais conversavam com vocês sobre educação sexual sobre sexo?

R não... a mãe quando ficava grávida fazia uns vestidos bem largos pra não aparecer... amarrados assim que eu me lembro... eu já sabia que a mãe estava grávida quando punha esses vestidos... eles não falavam mas a gente já sabia a gente via que o corpo mudava né...

E mas eles não conversavam não ensinavam as mulheres?

R nada nem a menstruação...

E como que era como que descobria... sozinha?

R ah... entre as amigas

Diante dessa descoberta da sexualidade, Louro (2000, p. 07) em seu artigo integrante do livro *O Corpo Educado* relata:

Como jovem mulher, eu sabia que a sexualidade era um assunto privado, alguma coisa da qual deveria falar apenas com alguém muito íntimo e, preferentemente, de forma reservada. A sexualidade — o sexo, como se dizia — parecia não ter nenhuma dimensão social; era um assunto pessoal e particular que, eventualmente, se confidenciava a uma amiga próxima.

Essa dimensão restrita abordada pela autora, é evidenciada no discurso da entrevistada:

E as mães não conversavam... mas as amigas...

R tinha amiga de mais idade que já... porque eu menstruei com quinze anos as outras que menstruavam mais nova já... a gente não

se encontrava que nem agora com menina com moça... quando a gente era mocinha assim em Erval Velho memo... a gente fazia coisa de comer domingo reunia na casa da outra e ficava... nem era essas coisa que nem as menina agora já tão atrás cedo encontrando com menino já pensando em namoro naquele tempo não tinha isso...

E o que vocês conversavam lembra das conversas?

R agora você me apurou eu não lembro... mas o namorado a gente quase não falava eu não sei...

E mas tinha aquele negócio das moças se resguardarem, ter que se guardar pro marido?

R tinha... isso era muito... nossa

E já aconteceu alguma vez com um rapaz tentar ser mais pra frente?

R comigo não... eu namorei um cara que era vizinho mas eu gostei muito dele um tal de Geraldo... meus namorados só foi alemão ((risos)) eu gostava dele muito mas eu já costurava pra fora... a minha mãe nem pensar... naquele tempo tinha que cada um casar na sua igreja seguir a sua religião... a minha mãe não aceitava e a mãe dele também... ela era minha freguesa de costura a gente conversava e tudo... ela um dia falou pra mim porque eu não procurava uma pessoa que era da minha religião era muito melhor ela falou pra mim isso... nenhum lado queria né e antigamente a gente obedecia o pai e a mãe né eu era a mais velha e já ia começar a fazer... eu não sei explicar... que era uma coisa assim antigamente isso religião não é que nem agora agora tudo é tão diferente né... aí passado um ano e tudo ele namorou uma outra lá e casou... e a mulher dele ficou minha freguesa ela teve uma menina e eu costurava para a menina e a gente ficou amiga ((risos))

E mas então vocês obedeceram e terminaram?

R terminamos é...

E na verdade os pais antigamente não davam instrução não passavam sobre a parte da sexualidade.

R não eu num sei... porque o amor é uma coisa que a gente sente lá dentro mas não deu aí passou... aí eu arrumei outro alemão lá de Campo Mourão ele morava lá... ele trabalhava na Renner acho que ele era viajante vendia coisas...

E mas então esse outro a senhora chegou a namorar o Geraldo?

R um namoro assim ia no cinema...

E mais a mãe da senhora suspeitava ou nem podia saber?

R não... até que ela num... mas a gente tinha que obedecer né eu pensava assim eu sou a mais velha... já começar a desavença na família eu né eu pensava isso também... nisso antigamente a gente tinha muito respeito por pai por mãe...

E a mãe da senhora era muito amiga conversava muito?

R não...

E ela chegou alguma vez antes um pouquinho do namoro a dar explicações sobre o namoro a dar instruções?

R não...

E nem mesmo para o casamento?

R não... a minha mãe tadinha ela não tinha estudo... muito pouquinho

E naquela época tinha pílula anticoncepcional quando a senhora foi casar?

R acho que não porque eu... devia ter mas eu...((risos)) fiquei grávida... com onze meses eu já tive a R... achava que porque eu menstruei uma vez... a primeira vez foi bastante... tive uma cólica danada... aí no outro mês menstruei pouquinho aí fui no médico... aí falei pra ele tudo pra ele... aí ele marcou daquela segunda menstruação que nada naquele tempo não tinha ultrassom não tinha nada... fiquei grávida naquela menstruação mesmo na primeira não tinha roupa pronta nem nada... chovia quando a R nasceu frio que era... aí eu liguei pra minha sogra minha sogra veio... era uma pessoa disposta veio logo e falou já arrumou a mala ((risos)) não ((risos)) eu pensei que não era né eu não sabia

E a senhora se assustou quando falou que estava grávida?

R não até que não eu passei mal mal muita ânsia de vomito cinco meses de ânsia de vômito misericórdia... aí não tinha negócio de INSS... não tinha nada arrumado... aí meu marido saiu cedo pra Estrela pra arrumar a documentação lá e minha sogra me levou pro hospital

E como que era a convivência diária do casamento entre homem e mulher... entre seu esposo tinha conversa?

R muito pouco ele era muito fechado...

E mas a senhora tinha curiosidade de perguntar as coisas pra ele até mesmo sobre sexo?

R não... também de repente eu também era muito fechada não é só ele... e tinha que cuidar muito o que falava ele era muito cheio de coisinha... qualquer coisa que as vezes eu falava que não era por mal ele levava pro mal... ele tinha mania de emburrar... em vez dele conversar e perguntar pra se entender não... emburrava ficava emburrado quinze vinte dias... aí é muito duro isso aí misericórdia... eu não... eu prefiro discutir na hora porque daí você se entende as vezes eu nem sabia o porquê e perguntava não respondia... meu casamento não era lá muito não...

E a senhora ficou quanto tempo casada com ele foi bastante tempo?

R sim... casei em sessenta e um (1961) separamos em noventa e um (1991)

E conte-nos como era o tratamento entre homens e mulheres na sua época o seu pai e sua mãe... vamos começar lá

R eu nunca vi eles conversando não sei se não lembro faz tanto tempo

E o seu pai tratava bem a sua mãe eram carinhosos ou não?

R não... mais secão né mas não brigavam... no final que ficaram velho que ele brigavam é... mas quando... eu nunca vi eles brigar...

E e aí a senhora com seu esposo era mais distante?

R a gente... aham... eu acho que já vem da criação de ser mais carinhoso... eu acho bonito o pessoal que é carinhoso assim com o outro... as vezes eu penso assim... olha que queria ter a idade com a cabeça que tenho hoje... que hoje olha... meu aniversário foi tão bom a gente conversou brincou bateu papo e incentivavam eu... tira foto aqui tira foto ali... que mais?

E quais os valores que foram construídos pela família na sua educação quais os valores que a senhora traz que te trouxe dificuldade ou que te ajudou?

R olha... a honestidade sempre... antigamente meu pai e minha era... ((fazendo uma expressão de rigidez com o rosto)) o respeito... a minha mãe se ela chamasse o nome da gente... a gente que é italiano falava sempre o que mãe? ela continuava chamar aí falava senhora? tinha que chamar ela de senhora tu... você com meu pai minha mãe nunca

E a criação dos pais da senhora trouxe alguma dificuldade ou ajudou... no jeito que eles criaram a senhora?

R ah eu acho que é até bom porque os meus filhos não posso me queixar assim... eles me respeitam muito até hoje... falo as coisas ninguém responde pra mim então isso aí... a gente nunca respondia pro pai e pra mãe nunca...

E isso vai muito da criação que a senhora teve dos seus pais? que foi a mesma criação que a senhora deu para os seus filhos?

R foi... não tão rígida mas... porque as vezes brigavam entre eles quando era menorzinho lá em Bom Retiro ainda no tempo que saiu a televisão... aí ele comprou uma televisão branco e preto... aí depois ele comprou uma colorida... aí um queria assistir um programa outro queria outro e brigavam por causa disso

E e tinha nessa época que a senhora se lembra de convivência na família ou onde a senhora trabalhava tinha já os homossexuais os gays lésbicas tinha? a senhora conhecia alguém nessa época?

R não... eu não conheci ninguém e eu não sabia que tinha... fiquei sabendo depois de não sei quantos anos eu já tinha... eu acho que quando a gente veio pra cá pra Campo Grande... porque lá não se falava nisso lá onde a gente morava...

E a senhora nunca soube de nenhuma história...

R não nunca...

E e a convivência entre homens e mulheres na sua profissão no que a senhora trabalhava ou era só com mulher que a senhora trabalhava?

R na padaria... meu marido trabalhava e tinha mais dois funcionários só... mas era rapaz mais novo...

E mas não convivia com a senhora...

R não muito pouco

E quem administrava o negócio era seu esposo?

R era... só ele... tanto quando a gente se separou eu não sabia nada... nunca tinha entrado num banco fazer nada nada... pagar uma conta nunca eu fazia... e quando ele não fazia ele mandava um funcionário pra pagar conta essas coisas

E a senhora era responsável pela casa pelos afazeres domésticos?

R aham... e eu levantava muito cedo quatro hora da manhã pra padaria no começo cedo... era só eu e ele que começava trabalhar na padaria depois lá pras seis horas chegava dois funcionário...

E e vocês se davam bem? porque trabalhavam junto na mesma empresa?

R dava... só que ele não gostava de conversa no trabalho

E a senhora casou com quantos anos?

R eu casei com quase vinte e seis já... a minha irmã que é a terceira casou primeiro que eu... porque eu tive esse namoro que não deu certo... de repente ele arrumou outra e eu fiquei na mão... me deu uma raiva que eu perdi tanto baile

E em algum momento... porque a senhora casou mais velha... teve a desilusão porque acabou não casando com o rapaz... não pode namorar com ele... a senhora teve a necessidade de refletir entre as relações de amizade e as relações amorosas? em que momento a senhora pensou teve que ficar refletindo sobre isso?

R ah... é porque quando a gente namora não tem mais aquela amizade não é assim? porque ainda que morava longe então eu não ia nos baile porque ele vinha uma vez por mês... tinha festa eu não ia... eu fiquei com raiva do tempo que eu perdi...

E e querendo ou não quando namorava se afastava dos amigos? tinha um certo afastamento das amizades ou não?

R tinha mas não era tanto que nem em baile... baile não podia ir porque senão ele não gostava não queria... aí as outras ia e eu ficava... por nada né pra perder ah... eu to falando desse rapaz de Campo Mourão... com o Geraldo a gente dançava nos baile conversava ia no cinema... perdi meu tempo com esse outro, mas aí não levou nem uns oito dez meses eu encontrei meu ex-marido que já morreu

Nesse momento E fez uma pergunta a R sobre sexualidade e ela pediu que não fosse colocada na transcrição.

R antigamente não explicavam nada e a gente não tinha televisão... hoje em dia você vê na televisão as coisa tudo fala rádio também... a gente era muito fechada não tinha nada...

E e agora a senhora com seus filhos conversou sobre sexo sobre namoro casamento com eles?

R ah só mais com a menina...

E mas o seu marido conversava com os meninos?

R não... eu conversava com ela porque ele não queria que ela namorasse aquele cara que é o meu genro agora... eu gosto muito dele... não queria de jeito nenhum... mas não falava pra ela ficava me enchendo o saco...

E mas a senhora proibia o namoro deles?

R não... eu só falava pra ela ter muito cuidado... cuidado pra não ficar grávida... eu que falava as coisas pra ela

E e o que contribuiu pra senhora ter essas conversas com ela? porque a senhora não recebeu essas orientações da sua mãe

R mas a gente já tinha mais liberdade e ele me falando as coisas... marido enchendo as paciência Deus me livre se ela ficar grávida... aí ela saía de noite de carro com ele já tinha uma liberdade... aí eu falava pra ela olha muito cuidado se chega engravidar sabe como é que é teu pai

E antigamente na sua adolescência na juventude... quando acontecia alguma coisa com as moças os pais culpavam as mães?

R das minhas amigas que a gente tinha uma turma de umas oito dez lá em Cruzeiro do Oeste que eu saiba... nenhuma ficou grávida fora do casamento...

E mas e os meninos... ele falava pra eles... olha vai sair com as meninas não vai engravidar elas...

R não nunca ouvi ele falar

E como que ele tratava os meninos?

R um deles desde os catorze anos ele ia nos baile voltava de manhã

E ele falava da menina só...

R é... achava bonito porque não falava nada

E a senhora recebeu alguma formação sobre a convivência entre homens mulheres e a geração de gays lésbicas?

R eu fiquei mais sabendo disso depois que mudei aqui... foi em oitenta que a gente mudou aqui em Campo Grande na televisão... lá onde eu morava eu não via televisão não tinha tempo pra ver uma televisão nunca porque eu levantava as quatro da manhã... seis da tarde a gente ia deitar porque senão não acordava ia deitar cedo

E como a senhora compreende essas relações entre homens mulheres e a geração de gays e lésbicas?

R eu não sou contra esse negócio porque não sei como que vem isso do que que é... se a pessoa já nasce assim gay ou não... tem gente que fala que é sem vergonhice mas eu penso que não é... eu acho que já vem com a pessoa então eu não sou contra essas pessoas

Enquanto preenchíamos o termo de consentimento, a entrevistada continua contando algumas histórias.

R uma vez que eu fiquei muito triste com meu pai olha... tem que rir pra ir na casa da minha vó... mãe da mãe era a cavalo... naquele tempo não tinha carro nem conhecia carro aí nós fomos... e eu tinha um cavalo que eu gostava muito chamava Lobuno o cavalo e aí a gente foi... passeamos... nós fomos no sábado e voltamos no domingo... cheguei em casa meu pai não tinha vendido meu cavalo mas eu chorei tanto... eu ia na escola com ele... ele era mansinho ele era dessa cor assim ((apontando para o sofá acinzentado)) nunca esqueci da cor do meu cavalo... aí ele viu que eu chorei muito fiquei brava e falei e ele ficou quieto... não... eu vou comprar uma potranca ele falava e eu já vi que ela é muito boa... comprou uma potranca que eu ia pra escola... a bendita era daquela que tirava o freio se soltava e fugia misericórdia... tá vendo pelo que que eu passei? aí não sei o que o pai fez lá que não podia mais tirar o freio... uma vez ele comprou um petiço que não era domado... meu pai era meio doido... aí ele encilhou o petiço sem domar e botou eu em cima... o cavalo foi indo um pouco de repente ele começou a correr e pular... ele me derrubou... ele era manso pra andar sem colocar arreo... ele inventou de colocar os negócio lá o cavalo estranhou... outra vez ele comprou uma junta de boi... o cara falou que era mansinho aí o pai falou pega a corda e laça o boi lá e eu fui... o boi veio e me pegou com uma chifrada um chifre que ele tinha... ele me pegou no meio me atirou longe... o boi era brabo avançava em todo mundo teve que vender... a gente quando é criança acho que é... e eu também não sei eu acho que eu não pensava né... criança não pensa né eu passei por cada uma quando era criança

Considerações finais

Diante dos dados apresentados nessas entrevistas, quando pensamos sobre as relações de gênero, temos que considerar que a diferença de sexo e idade entre os entrevistados faz com que se tenha um olhar avaliativo sobre cada caso de forma única. Também é preciso considerar as dificuldades de S e R em relatarem suas memórias de vida, principalmente quando essas lembranças incluem discutir assuntos que abordem a sexualidade e suas vivências desde a infância.

Na entrevista, R evidenciou que, em sua infância, seus pais não falavam sobre sexualidade com as crianças, tanto que ela mesma só ficava sabendo que a mãe estava grávida porque percebia que esta começava a usar roupas largas e ficava com o corpo com formas diferentes. Devemos lembrar que naquela época sua própria mãe também tivera a mesma criação, pois essas orientações foram passadas pelos pais aos filhos, de maneira severa e muito restritiva às conversas.

Ela relata que em suas brincadeiras entre meninas e meninos não havia uma separação entre eles. Como disse a entrevistada: “não havia malícia como tem hoje”. Segundo ela, mesmo com a chegada da adolescência, os pais não passavam instruções ou mesmo conversavam sobre sexualidade com seus filhos. Assim, ela só adquiriu algum conhecimento a esse respeito com amigas próximas em seu convívio, o que, para ela, foi mais difícil, pois sendo mulher a educação oferecida era mais restrita.

Para o entrevistado S, homem e mais novo que a primeira entrevistada, na sua infância, também não havia conversa entre ele e os pais sobre sexualidade. Na escola em que cada um estudou, não havia separação dentro da sala: a dela, por ser uma colônia italiana, no recreio, as crianças brincavam todas juntas e sem distinção, enquanto na dele meninas ficavam de um lado e meninos de outro, não se podia brincar junto. Com essa realidade:

A sexualidade deverá ser adiada para mais tarde, para depois da escola, para a vida adulta. É preciso manter a "inocência" e a "pureza" das crianças (e, se possível, dos adolescentes), ainda que isso implique no silenciamento e na negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias e as práticas sexuais (GUACIRA, 2000, p. 17).

Nos dias atuais, a educação sexual está pautada na informação e no esclarecimento ao alcance de todos, sendo ainda discutida sem pudor algum pelos meios de comunicação, ao passo

que no passado não se obtinha nenhum tipo de informação sobre o assunto: tudo era sigiloso.

Ouvir essas vivências nos possibilita evidenciar as vozes desses idosos que podem ser considerados produtores de conhecimento, pois salientam em seus discursos histórias marcadas pelas relações de poder, tendo em vista que são falas com predomínio do senso comum e demonstram sua maneira de agir, repetidas ao longo das gerações, sem se saber ao certo o porquê e ou o início desse pensar e viver. O senhor S, por exemplo, ao ser questionado sobre as separações entre meninos e meninas, respondeu que “(...) essa separação já era uma tendência da época”. Além disso, expressões como “é a cultura da época”, “já é o sistema, a criação da família” também surgiram.

Quanto à sexualidade, algo que sempre foi controlado pelos mecanismos de poder e um assunto que causava temor, esta se tornou uma proibição legitimada dentro da família, quando ficou de fora dos diálogos. Isso se confirma ao aparecerem nos relatos, em questões sobre o tema, expressões como “partia pra outro lado”, “certos assuntos” e “nem pensava nessas coisas”.

A escolarização, à época, direcionava-se para a formação de homens e mulheres de “verdade”, meninos e meninas faziam coisas de meninos e de meninas, respectivamente, e a sexualidade acaba sendo adiada para a vida adulta.

Entretanto, ela é construída ao longo de toda a vida e de muitos modos, não sendo natural, mas constituída no âmbito da cultura e da história, diferente do que relatam os participantes deste estudo. Para ambos, a identidade sexual é algo que “(...) a pessoa já traz essa tendência de berço, já vem com essa natureza, já nasce assim, não acredito que seja parte de educação dos pais”, conforme afirma o senhor S. R, por seu turno, disse que “(...) tem gente que fala que é sem-vergonhice, mas eu penso que não é, eu acho que já vem com a pessoa”.

Os dois entrevistados repetem todo o tempo que hoje as relações ocorrem de maneira diferente que em sua época, sendo que algumas de suas atitudes foram diferentes das de seus pais,

enquanto outras se repetiram. Todavia, concordam que seus filhos já agem de outra maneira com os netos.

A particularidade que se nota nessa diferença de relacionamentos é que a idosa cresceu no interior de uma colônia italiana com relações culturais muito próximas (até entrar para a escola ela só falava italiano). A partir de seus comentários registrados, após seu casamento, percebem-se atitudes entre os cônjuges muito parecidos, com pouco diálogo e uma relação consequentemente mais distante.

Assim, por meio dos relatos dessas vivências, cumprem-se os objetivos do projeto aqui tratado: estabelecer um elo entre o passado e o presente e auxiliar as novas gerações a compreenderem como se constituíram as relações sociais entre homens e mulheres ao longo da vida.

Referências

COSTA, Jurandir Freire. **A Construção cultural da diferença entre os sexos**. Disponível em: <http://www.almg.gov.br/opencms/export/sites/default/acompanhe/eventos/parlamento_jovem/2012/docs/construcao_cultural_diferenca_sexos.pdf> Acesso em: 16 jul 2016.

DEL PRIORE, M. **Sexualidade e Erotismo na História do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. I: A Vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal. 1988.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MONTEIRO, Silas Borges. **Para Além do discurso, a escuta das vivências: uma investigação otobiográfica**. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. (Orgs.). **Pesquisa em Educação:**

Alternativas investigativas com objetos complexos. São Paulo: Edições Loyola, 2006. p. 93-116.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Escritos sobre educação**. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. 5. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

R. C., **Relações de Gênero**: Registro de Memórias Com Idosos. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a OLIVEIRA, A. C.; VAREIRO, M. T. S. M..

S. A. S., **Relações de Gênero**: Registro de Memórias Com Idosos. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a OLIVEIRA, A. C.; VAREIRO, M. T. S. M..

4. A melhor idade: lembranças de idosos sobre gênero e sexualidade

Bruna Mayara Pinto
Marineide da Silva Diniz

Introdução

O presente trabalho apresenta ao leitor experiências vividas por um casal de idosos, que nos relataram suas memórias, da infância aos dias atuais, em diferentes espaços que frequentaram e/ou frequentam, em relação ao convívio social entre homens, mulheres e as gerações LGBT, possibilitando-nos uma melhor compreensão das mudanças de costumes e crenças desses idosos ao longo dos anos.

Esse relato também foi documentado por meio de um roteiro de conversa no qual perguntamos aos entrevistados como eram as brincadeiras entre meninos e meninas, o que elas representavam e como essas e as demais experiências vividas ajudaram na compreensão de sua sexualidade. As perguntas versaram ainda sobre quais tipos de orientação sexual receberam e de quem a receberam, como era a convivência entre homens e mulheres na época, e depois do casamento, quais valores foram construídos ou desconstruídos pela família na educação e se esses valores ajudaram ou trouxeram dificuldades em seus relacionamentos.

Também perguntamos em que momento da vida perceberam a necessidade de refletirem sobre as relações de amizade e as amorosas, quais fatores contribuíram para que optassem por discutir sexualidade com familiares e se receberam alguma formação sobre a convivência social entre homens, mulheres e a

geração LGBT por alguém, finalmente como definem e compreendem essas relações afetivas.

De um lado, entrevistamos uma senhora de 65 (sessenta e cinco) anos de idade, viúva, natural de São Paulo e dentista, que começou a trabalhar muito cedo, com apenas 9 (nove) anos de idade em razão das condições familiares vividas em um cenário marcado por uma infância de trabalho e de poucas brincadeiras, não por escolha, mas por necessidade. Havia apenas namoro em que pegar na mão já era o suficiente para evidenciar o compromisso afetivo, pois eram relacionamentos marcados por ingenuidade e cuidados pela família.

Por outro lado, escutamos um senhor de 60 (sessenta) anos, divorciado e hoje bem esclarecido sobre a questão de gênero e diversidade sexual, mas que em sua infância nos relatou ser esse assunto considerado proibido e mal visto pela família, já que havia um padrão imposto pela sociedade sobre o que era ser homem e ser mulher. Hoje, ele afirma ter esclarecimento suficiente para respeitar as diferenças de gênero e as orientações sexuais das pessoas, até pela própria convivência atual no trabalho.

Nessa perspectiva, “(...) esta pesquisa facilita investigações qualitativas na medida em que procura, pelo que é singular, dar-lhe sentido genérico, pois nas elaborações pessoais são espelhadas vivências comuns que podem contribuir para a compreensão de processos coletivos” (MONTEIRO, 2006, p. 109). Notadamente, o que essas narrativas nos ensinam sobre as relações de gênero e sexualidade vividas por esses idosos.

Registro de Memórias

R. T. I.

A entrevistada é brasileira, natural do estado de São Paulo, possui 65 (sessenta e cinco) anos de idade, é viúva, e exerce a profissão de dentista.

E como eram as brincadeiras da infância entre meninas e meninos?

R comecei a trabalhar muito cedo onde não tinha muito tempo para brincar... porém as brincadeiras eram saudáveis... como por exemplo amarelinha corre cutia buraco pé de lata e outras... eram brincadeiras que envolvia meninos e meninas

E do que você mais gostava de brincar com os meninos as meninas?

R minha brincadeira favorita era brincar de carrinho de rolimã com os meninos

E o que essas brincadeiras representavam para você?

R as brincadeiras representavam felicidade liberdade de ser criança

E como essas brincadeiras e convivência possibilitaram a sua compreensão sobre a sua sexualidade?

R as brincadeiras não me possibilitaram nenhum descobrimento da sexualidade porque era tudo muito inocente e não se tinha essa preocupação... a criança se preocupava mesmo se teria o de comer na mesa... não digo preocupação... mais comecei a saber e pensar em sexualidade depois que me casei

E que tipo de educação sexual você recebeu dos seus pais?

R minha família era tradicional aos valores da época... nunca houve uma instrução sexual de meus pais eles eram muito reservados e muito menos informação sobre a geração LGBT... na época nem existia essa sigla isso é coisa de hoje... agora que inventaram

E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação para o casamento? em caso positivo quem e como foi feita essa orientação?

R meus pais não me deram instrução nenhuma sobre o casamento... fui aprendendo com o dia a dia

E conte-nos como era o tratamento entre os homens e mulheres na sua época? e após a convivência diária no casamento?

R o tratamento era baseado no respeito e carinho... para sair com o namorado tinha que sair com um dos irmãos... e em casa era supervisionado pelos mesmos também... meus irmãos eram muito ciumentos... só fui ter liberdade depois do casamento... conheci o S aos quatorze anos de idade me casei aos dezessete... fui para a lua

de mel e quando ficamos a sós minha preocupação era em comer... eu estava morrendo de fome... fomos ver a praia... acho que perdi a virgindade só no dia seguinte... depois de casados nós sempre nos demos bem... nunca deve esse negócio de agarra agarra sabe? e se tinha era entre quatro paredes... e não era porque minha mãe morava comigo não... porque ela sempre foi muito discreta nunca se intrometeu na nossa relação... tínhamos uma vida normal de casados

E quais os valores foram construídos pela família na sua educação ou desconstruídos? isso te ajudou ou trouxe dificuldades em seus relacionamentos?

R minha mãe era muito rígida... em questão valores e princípios... pra ela o que é certo é certo nada de coisa errada era muito brava... falava o certo é certo não me venha com coisa errada... e se alguém fizer algo que te prejudique não faça nada porque você não é juiz... deixa na mão de Deus ele tomará a providência... um dia ou outro você ira receber ou ira pagar... nos ensinou também a não se apegar a bem material... eu sou assim... se você vir na minha casa e gostar de alguma coisa eu te dou... todos os seus ensinamentos me ajudaram muito em minha vida social e profissional e procuro passar para meus filhos esses sábios ensinamentos

E como é ou foi a convivência entre homens mulheres e a geração LGBT na família e na sua atuação profissional?

R na minha família tenho um sobrinho que é casado com outro rapaz... e são bem aceitos por minha família porque são bem discretos... minhas primeiras convivências com a geração LGBT foi depois que comecei a trabalhar profissionalmente... em um consultório no centro de São Paulo... tive muitos pacientes homossexuais que muitas das vezes iam até meu consultório só para conversar e não para ser atendido... eles me viam como uma psicóloga... sempre lidei muito bem com isso porque meus pais me ensinaram a respeitar todos independente de sua opção sexual religião e cor

E em que momento da sua vida você percebeu a necessidade de refletir sobre as relações de amizade e as relações amorosas?

R na vida adulta pois me deparei com um mundo totalmente diferente do que eu estava acostumada a viver

E quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos filhas marido ou esposas netas e netos?

R acho que o principal fator era para que os meus filhos não fossem pegos de surpresa... porque as coisas começaram a mudar meus filhos já tinham acesso aos meios de comunicação... que despertava a curiosidade coisa que no meu tempo não tinha... hoje está tudo muito explícito... os princípios e as relações começam a tomar novos rumos

E você recebeu alguma formação sobre a convivência social entre homens mulheres e a geração LGBT por alguém? como você define suas relações afetivas? como você compreende as relações afetivas entre homens mulheres e a geração LGBT?

R nunca ninguém me deu instrução sobre a convivência com a geração LGBT... acredito que não precisa de instrução para saber lidar e compreender a relação efetiva entre homens e mulheres... acredito que isso não é frescura... é simplesmente uma questão hormonal... só acho que eles não precisam ficar se amostrando como hoje... antigamente eles eram mais reservados... por exemplo... somos mulheres e não precisamos sair gritando pra provar pra ninguém... eles tinham que ser assim também... respeito e aceito... só não concordo com essa exposição gosto de coisas mais reservadas

A. L.

O entrevistado é brasileiro, natural de Corumbá, atual estado de Mato Grosso do Sul, possui 60 (sessenta) anos de idade, divorciado, exerce a profissão de assistente de produção.

E como eram as brincadeiras da infância entre meninas e meninos?

A tudo junto reunidos... não havia preconceito e sem malícia

E do que você mais gostosa de brincar com os meninos as meninas?

A jogo de beto esconde-esconde e cavalinho de pau

E o que essas brincadeiras representavam para você?

A diversão era a única preocupação... todos gostavam de brincar juntos geralmente antes da escola

E como essas brincadeiras e convivência possibilitaram a sua compreensão sobre a sua sexualidade?

A todos reunidos com respeito... cada um se pondo no seu lugar

E que tipo de educação sexual você recebeu dos seus pais?

A não recebi pois meus pais eram muitos fechados... esse assunto era um tabu

E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação para casamento? em caso positivo quem e como foi feita essa orientação?

A não... também não houve orientação... não sabia de nada

E conte-nos como era o tratamento entre os homens e mulheres na sua época? e após a convivência diária no casamento?

A com todo respeito entre homens e mulheres... um romance já era sério... casamento respeito comprometimento... quando namorava já era para casar... fidelidade era a principal exigência para convivência

E quais os valores foram construídos pela família na sua educação ou desconstruídos? isso te ajudou ou trouxe dificuldades em seus relacionamentos?

A quando casava... o marido dedicava-se a esposa dava o melhor para ela... construção e aprendizado respeito aos filhos... lar família e desconstruídos quando havia separação

E como é ou foi à convivência entre homens mulheres e a geração LGBT na família e na sua atuação profissional?

A na época dos pais proibia a amizade... se contaminava através da convivência um mau caminho... quando sabia de alguém com essa opção era discriminado... hoje defino como relacionamentos entre seres humanos... com respeito desde que ele faça a parte dele... a escolha é livre para ser o que quiser é normal convivo bem... hoje aceito como profissional trato com respeito é adaptar e deixar acontecer

E em que momento da sua vida você percebeu a necessidade de refletir sobre as relações de amizade e as relações amorosas?

A quando adulto... eu já casado aprendi com o tempo na infância não recebi informações

E quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos filhas marido ou esposas netas e netos?

A as doenças transmissíveis... os pais tem que ficar atentos às informações orientações e perigos

E você recebeu alguma formação sobre a convivência social entre homens mulheres e geração LGBT por alguém? como você define suas relações afetivas? como você compreende as relações afetivas entre mulheres e a geração LGBT?

A não minhas relações são abertas respeitáveis... com tolerância algo natural e acabei com minha discriminação após ler a Bíblia... abrindo a minha mente

Considerações Finais

Esse trabalho ajudou-nos a ampliar nossos conhecimentos sobre a convivência social entre homens, mulheres e a geração LGBT nos anos 1960 descrita por dois idosos a partir de suas vivências. Isso porque “(...) a pesquisa em formação de professores ganha substância quando é dada atenção privilegiada às vivências das pessoas implicadas na pesquisa” (MONTEIRO, 2006, p. 93).

No discurso dos dois entrevistados é possível constatar que não havia uma preocupação de se discutir a sexualidade, mesmo sabendo que a questão de gênero é vivenciada há muitos anos, ou seja desde que o mundo é mundo, não só no Brasil. No que diz respeito, à infância e à adolescência dos entrevistados, a sexualidade e a convivência entre gêneros eram assuntos muito restritos: falar de sexualidade era um tabu e, segundo eles, as pessoas que faziam parte do grupo LGBT eram mais discretas em relação ao que vivenciamos hoje, tendo em vista que nem mesmo essa sigla existia. A família de R era mais aberta à convivência entre homens e mulheres, ao contrário dos familiares de A, que eram mais preconceituosos.

Crianças marcadas por uma infância simples – quando tinham que trabalhar por necessidades familiares, e pelo pouco tempo que tinham para brincar – os entrevistados foram pequenos muito inocentes, sem restrição de brincadeiras entre

meninos e meninas. Admiramo-nos com tamanha sabedoria de ambos porque são pessoas que evoluíram, apresentando-se de acordo com o tempo em que estão vivendo.

Nessas narrativas foi evidenciado também que a discriminação está presente na sociedade e que a homofobia é um assunto polêmico em razão das concepções religiosas e machistas disseminadas socialmente, pois a masculinidade ainda é reforçada que historicamente e sempre exerceu domínio, condenando o feminino à servidão.

Por outro lado, o grupo LGBT está tendo maior aceitação nos dias de hoje do que antigamente, respeitando a máxima de que os direitos humanos devem ser aplicados a todas as pessoas e não há como desenvolver o lado humano se não ocorrer a inclusão de todos. Assim, uma proposta de diálogo como essa pode contribuir para uma sociedade mais harmoniosa, com maior aceitação das diferenças, tendo em vista a divulgação e reflexão sobre essa temática.

Divulgar conhecimentos sobre dispositivos legais que versam sobre o tema, por exemplo, é um dos caminhos para a construção de respeito à diferença. Já há legislações como a Lei nº. 10.948/2001, que procura prevenir a homofobia e visa combater a discriminação. Com essa legislação, entre outras, encontramos a chance de punir com sanções quaisquer atos de discriminação em razão da orientação sexual e da identidade de gênero, dando oportunidades de denúncias às vítimas diante desses crimes. Assim, realizar essas entrevistas oportunizou-nos refletir sobre o comportamento das pessoas nos dias atuais, não foi uma simples entrevista, mas uma troca de conhecimentos e experiências diante das histórias de vida desses idosos.

Referências

A. L., **Relações de Gênero: Registro de Memórias Com Idosos**. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a PINTO, B. M.; DINIZ, M. S..

MONTEIRO, Silas Borges. **Para Além do discurso, a escuta das vivências: uma investigação autobiográfica**. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Pesquisa em Educação: Alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. P. 93-116.

R. T. I., **Relações de Gênero: Registro de Memórias Com Idosos**. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a PINTO, B. M.; DINIZ, M. S..

VANCE, Carole. **A Antropologia Redescobre a Sexualidade: Um Comentário Teórico**. *Physis* (online), 1995, vol. 5, nº. 1, p. 7-32.

5. Gênero e sexualidade: recordando as experiências de idosas

Estefânia Stela Álvares Bezerra
Milene Costa Ferreira Oliveira

Introdução

O presente trabalho procura abordar a convivência de homens e mulheres e a geração de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais – LGBT – na sociedade contemporânea partindo de textos estudados na disciplina Gênero e Educação e de outros conhecimentos adquiridos no período, por meio de uma pesquisa realizada junto aos idosos.

Visa também apresentar como as relações de gêneros vêm sendo construídas e desconstruídas ao longo da vida desses idosos, bem como nas diferentes culturas, famílias e civilizações. Isso porque é possível compreender que em um mesmo momento histórico podemos encontrar situações que contrariam a sua época, o que nos leva a fazer uma reflexão daquilo que temos concebido como “correto”, influenciados pela cultura dominante.

Este texto é constituído de dois diálogos por meio dos quais as participantes da pesquisa relataram, as experiências vividas sobre sexualidade e relações de gênero ou entre homens e mulheres, bem como a geração LGBT. A metodologia utilizada está fundamentada na leitura dos textos de Vance (1995) e de Moore (1997), que contribuíram para nossa compreensão sobre o tema, além do roteiro de conversa utilizado com as idosas que deste estudo participaram e que constituem o registro de suas memórias.

Registro de Memórias

B. A. O.

O registro das memórias da convidada que vamos evidenciar, apresenta a história de uma mulher que contrariou algumas imposições de seu contexto histórico, mas não deixou de sofrer consequências desagradáveis ao atender exigências colocadas para ela. B. A. O. é natural do distrito de Anhanduí, estado de Mato Grosso do Sul, nascida em 1947, tem 69 (sessenta e nove) anos de idade e é mãe de três filhos, sendo duas meninas e um menino, passou a infância no sítio de propriedade do seu pai, conforme nos relata abaixo:

E como eram as brincadeiras de sua infância?

B brincávamos com boneca de sabugo de milho embaixo de um pé de paineira...

E quem fazia parte destas brincadeiras?

B irmãs e primas

E na brincadeira de faz de conta essas bonecas eram bebês ou adultos?

B eram nossos bebês nossos filhos...

E algumas das meninas faziam o papel de homem ou pai desses bebês?

B não... éramos todas mãe nossos bebês não tinham pai... ((sorriu))

E e os meninos não brincavam juntos?

B não de boneca...

E então vocês brincavam com meninos?

B sim... por volta dos oito anos brincávamos de caçar bichinhos no meio do mato... catávamos maxixe colocávamos pesinhos neles de pedacinhos de pau para fazer boizinhos para nossa fazendinha... a noite as brincadeiras eram de passar anel esconde esconde ao clarão da lua

E o que essas brincadeiras representavam para você?

B foi um tempo muito bom... as brincadeiras eram saudável

E como essas brincadeiras e convivência possibilitaram a sua compreensão sobre a sua sexualidade?

B compreensão nenhuma... não tínhamos malícia naquela época...
E e na adolescência como eram essas brincadeiras?
B parei de brincar muito cedo... com dez anos cuidava da casa e cozinhava para os peão do meu pai... trabalhava na roça catando algodão período que não tive mais tempo para brincar... aos treze anos fui trabalhar fora na casa dos outros
E que tipo de educação sexual você recebeu dos seus pais?
B nenhuma... começamos ter um pouco de liberdade após os quinze anos... mesmo assim não podíamos frequentar as festas... festa somente as da família papai sempre dizia que se namorássemos era para casar pois não havia criado filha pra marmarinho beber água no ouvido... mamãe nos criou para o casamento
E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação para o casamento? em caso positivo quem e como foi feita essa orientação?
B também não nada foi falado
E conte-nos como era o tratamento entre os homens e mulheres na sua época? e após a convivência diária no casamento?
B a mulher obedecia ao homem... trabalhava mas em companhia do marido nas roças e carvoarias... em meu casamento não aceitava meu marido mandar em mim
E quais os valores foram construídos pela família na sua educação ou desconstruídos? isso te ajudou ou trouxe dificuldades em seus relacionamentos?
B para meu pai meu marido deveria mandar em mim... como sempre trabalhei sentia dona da minha vida... então nunca aceitei
E como é ou foi a convivência entre homens mulheres e a geração LGBT na família e na sua atuação profissional?
B não tive convívio com a LGBT... na minha época não era comum... não conheci nem um caso éramos neutros a esse respeito
E em que momento da sua vida você percebeu a necessidade de refletir sobre as relações de amizade e as relações amorosas?
B por volta dos catorze anos comecei a despertar para as relações amorosas... tive meu primeiro namorado sem consentimento de meu pai... mesmo porque ele não aceitava que namorássemos com rapazes branco
E você teve muitas relações amorosas na juventude?

B não... tive poucos... casei-me aos dezesseis anos...

E esse casamento foi por amor? você amava seu marido?

B casei-me muito rápido... papai mandou eu escolher... casava ou terminava o namoro... então casei mesmo sem a certeza de amá-lo...

E esse casamento foi duradouro? deu certo?

B vivi com ele até meus vinte e dois anos... ele era muito mulherengo eu não aprovava então separei-me...

E seus filhos são deste relacionamento? todos?

B sim os três...

E e aí você teve um outro relacionamento amoroso?

B sim mas também não deu certo... era preguiçoso e bebia muito não estava disposta a sustenta-lo... desde então estou sozinha

E como você me disse seus pais permitiam que meninos e meninas brincassem juntos... e você?

B não deixava minhas filhas brincarem com meninos

E por que? qual era seu medo?

B malícia minha mesmo... tinha medo que brincassem de outras coisas ((sorriu))

E quanto aos brinquedos... para você tinha brinquedo para meninos e meninas?

B não... nunca tive restrição acerca de brinquedo...

E e se esse brinquedo fosse uma boneca nas mãos do seu filho... como você veria?

B acharia normal não tive preconceito a esse respeito

E quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos filhas marido ou esposas netas e netos?

B com meus filhos conversei para alertá-los dos perigos como as doenças e gravideis... e também no sentido de orienta-los a fazer boas escolhas para que fossem felizes

E você recebeu alguma formação sobre a convivência social entre homens mulheres e a geração LGBT por alguém? como você define suas relações afetivas? como você compreende as relações afetivas entre homens mulheres e a geração LGBT?

B não nunca fui orientada nesse aspecto

N. A. E.

A segunda entrevista foi concedida por N. A. E., uma senhora de 66 (sessenta e seis) anos natural de Porto Murtinho, que trabalhou na Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul e hoje está aposentada.

E como eram as brincadeiras da infância entre meninas e meninos?
N os meninos e meninas gostavam de brincadeiras como o pega-pega de pular corda de esconder e de amarelinha... eu não participava das brincadeiras que exigiam movimentos do corpo como correr... mas sentava no chão com minhas colegas e brincávamos com coquinhos... jogávamos um deles para cima pegávamos os outros do chão e segurávamos o que foi lançado para cima... gostava de também de pular amarelinha

E do que você mais gostava de brincar com os meninos as meninas?

N eu não brincava com os meus colegas meninos só com as meninas... mas gostava de nadar com meu irmão no Rio Paraguai... com as meninas brincava de casinha

E o que essas brincadeiras representavam para você?

N quando nadava com meu irmão experimentava uma sensação de liberdade de independência era muito prazeroso

E como essas brincadeiras e convivência possibilitaram a sua compreensão sobre a sua sexualidade?

N como já falei eu não convivía com os meninos não brincava com eles

E que tipo de educação sexual você recebeu dos seus pais?

N não recebi nenhum tipo de educação sexual dos meus pais

E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação para o casamento? em caso positivo quem e como foi feita essa orientação?

N não... procurei orientação através de leituras de revistas

E conte-nos como era o tratamento entre os homens e mulheres na sua época? e após a convivência diária no casamento?

N o tratamento entre homens e mulheres foi de respeito e na convivência diária do casamento também

E quais os valores foram construídos pela família na sua educação ou desconstruídos? isso te ajudou ou trouxe dificuldades em seus relacionamentos?

N a minha educação foi muito rígida... tive muita dificuldade e medo no relacionamento com os rapazes... eu não tinha liberdade de levar amigos para casa... quando estava com dezessete anos o meu pai me viu conversando com um rapaz... meu pai ficou muito zangado eu levei uma surra... ele não gostou de ter me visto conversando com um rapaz... eu era proibida de namorar... com dezenove anos conheci um rapaz apresentei aos meus pais namorei e me casei com ele

E como é ou foi a convivência entre homens mulheres e a geração LGBT na família e na sua atuação profissional?

N na minha família não tem LGBT... na atuação profissional convivi com colegas que são gays nunca os discriminei

E em que momento da sua vida você percebeu a necessidade de refletir sobre as relações de amizade e as relações amorosas?

N eu tive várias oportunidades de me relacionar com outros rapazes... procurei não me envolver optei por namorar e depois casar com meu atual marido

E quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos filhas marido ou esposas netas e netos?

N quando minhas filhas eram adolescentes as orientei da melhor forma possível quanto a sexualidade... de como evitar uma gravidez indesejada... nunca as proibi de namorar

E você recebeu alguma formação sobre a convivência social entre homens mulheres e a geração LGBT por alguém? como você define suas relações afetivas? como você compreende as relações afetivas entre homens mulheres e a geração LGBT?

N não recebi nenhuma formação... mas obtive informações através de leituras de revistas e entrevistas na televisão de especialistas e noticiários... minhas relações afetivas são normais... procuro não ter preconceito contra a geração LGBT e os homens e mulheres

Considerações Finais

As entrevistas deste documento, apesar de se referirem a um mesmo contexto histórico, são histórias diferentes, com algumas singularidades familiares e culturais. Em uma das famílias, por exemplo, a mulher era subordinada ao homem. Esse aspecto de subordinação foi amplamente estudado por Vance (1995). Na outra, a relação era de respeito mútuo, em conformidade com as contribuições teóricas de Moore (1997), que defende que a distinção entre homens e mulheres não está necessariamente associada à divisão entre natureza e cultura. Essa autora questiona se essa divisão realmente existe. Assim, vimos que há diferenças dentro de uma mesma sociedade, considerando a visão de mundo da família e do contexto em que essas idosas foram educadas

É possível afirmar ainda que, nos diálogos entre mães e filhos, há uma preocupação em alertá-los quanto ao risco de infecções sexualmente transmissíveis. Segundo o texto de Vance (1995) há um aumento considerável dessas doenças ligadas ao comportamento sexual. Além disso, notamos também, a partir dos relatos, que as relações entre homens e mulheres e a geração LGBT possuem suas variáveis, muito complexas para podermos compreendê-las em um único momento, o que requer uma análise mais ampla, como é defendida por Moore em seu texto *Compreendendo Sexo e Gênero* (1997).

Referências

B. A. O., **Relações de Gênero: Registro de Memórias Com Idosos**. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a BEZERRA, E. S. A.; OLIVEIRA, M. C. F..
MONTEIRO, Silas Borges. **Para Além do discurso, a escuta das vivências: uma investigação otobiográfica**. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Pesquisa em Educação:**

Alternativas investigativas com objetos complexos. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2006. p. 93-116.

MOORE, Henriqueta. Compreendendo Sexo e Gênero. Do original em inglês: "Understanding sex and gender". Tradução de Júlio Assis Simões, exclusivamente para uso didático. In: INGOLD, Tim (Ed.). **Companion Encyclopedia of Anthropology**. Londres: Routledge, 1997, p. 813-830.

N. A. E., **Relações de Gênero**: Registro de Memórias Com Idosos. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a BEZERRA, E. S. A.; OLIVEIRA, M. C. F..

VANCE, Carole S. A Antropologia Redescobre a Sexualidade: um comentário teórico. In: **Physis**. Revista de Saúde Coletiva. Vol. 5. Nº. 1, 1995, p. 7-31.

6. Vivências da sexualidade no casamento: registro de memórias de idosas

Ingrid Queiroz Oliveira de Souza
Luana Soares Garrido Salazar

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar as discussões dos registros de memórias de duas idosas residentes na cidade de Campo Grande, MS, a partir das discussões feitas durante a disciplina Gênero e Educação, ministrada na 2ª série do Curso de Pedagogia no primeiro semestre de 2016. Para tanto, elaboramos com a professora as questões que apresentaríamos nas entrevistas feitas com as idosas, sobre suas memórias durante sua infância e juventude, com ênfase nas questões de gênero e sexualidade discutidas em sala e nos textos estudados ao longo dessa disciplina.

As diferentes sociedades distinguem homens e mulheres, fazendo, em quase todos os casos que estabeleçam uma relação desigual entre os dois. Contudo, sabe-se que ser homem ou mulher trata-se de uma estruturação cultural e não se define apenas pelo sexo inato. Mesmo assim, observa-se que nas gerações anteriores havia uma necessidade muito grande dessa definição, construindo uma identidade partindo de um ponto de vista puramente biológico, isso ainda é notável na sociedade atual. Contudo, o campo educacional tem se mostrado um importante espaço de reflexão sobre esse conflito, que proporciona um esclarecimento maior sobre as relações de gênero.

Segundo Rubin (2003), os conflitos sexuais atualmente têm muito em si dos próprios conflitos sexuais estabelecidos

antigamente pelas religiões. Uma forma de se esquivar dos verdadeiros problemas sociais é deslocar nossas atenções para o comportamento sexual, encontrando nele um “lugar” onde descarregar todas nossas tensões. Dessa forma, as consequências desses desvios de tensão provocam marcas profundas em nossa história e se mantêm presentes por longo tempo, nas nossas atitudes em relação às questões de gênero e sexualidade. “As lutas travadas deixam um resíduo expresso em leis, práticas sociais e ideologias que afetam a forma como se vivencia a sexualidade, muito tempo depois de os conflitos terem se encerrado. (...)” (RUBIN, 2003, p.15)

Quando voltamos nossos olhares para o passado vemos que diversos comportamentos foram em épocas diferentes, aceitos ou rejeitados e em cada momento histórico um grupo de ações acabaram sendo alvo de críticas, repressões e perseguições, de maneira que estas questões sempre ressurgem tomando outras formas, porém com as mesmas premissas básicas. Uma das sentenças que Rubin (2003, p.17) cita é o essencialismo sexual, o qual afirma que o sexo é algo universal, imutável, não histórico e associal, ou seja, ele é puramente biológico e não se modifica nem com o meio, nem com o tempo em que se vive.

A sexualidade humana não pode ser compreendida em termos puramente biológicos. Organismos humanos com cérebros humanos são necessários para culturas humanas, mas nenhum exame do corpo ou de suas partes pode explicar a natureza e variedade dos sistemas sociais humanos(...) (RUBIN, 2003, p.18).

Como nos afirma a autora, não há possibilidade de encontrarmos no corpo humano nossa sociedade, apesar de necessitarmos dele para agir nela e transformá-la, por isso não podemos dizer que nós somos seres independentes do mundo. Por este motivo, ao ouvir e registrar as memórias das idosas estamos também ouvindo como as relações se modificaram ao

passar dos anos, como elas concebem e elaboram as transformações.

“Como fonte das memórias nos utilizamos da história oral que é uma prática antiga, ligada ao universo da comunicação humana”, (MATOS, SENNA, 2011, p. 96), tendo em vista que caracteriza-se pelo registro da memória humana, como uma maneira de recordar o passado e é utilizada como fonte de pesquisa, uma vez que registra acontecimentos e resgata memórias de vivências passadas.

Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos (MATOS; SENA, 2011 p.97).

Sendo assim, a história oral pretende eternizar as opiniões, experiências e as visões de mundo do entrevistado. “Além disso, posteriormente esse material é utilizado para estudo, empregando essa memória de um testemunho como fonte para a compreensão de uma sociedade.” (MATOS, SENNA, 2011, p.101) Com isso, pode-se afirmar que o relato oral nos possibilita usufruir de um conhecimento maior a respeito do vínculo entre a história e a memória.

Sempre que se faz uma entrevista, seja ela voltada a qualquer tema, têm-se um objetivo a cumprir. Dessa forma, para que esse objetivo seja alcançado é de suma importância que o entrevistado entenda plenamente o que lhe foi perguntado e considerando-se que as vivências sustentam uma filosofia, um pensamento (MONTEIRO, 2006 p. 99,) é necessário que quem entrevista tenha uma escuta atenta para retirar o máximo possível de conteúdos que irão lhe auxiliar.

Ao utilizar-se da memória como fonte atribuímos outros sentidos, significados e entendimentos para a História, que vão

para além do tradicionalmente analisado, já que a partir disso reconstrói-se espaços, enche-os de emoções e os entrevistadores devem estar atentos, pois cada sujeito que relata suas memórias, relata também suas lembranças e esquecimentos. (GRAZZIOTIN, 2011, p.116) Com a experiência de entrevista observamos que não é necessário apenas ter estudado a teoria e ter em mãos as perguntas prontas, mas também o jogo de cintura, a desenvoltura e metas muito bem traçadas para mediar e organizar o discurso de quem se entrevista.

Apesar de já termos as questões bem estruturadas, no momento da entrevista tivemos que modificar algumas perguntas ou acrescentar outras questões para melhor compreensão da entrevistada bem como atingir os objetivos, como foi possível constatar em diversas partes da entrevista.

Para a construção de uma história oral, consideramos alguns critérios necessários para realização da entrevista, como: selecionar a testemunha, organizar o roteiro conforme o tema a ser discutido de forma que as perguntas ficassem claras para a pessoa que está sendo entrevistada, assim como definir um local apropriado que permitisse ao entrevistado sentir-se à vontade. Além disso, também é fundamental analisar o perfil do entrevistado, adequando às perguntas de forma que ele entenda o que está sendo questionado. Durante a entrevista, ficamos atentas a todos esses detalhes e, na transcrição, procuramos reproduzir fielmente o que foi gravado em áudio.

Também seguimos as orientações éticas recomendadas pelo Conselho de Ética da UEMS, iniciando Roteiro de Conversa, lendo o TCLE e explicando para a entrevistada o que faríamos, apresentando nosso objetivo e como elas poderiam proceder caso desejassem desistir da entrevista. Logo após, solicitamos às idosas a autorização para uso de imagem, áudio e dados pessoais biográficos, tendo às entrevistadas assinado e preenchido os formulários com seus dados. Na sequência, iniciamos a entrevista com as perguntas semiestruturadas. Para análise dos conteúdos

alteramos o nome da entrevistada visando proteger sua identidade.

Registro de Memórias

P. S. A.

A primeira entrevista foi feita no dia 12 de julho na casa da entrevistada P. S. A., que tem 60 (sessenta) anos, natural do estado de Mato Grosso do Sul e trabalha como mãe crecheira.

E a primeira pergunta é... como eram as brincadeiras na sua infância entre meninas e meninos?

P bem... a gente não brincava com menino né... na minha época... a gente brincava só com as meninas mesmo... era de passa fita e os brinquedos durante o dia era boneca de milho... fazia cabelinho de milho e era esse os tipos de brincadeira que a gente tinha...

E e os meninos eles ficavam fazendo o que? brincavam de outra coisa? Ou eles trabalhavam?

P eles trabalhava e no domingo eles jogava bola num campo que também a gente não via nem onde que era esse campo...

E então vocês nem sabem muito das brincadeiras dos meninos?

P dos guris não

E tá... o que mais você gostava de brincar?

P era de passa fita...

E passa fita... como que era?

P era uma fita que amarrava e a gente ia passando a fita até... fazer uma trança dela... ia girando...

E que nem aquelas que tem na festa junina?

P isso

E ah que legal... e o que essas brincadeiras representavam para você? o que você sentia o que você pensava enquanto você brincava?

P ah naquela época a gente não pensava né... porque a gente trabalhava a semana inteira o dia inteiro... a semana inteira só tinha jeito de brincar no sábado... depois que limpava tudo fazia tudo aí

que ia brincar... então a gente só pensava chegar aquele horário pra gente ir brincar

E como que essas brincadeiras e essa convivência com os meninos quando tinha essa convivência... fazia você ter essa compreensão da sua sexualidade?

P a gente nem pensava nisso...

E nem a questão das diferenças de eu sou menina ele é menino?

P a gente nem pensava nisso naquela época não

E a senhora via algum tipo de diferença de tratamento entre os meninos e as meninas?

P tudo era igual... não tudo era igual... trabalhava na roça na olaria era igual... na plantação tudo... tudo era os menino e as menina... ficava em casa quando tava doente sarou... trabalhar

E que tipo de educação sexual você recebeu dos pais?

P nenhuma... nenhuma

E nunca falaram nada?

P nossa ((no sentido de negar))

E e quando que a senhora teve consciência dessa questão da sexualidade a senhora lembra?

P ixi eu já tinha uns dez anos... com dez anos que eu fui estudar lá no colégio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a gente conversava sobre isso... mas entre as meninas que a gente... e os guri... não que as freiras falassem né...

E então era entre os colegas que vocês conversavam né...

P é

E que tipo de conversa que era? o que vocês falavam?

P ah... a gente falava que os guri era diferente das menina... que o dos guri fica dependurado ((risos)) das menina não... era essa a nossa conversa

E a senhora recebeu alguma orientação antes do namoro e na preparação para o casamento?

P nada

E e como que foi quando você casou? na primeira noite depois do casamento por exemplo o que a senhora pensava como que foi

P eu achei assim... eu namorei... eu pensava assim... se eu casar eu sou emancipada sou livre vou embora... vou viver a minha vida sem homem... assim que eu pensava eu caso e acabou... pai e mãe não me manda mais... vou viver a minha vida... aí pra eu ser mulher

eu demorei um mês e pouco... que meu pai que veio falar comigo não foi nem minha mãe...

E então a senhora só transou depois de um mês de casada?

P um mês e um dia

E o que a senhora pensava?

P nossa... foi a pior experiência que eu tive nossa... da calafrio até hoje só de pensar... foi a pior experiência da minha vida ((fez silêncio então passei para próxima pergunta))

E como era o tratamento entre homens e mulheres na sua época?

P ah era tudo muito rigoroso né... porque a gente tinha que respeitar o marido ele falava era uma ordem... a gente não podia retrucar nem falar nada...

E e depois como era a convivência diária no seu casamento?

P foi duro hein ((silêncio))

E por quê? o que acontecia?

P nossa... logo que a gente casou ele viajou e eu fiquei sozinha... aí com um mês e um dia eu tive a primeira relação e já engravidei...

E na primeira vez?

P na primeira vez... já engravidei... nossa foi uma experiência... não tinha o que comer não tinha nada... não tinha quem me explicasse as coisas... nada gente... eu me abria com meu pai o pai que... pai padrasto né... que ele foi meu amigo meu companheiro foi meu tudo...

E e aí o que ele falava para a senhora?

P ((choro)) ele me dava bons conselhos nossa... ele era o melhor amigo que eu podia ter na face da terra... e até hoje eu sinto de ter perdido meu pai... ele era amigo era companheiro respeitador... toda vida me respeitou como filha... ele não aceitava que ninguém falasse que eu era enteada dele... se eu apanhava eu apanhava pelada que era para ele não ir me acudir... ele era uma pessoa maravilhosa ((choro))

Perguntei se ela queria continuar, ela sorriu e disse: eu não aguento lembrar dele. Comentei que é difícil de lembrar esses momentos, que eu também passo por isso, então ela continuou.

P ixi... até negócio de menstruação foi ele primeiro a me explicar... eu cheguei nele e falei... pai eu não sei o que aconteceu eu tá saindo

sangue por baixo eu não me machuquei eu não fiz nada... eu não caí... aí que ele foi me explicar me mandou rasgar um lençol e usar... a mãe nunca me explicou nada nada nada nada nunca...

E e a avó?

P a mãe Nena tadinha era assim... ela ela criou a gente com amor com carinho nossa foi a maior... foi a melhor fase da nossa vida enquanto a gente vivia com a mãe Nena né nossa... a gente tinha amor carinho trabalhava... dava um duro danado mas a gente tinha alegria... porque ela sabia na hora de do seu nervoso das suas coisas... ela tinha sempre uma palavra para te agradar para conversar sabe... ela foi uma parceira pra todo mundo... quando ela quando a gente perdeu ela perdeu o chão...

E ela era a pilastra que segurava a família...

P é nossa... ela foi muito boa

E quais os valores foram construídos pela família na sua educação?

P ((silêncio)) o meu eu não construí nada da família... foi construído com meus filhos... que é o maior valor que eu tenho sabe... genro nora que eu amo sabe... eles me respeita me adora... esse é a maior herança que eu tenho...

E então você constituiu mais a sua família depois que você teve seus filhos...

P isso isso... pelos meus filhos eu aprendi a lutar a viver... a construir o que eu tenho tudo graças aos meu filhos e os dois me ama

E uma coisa que eu queria perguntar... a senhora tinha a idade igual a da minha mãe e minha vó nessa época já tinha filhos adultos... então as crianças que você brincava eram quais não eram mais os seus tios né?

P não... era eu a B ((tia)) a D ((tia)) e as filhas dos fazendeiros né... de volta da redondeza...

E porque seus tios já estavam grandes...

P sim... eles ficava jogando baralho longe da gente

E e essa relação de vocês com os adultos como que era?

P era boa eles respeitava... tinha carinho pela gente... se tinha que corrigir corrigia... olha a gente teve uma vida maravilhosa na fazenda... a gente trabalhava... mas tinha amor e tinha carinho

E como que é ou foi a sua convivência entre homens mulheres e essa geração LGBT que é o que... as lésbicas os gays bissexuais transexuais na família ou na sua atuação profissional?

P ah eu não sou... como vou te explicar... tem uma palavra que fala E homofóbica?

P não... eu não tenho preconceito de maneira nenhuma... para mim não mexe comigo nada... se vem na minha casa eu trato com respeito com amor com carinho... para mim eu não tenho nada o que falar deles porque quero bem do mesmo jeito...

E e na questão familiar? não tem né?

P ((balança a cabeça negativamente))

E em que momento da sua vida você percebeu a necessidade de refletir sobre as relações de amizade e as relações amorosas?

P quando meu pai morreu... que eu vi as amizade que meu pai tinha que me tratava com amor com carinho na frente do meu pai... quando meu pai morreu todo mundo se afastou... mesma coisa é agora com o R ((marido))... enquanto a gente dava churrasco dava festa... minha casa era cheia dia de domingo... hoje eu tenho minha filha e meu filho e meus neto que vem aqui no domingo porque é obrigação deles... eu não peço eles vêm... mas... todo mundo afastou de mim depois que eu não pude mais fazer o que eu fazia

E e a questão das relações amorosas... quando que a senhora começou a pensar nisso? assim... a refletir sobre isso?

P como assim?

E porque aqui ele perguntou a necessidade de refletir né... então... quando que a senhora se deparou na vida em que momento de ter que refletir sobre as questões amorosas?

P foi quando eu tive quase para perder minha fia... e aí eu refleti bem que ali dentro do hospital ela dependia de mim... eu dela e nós duas de Deus... foi a maior reflexão que eu tive eu e meu genro lá dentro e a D ((tia)) ali junto... e aí a gente vê o que é o amor verdadeiro... o que que é... que a gente...tem muita gente que fala assim... a gente só sabe dar valor quando a gente é mãe... não é não... não é não... a gente... sem ser mãe... eu só tenho um casal de filho... eu amo tanto as criança amo mesmo... de sofrer por eles... eu acho assim... brigo com certas mãe... até perco a criança por causa de mãe

E e essa relação amorosa mas entre homem e mulher?

P entre homem e mulher?

E é

P eu acho que... eu só gostei de uma pessoa na vida... como não deu certo... vivi a vida que eu vivo hoje... então para mim o amor só é de filho mesmo e os parente que eu amo

E que fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos com seu marido e com seus netos? você discutiu ou discute sexualidade com eles?

P com meus filho não... eu não tive essa oportunidade porque eu trabalhava demais né... agora... com os netos eu discuto eu explico... eu falo para eles se cuidar e eu discuto isso aí bastante... principalmente com o G que já é rapazinho né... eu falo... não é só ter relação tem que se cuidar tem as doença... tem muita coisa que antigamente a gente não sabia

E agora são as últimas perguntas... você recebeu alguma formação sobre a convivência social entre mulheres homens e a geração LGBT? Assim... quando a senhora era criança não tinha muito essa questão do gay da lésbica né?

P não

E e aí... no decorrer do tempo que isso foi aparecendo mais a senhora teve alguém que falasse sobre isso? a senhora falou que age naturalmente... como a senhora chegou a esse ponto? porque assim é uma coisa... em uma parte da sua vida não tinha isso e depois passou a aparecer mais... como foi essa transição? porque a gente tem que adaptar a nossa forma de agir... como foi isso?

P assim... no começo foi assim... meio sem graça porque eu fiquei sem graça de saber né... mas depois eu fui conversando... minha própria filha falou... mãe abre o olho nós mudamo... a geração mudou não é mais como antigamente... aí eu fui me adaptando e me entrosei mais com a situação

E o que a senhora acha dessas relações de homens e mulheres? o que a senhora pensa sobre isso?

P Luana... eu nunca parei para pensar... eu acho que é uma questão deles né... porque eu tenho amiga que é lésbica e chegou para mim e falou que era casada e separou do marido porque a mulher deu mais amor e mais carinho para ela... coisa que o marido não fazia a mulher fez com ela... que dava amor e carinho... então é uma opção dela e dele né

E como que a senhora definiria para a gente as suas relações afetivas? assim no geral... por exemplo com o R ((marido)) que é uma situação que tá complicada... como a senhora definiria essa questão?

P uma relação de afetividade de respeito... dó não porque eu não vou tratar ele com dó sabe... mas é assim... ele me tratou com respeito... ele me respeitou na hora em que eu mais precisei... então hoje tudo o que eu faço por ele eu acho pouco por tudo que ele fez por mim e pelos meus filho... principalmente pelo C... então tudo o que eu faço para ele eu faço de coração

E e como que foi essa relação amorosa com ele lá no começo?

P foi pouca... foi pouca e foi boa... foi uns quatro cinco ano de amor e carinho porque eu gostei dele... só que aí eu descobri que ele era infiel comigo... ele passou a dormir em um quarto e eu no outro... vinte e seis anos assim... eu num quarto e ele noutro... e eu nunca procurei um homem... para mim não faz falta... eu sou assim e graças a Deus né... e até no tempo que ele andava que ele saía ele tinha os caso dele... só que ele pra lá e eu pra cá

E então depois desses cinco anos vocês nunca mais foram como homem e mulher? assim um casal?

P não não... mas a gente se respeitava... mas marido e mulher nunca mais

A. C. M.

A segunda entrevista foi feita no dia 20 de julho, na casa da entrevistada A. C. M., que tem 66 (sessenta e seis) anos, é natural do estado de Pernambuco, mora na cidade de Campo Grande há vinte e um anos e trabalha como costureira.

E como eram as brincadeiras na infância entre meninas e meninos?

A era muito legal né... aquilo ali era um divertimento pra nós né e assim... cada noite nós repetia a mesma coisa... só que era uma coisa repetida mais valia a pena... aquilo era muito engraçado na nossa vida... era brincando de rodinha de anel... e aquilo ali seria muito divertido pra nós...

E e do que vocês brincavam?

A brincava de anel brincava rodinha brincava de... diversas brincadeiras né...

E e como que era? brincavam os meninos e as meninas juntos ou só brincavam os meninos ou só as meninas?

A não... não havia separação... até porque na época não havia maldade né... era bem mais diferente não era como hoje... a gente confiava em todo mundo e ali a gente brincava todo mundo junto... não tinha escolha se masculino se feminino né... brincava todo mundo junto

E e quais as brincadeiras que vocês mais gostavam já que brincava todo mundo junto?

A a brincadeira era de contar história né... nós contava aquelas história maravilhosa todo mundo ria é claro né... e depois outro dizia... vamo brincar de anel... eu digo... mas brincar de anel todos junto... todos juntos meninos e meninas era de rodinha né... pegava na mão um do outro e ia brincar de roda né... e cantando aquelas música... que hoje eu não lembro mais ((risos))... e anel... era muito significante pra nós e era muito divertido e nós ia até as dez da noite naquela brincadeira né

E e o que essas brincadeiras representavam pra você? qual era o significado delas?

A alegria... e era uma diversão

E como essas brincadeiras e convivência possibilitaram sua compreensão sobre sexualidade... como que você começou a entender essa questão do gênero da sexualidade?

A depois de meus catorze quinze anos... por aí assim... aí a gente já toma outra atitude né... já vai ficando mais mocinha mais rapazinho né...

E que você começou a entender

A entender... exatamente

E que tipo de educação sexual você recebeu dos seus pais? eles te contavam sobre isso ou não?

A a minha mãe e meu pai eles nunca falavam sobre isso sobre sexualidade né... até porque eles tinha vergonha de falar pra gente né... porque já não queria que nós soubesse daquilo ali né... olha... na verdade quando nós passamos a de maior... só namoro... namorar com uma pessoa adequada olhar-se bem quem era a pessoa né...

E mas sua mãe e seu pai falavam sobre isso?

A sim mas não sobre sexualidade... só com a pessoa que deve namorar... pra poder chegar ao casamento... eu comecei a entender eu já era bem de maior... eu já tinha meus dezesseis dezessete anos... eu já mais ou menos entendia o que era a sexualidade

E então seus pais nunca te falaram sobre isso?

A não...

E e quem falava com você sobre isso?

A era uma prima... que incentivava muito... eu e outra minha irmã né... ela ali conversava com a gente brincava... ela brincava só que uma maneira que ela ensinava né... que é sexualidade...

E então não foi sua mãe? foi essa prima quem conversou sobre isso?

A exatamente

E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação para o casamento? alguém te falou te deu algum conselho sobre o que era o casamento?

A ah falava assim... olha... tá no tempo de você casar... é isso que você quer? só que o casamento é uma vida a dois.... ali tem que um compreender o outro pra poder dar certo no relacionamento... da vida a dois né

E com quantos anos você casou?

A eu casei com vinte e um anos

E e antes disso... alguém falava dava conselho sobre isso ou não?

A não...

E ninguém conversou nada?

A não... ninguém comentava

E conte-nos como era o tratamento entre homens e mulheres na sua época... como eles se tratavam? assim... seu pai e sua mãe como era a convivência entre eles?

A olha... a convivência deles era um entendendo o outro... e assim viveram muitos anos

E e os outros casais com quem você tinha contato? como que era o relacionamento? tinha respeito ou não?

A sim tinha respeito... era essencial para cada vida em casal né... porque ali iriam viver a vida a dois né

E quais valores foram construídos pela sua família na sua educação ou desconstruídos... quais são os valores que a sua relação familiar trouxe?

A olha... trouxe muitos... digamos né... na verdade toda a vida tivemos nossa casa... vivia uma vida que não era... como se diz... de sufoco né

E uma vida bastante honesta... era uma vida simples né? mas ao mesmo tempo bem honesta...

A é... bem honesta

E isso te ajudou nos seus relacionamentos?

A com certeza... com certeza... hoje eu estou de pé e muitas coisas minha mãe me ensinou e hoje eu vivo o que ela me ensinou... eu me... minha mãe e meu pai foi um espelho para mim... um espelho de que... de vida... saber tratar os outro com educação e tudo mais

E como é ou foi a convivência entre homens mulheres e a geração LGBT na família ou na sua atuação profissional? LGBT são os gays as lésbicas os transexuais... como é a sua convivência com essas pessoas?

A olha... como se diz né... eu não tenho nada contra... eu não tenho nada contra e acho que cada um deve viver o que ele é

E mesma coisa vale pros homens e pras mulheres nos relacionamentos deles hoje...

A sim... mesma coisa

E em que momento da sua vida você percebeu a necessidade de refletir sobre as relações de amizade e as relações amorosas? quando foi que você parou pra pensar nessas questões de amizade e de relacionamento? teve algum fato assim... que te fez pensar nas relações de amizade e de relacionamento?

A não... eu creio eu creio que uma boa amizade já é uma boa posição... em cada um ser humano... e essa é a minha convivência e o meu entendimento... eu entendo dessa forma

E ah... então não teve nenhum fato que te fez pensar...

A não não

E quais fatores contribuíram para que você optasse discutir sobre sexualidade com seus filhos filhas marido ou esposa? você chegou a discutir com a P ou com o F ((filhos)) em algum momento sobre isso... sobre sexualidade ou nunca discutiu com eles

A óia... quanto a isso o que eu falo é da seguinte forma... eu digo... Deus só deixou a mulher pra casar com o homem né... eu conversei já sim porque... não eu desclassificando essa personalidade né... mas eu acho que o bem mais certo é conversar sim pra saber do filho né... você vê nele se ele é homem... ele gosta... vai gostar de mulher e se ela é mulher que ela passa a gostar de um homem...

E mas você sempre falou isso pra eles?

A sempre falo sempre falei...

E e sobre... assim... sexualidade... ou vocês nunca chegaram a...

A não não tenho muita intimidade assim... eu como mãe né... eu nunca tive essa intimidade de falar quanto a isso pra ela né... e nem pra ele também pra meu filho né

E você recebeu alguma informação sobre convivência social entre homens mulheres e a geração LGBT por alguém? alguém já chegou a te falar sobre isso... sobre essa geração LGBT... que são os gays porque lá na sua época lá no nordeste não tinha isso né... você não via ou via?

A não não... não ouvia

E quando que você começou a ver essas coisas?

A posso dizer que foi já na minha velhice

E e como foi? qual a sua opinião?

A a minha opinião é como eu já falei ne... cada um viva sua vida da forma de der pra viver e pronto não sou contra né

E como você define suas relações afetivas? com o Chico com a P com seus netos

A ((silêncio))

E como que é? tem afeto ou não tem?

A tem um pouco não tanto é um pouco...

E mais com quem?

A com meu esposo... entre meu esposo...

E e com seus filhos? e com neto?

A ::::: tento na maneira do possível conversar também né... porque isso ajuda também com a vida deles futuramente né...

E e as relações afetivas entre homens e mulheres que não são da sua família?

A normal

E mesma coisa com os LGBT que são os gays as lésbicas?

A exatamente... beleza?

Considerações Finais

A primeira entrevista foi feita no dia 12 de julho, na casa da entrevistada P. S. A., que tem 60 (sessenta) anos, natural do Estado de Mato Grosso do Sul e trabalha como mãe crecheira.

P (2016) inicia sua fala dizendo que, em sua época de criança as meninas e os meninos não brincavam juntos, as brincadeiras eram diferentes, elas brincavam de passar o anel, enquanto eles brincavam escondidos em um campo em outro lugar jogando bola ou pelo menos é o que se diz que faziam. Apesar de ela relatar que o tratamento entre meninos e meninas, adultos e crianças era igual, podemos ver em vários pontos da entrevista que não era bem assim, como os tios que jogavam baralho longe das crianças e os meninos que brincavam separados das meninas, como no trecho: “sim, eles ficava jogando baralho longe da gente” (P, 2016, p. 09), ou em “bem, a gente não brincava com menino, né!... na minha época. A gente brincava só com as meninas mesmo” (P, 2016, p. 05), assim como em: “eles trabalhava e no domingo eles jogavam bola num campo que também a gente não via nem onde que era esse campo” (P, 2016, p. 05).

Em outro momento ela afirma que só começou a pensar nas diferenças entre os sexos a partir dos 10 (dez) anos, quando na escola, falava com os colegas e enfatiza que não era com as freiras. Segundo Freud (1924, p. 02) “o recém-nascido já vem ao mundo com sua sexualidade, sendo seu desenvolvimento na lactância e na primeira infância acompanhado de sensações sexuais”, que são em cada período de desenvolvimento enfatizados em certas zonas erógenas, além de tomar como objetos sexuais outras pessoas. O fato de os adultos não se lembrarem de acontecimentos de sua primeira infância são relacionados, por Freud (1905, p.104), à amnésia infantil, fruto do recalque e precursor das psiconeuroses.

Isso seria próprio da repressão e é o que a distingue das interdições mantidas pela simples lei peal: A repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, as também como injunção ao

silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber (FOUCAULT, 1988, p. 10).

Foucault afirma que a repressão acaba se tornando uma forma de privação da própria realidade, muito comum no passado. Desta forma, quando ela diz que não pensava nessas coisas antes dos dez anos, podemos observar a repressão e o recalque agindo, já que a sexualidade é natural desde o nascimento. Apesar de ser algo intrínseco ao ser humano, a sexualidade, a partir do século XVII com o advento da sociedade capitalista, é negada e reduzida ao silêncio.

Desse modo, partindo-se do pressuposto de que tudo deve ser observado e analisado segundo seu contexto histórico e mais do que isso, que devemos compreender que tudo é construído sócio historicamente, podemos observar que as concepções de sexo biológico e de gênero se modificam dependendo do tempo e local para o qual fixamos nosso olhar, conforme nos afirma Moore (1997, p. 03).

Os sentidos dados aos corpos e as práticas nas quais estes se envolvem são altamente variáveis, cultural e historicamente (...) Corpos, processos psicológicos e partes do corpo não têm sentido fora das suas compreensões socialmente construídas. O intercuro sexual e a reprodução humana não são somente processos fisiológicos, são também atividades sociais.

A autora pontua que, as definições dos corpos variam conforme o contexto histórico e a sociedade em questão. Quando a entrevistada fala sobre sua primeira experiência sexual após o casamento: “Nossa!!! Foi a pior experiência que eu tive, nossa. Da calafrio até hoje só de pensar. Foi a pior experiência da minha vida!”, (P, 2016, p. 07) sobre sua relação de submissão para com o primeiro marido, sabemos que essas questões vêm sendo enfrentadas pela grande parte das mulheres há muito tempo, pois

“a moral social que dava toda a liberdade ao sexo masculino e nenhuma ao feminino” (DEL PRIORE, 2013, p. 97).

Quando se recorda de sua relação com o marido expressa: “Ah, era tudo muito rigoroso, né! Porque a gente tinha que respeitar o marido, ele falava era uma ordem, a gente não podia retrucar, nem falar nada.” (P, 2016, p. 07) “O “casamento” faz parte do conjunto das instituições sociais que engendram distinções de gênero eficazes no controle, produção e reprodução social.” (SOUZAS, ALVARENGA, 2001, p. 16) Por outro lado também há um processo histórico do que é ser do “homem”, que segundo Del Priori e Amantino (2013, p. 06) era sinal de virilidade, ser corajoso, forte, heroico. Nesta mesma obra, as autoras abordam sobre a infidelidade e os vários filhos fora do casamento, que é o que a entrevistada fala sobre seu casamento atual, que “foram 5 anos de felicidade, mas após descobrir sobre as traições eles nunca mais foram um casal e isso já faz 26 anos” (P, 2016, p.14), o que também nos leva a refletir no que significava a indissolubilidade do casamento no passado e o que hoje ainda ele significa para essas pessoas.

Todas as formas de mudança social implicam a reelaboração das relações de gênero em maior ou menor grau. Isso porque as mudanças nos sistemas de produção implicam mudanças na divisão sexual do trabalho; conflitos políticos implicam a reconfiguração das relações de poder dentro e além da esfera doméstica; e o gênero, como uma forma poderosa de representação cultural, é envolvido nas lutas emergentes em torno do significado e nas tentativas de redefinir quem e o quê são as pessoas (MOORE, 1997, p. 15).

Desta forma, as mudanças materiais e sociais acabam interferindo diretamente nas relações humanas em geral, na maneira como as pessoas lidam com as situações e reagem frente a certos desempenhos de papéis sociais ao longo dos anos. Percebemos que homens e mulheres radicalmente modernos

tendem a ajustar seus papéis e negociarem mais do que víamos antigamente, obtendo uma maior flexibilidade um do outro tanto nas questões sexuais, quanto nas sociais. Partindo deste ponto de vista oposto disso é a violência que emerge a partir da cristalização dos papéis e atribuições impostas aos homens e às mulheres tolhendo a possibilidade de uma relação mais flexível e compartilhada.

Outro ponto abordado pelas historiadoras é a questão do papel do pai, que também sofreu e sofre alterações ao longo dos anos. “A partir do século XIX...e todo-poderoso, austero e despido de afetos, passou ao pai amigo, solidário e amoroso” (DEL PRIORE, AMANTINO, 2013, p. 06). Como vemos a entrevistada dizer, que além das explicações sobre sua primeira menstruação foi o pai que conversou com ela sobre sexo e que a auxiliava em todos os momentos em que precisava dele.

Ele me dava bons conselhos, nossa, ele era o melhor amigo que eu podia ter na face da Terra... Ixi, até negócio de menstruação foi eu primeiro a me explicar, eu cheguei nele e falei: - Pai, eu não sei o que aconteceu, eu... ta saindo sangue por baixo, eu não me machuquei, eu não fiz nada, eu não cáí, aí que eles foi me explicar, me mandou rasgar um lençol e usar. A mãe nunca me explicou nada, nada, nada, nada! Nunca! (P, 2016, p. 08).

Diferente do que se espera a entrevistada sempre recebeu mais atenção e orientação de seu pai e afirma que a mãe nunca lhe explicou nada e nunca foi presente em nenhum momento de sua vida.

No final da entrevista começamos a falar sobre as relações LGBT, e a entrevistada relata que de início como nunca tinha lidado com isso, achou essas questões estranhas já que em seu tempo não se falava e não se via muito a diversidade sexual nas relações, mas que começou a observar que era necessário se modificar para compreender a complexidade dos

relacionamentos. Ela diz: “Aí eu fui me adaptando e me entrosei mais com a situação.” (P, 2016, p. 11) Podemos verificar então que:

Todas essas transformações afetam, sem dúvida, as formas de se viver e de se construir identidades de gênero e sexuais. Na verdade, tais transformações constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, aparentemente, não as experimentam de modo direto (LOURO, 2000, p. 05).

Dessa forma, considerando-se que tudo está em constante movimento, todas as mudanças pelas quais uma sociedade passa, exige dos que nela vivem uma transformação nas formas de viver e agir diante das necessidades históricas que ela apresenta. Assim, tanto as pessoas que melhor compreendem essas transformações e as acompanham, quanto aqueles que as ignoram e rejeitam acabam sentindo os impactos dessa dinâmica social.

Para o registro da segunda entrevista também iniciamos lendo o TCLE e explicando para a entrevistada qual era nosso objetivo e como ela poderia proceder caso desejasse desistir. Logo após pedimos a autorização para uso de imagem, áudio e dados pessoais biográficos. Assim, a entrevistada concordou em conceder a entrevista, assinou e preencheu seus dados no termo.

As perguntas foram bem formuladas e ela não teve dificuldade em responder nenhuma das questões. Apenas em algumas questões, como as que se referiam às brincadeiras vivenciadas em sua infância que a entrevistada fez um pequeno esforço para lembrar-se de alguns momentos desse período de sua vida.

A segunda entrevista foi realizada com A. C. M., uma idosa de 66 (sessenta e seis) anos, moradora de Campo Grande, MS que trabalha como costureira. Ela é natural do Estado do Pernambuco e mora na capital há 21 (vinte e um) anos. A entrevista foi concedida na casa da entrevistada na tarde do dia 20 de julho de 2016.

As perguntas foram formuladas de acordo com as necessidades da idosa, de forma que ela pudesse compreender e responder as questões. Para tanto algumas das perguntas do questionário foram adaptadas. Assim, ela não teve grandes dificuldades.

Um ponto que chama atenção na entrevista foi a parte em que ela disse que na infância não tinha separação de meninos e meninas nas brincadeiras, o que era incomum para época, devido ao grande conservadorismo, especialmente com as meninas. “(...) Todos juntos, meninos e meninas. Era de rodinha né? Pegava na mão um do outro e ia brincar de roda né? E cantando aquelas música... que hoje eu não lembro mais (risos).” (A, 2016, p. 13).

Diferente da primeira entrevistada, que disse que não brincava junto com os meninos de forma alguma. Com isso, podemos constatar que os costumes variam de acordo com a região em que se vive, no caso de A no nordeste do país.

Não. Não havia separação. Até porque na época não havia maldade né? Era bem mais diferente, não era como hoje. A gente confiava em todo mundo e ali a gente brincava todo mundo junto. Não tinha escolha se masculino, se feminino né? (A, 2016, p.12).

Outro ponto interessante da entrevista foi quando A começou a falar sobre sua relação com os pais e como a sexualidade era um tabu muito maior naquele tempo, chegando ao ponto de não ser discutida de nenhuma forma dentro de casa. Ela relata que só foi entender tudo isso depois de certa idade e que foi outra pessoa que a ajudou a entender.

A repressão era forte e a ênfase no pudor, uma obsessão. E havia quem fosse contra ou a favor. ” A nossa educação está errada. Todo domínio sexual está envolto em um mistério que não é natural, entre véus de excessivo pudor. ”, dizia um manual intitulado *Leitura Reservada* (DEL PRIORE, 2011, p. 63).

As questões do namoro também foram abordadas durante a entrevista. A, destaca que recebeu pouca orientação dos pais nessa parte. Ela conta que os pais a aconselhavam sobre com quem deveria namorar. Com relação a questão do caráter, e que isso aconteceu bem tarde, depois dos 16 anos mais ou menos. Segundo ela, não foram os pais que falaram sobre sexualidade com ela e sim terceiros, no caso de A, foi uma prima que lhe deu conselhos a esse respeito. “A minha mãe e meu pai, eles nunca falavam sobre isso, sobre sexualidade né? Até porque eles tinha vergonha de falar pra gente né? Por que já não queria que nós soubesse daquilo ali né?” (A, 2016, p.12)

No que se refere, à preparação para o casamento, abordado durante a entrevista, ela afirma que não recebeu nenhum tipo de preparação ou informação sobre o que era o casamento e que tudo isso foi aprendido com o tempo.

A entrevistada relata que não teve uma conversa direta sobre sexualidade com seus filhos e que não teve intimidade suficiente com eles para discutir esse assunto, justamente porque nunca teve esse tipo e conversa com seus pais. Ela destacou que, se possível, vai procurar ter essa conversa com seus netos futuramente para que eles cresçam com consciência e entendam as questões da sexualidade.

Os discursos sobre sexualidade evidentemente continuam se modificando e se multiplicando. Outras respostas e resistências, novos tipos de intervenção social e política são inventados. Atualmente, renovam-se os apelos conservadores, buscando formas novas, sedutoras e eficientes de interpelar os sujeitos (especialmente a juventude) e engajá-los ativamente na recuperação de valores e de práticas tradicionais (LOURO, 2000, p. 22).

No que diz respeito ao entendimento da cultura LGBT ela afirma que não existe preconceito da parte dela. Contudo, A afirma que, no passado, durante a sua adolescência isso não era

comum como é hoje. Ela conta que passou a ter contato com essa realidade recentemente,

Na medida em que a sociedade civil nos países ocidentais se torna mais complexa, mais diferenciada, mais auto-confiante, as comunidades lésbica e gay têm se tornado uma parte importante desta sociedade. Cada vez mais, a homossexualidade se torna uma opção, ou uma escolha, a qual os indivíduos podem seguir de um modo que era impossível numa sociedade mais hierárquica e monolítica (LOURO, 2000 p. 50).

Ainda conversando sobre às comunidades LGBT, A conclui que, mesmo não tendo preconceito nenhum contra essas pessoas, ressalta que o homem deve ficar apenas com mulheres e vice-versa, ela justifica seu ponto de vista com base na religião e apresenta uma opinião bem conservadora com relação a esse assunto. Isso se remete possivelmente a educação que recebeu no nordeste do país e também pelas suas concepções e costumes religiosos da entrevistada. “(...) Óia, quanto a isso o que eu falo é da seguinte forma, eu digo: Deus só deixou a mulher pra casar com o homem, né!?” (A, 2016, p.15).

Realizar uma entrevista com idosos pode não parecer uma tarefa fácil no início. Muitos deles se recusam a falar, ainda mais em razão do tema da sexualidade que ainda considerado um tema polêmico pela maioria das pessoas. Contudo, não encontramos dificuldades para contatar as idosas para entrevistá-las. Pelo contrário, elas aceitaram prontamente conversar conosco. Quando iniciamos a entrevista e falamos sobre as questões de gênero elas começaram a se lembrar do passado e a nos contar diferentes aspectos vividos na perspectiva dessa temática.

Segundo Louro “Certamente as respostas a essas questões dependiam (e dependem) de inúmeros fatores. Geração, raça, nacionalidade, religião, classe, etnia seriam algumas das marcas que poderiam ajudar a ensaiar uma resposta” (LOURO, 2000, p. 4). Esses fatores estão vinculados às transformações sociais que no

decorrer do processo histórico construíram novas formas de relacionamentos, tanto no que diz respeito ao sexo e gênero, quanto às relações entre adultos e crianças. Porém, todos os preconceitos e lutas travadas no passado, deixaram uma marca profunda em nossas atitudes em todos os âmbitos da relação humana.

O fato de escutarmos os relatos de pessoas que viveram em outro momento histórico, mesmo que não seja tão distante do tempo atual, nos mostra diversas disparidades, mas também muitas semelhanças na forma como agimos e pensamos. Situações que nos impactavam há anos atrás continuam nos impactando hoje, em razão da ausência de conhecimento e de preconceitos que estão cristalizados em nossa sociedade.

Assim, conversando com essas idosas e conhecendo o conteúdo teórico sobre gênero e educação, é possível afirmar que a sexualidade era um tema praticamente desconhecido naquela época e o esclarecimento acerca desse assunto era escasso. Além disso, observamos também a opinião delas a respeito das comunidades LGBT. O que nos deu certa noção de como as gerações anteriores concebiam essa questão.

Dessa maneira, considerando-se que ouvir é o caminho para a produção do conhecimento (MONTEIRO, 2006, p. 101) as memórias dessas entrevistadas são de grande importância para nossa formação profissional, pois assim ouvindo e vendo na prática o quanto as ideologias disseminadas marcam, ferem e persistem nas lembranças das pessoas, podemos em nosso exercício pedagógico ter maior consciência sobre qual a forma adequada e saudável para a vida futura de nossos alunos e iniciar um processo, que mesmo lento e ainda doloroso, possa modificar nossas crenças nessa sociedade, transformando-a em um lugar que não apenas diga que todos têm os mesmos direitos, mas que coloque isso em prática.

Assim, ouvir as histórias de vida dessas idosas foi uma experiência muito boa para nós, pois ouvimos histórias que nos fizeram voltar, de certa forma ao passado. Pensar como eram

essas questões do gênero, da sexualidade em um tempo diferente do qual vivemos hoje. Isso possibilitou ampliar as nossas visões de mundo, pois colocamos questões além das que estavam no roteiro, sem fugir do tema da entrevista, com o objetivo de facilitar a compreensão das idosas e nos aprofundar mais no assunto.

Dessa forma conseguimos o máximo de aproveitamento nas entrevistas. As entrevistadas nos relataram como era a sua infância, relembrando com saudade desses momentos vividos e até se emocionaram em determinados momentos.

Como futuras educadoras, é de fundamental relevância que entendamos como o tema da sexualidade e de gênero é importante dentro do processo educacional e como isso ocorreu ao longo da história. Para isso, temos que olhar para o passado e construir uma visão mais ampla para o futuro. Dessa forma, com certeza saberemos como orientar nossos futuros educandos sobre esse tema.

Referências

ALCÂNTARA Costa, Ana Alice; RODRIGUES, A. (Org.) ; VANIN, I. M. (Org.). **Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais**. 2. ed. UFBA/NEIM: Universidade Federal da Bahia, 2011. v. 1. 289p.

A. C. M., **Relações de Gênero: Registro de Memórias Com Idosos**. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a SALAZAR, L. S. G; SOUZA, I. Q. O.

FREUD, S. **O Esclarecimento Sexual das Crianças**. (1906-1908). In: _____. In: Gradiva de jensen e Outros Trabalhos. Trad. do alemão e do inglês sob a direção-geral de Jayme Salomão. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. IX.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. I: A Vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal. 1988.

DEL PRIORE, M. L. M.. **Histórias Íntimas**. Sexualidade e Erotismo na História do Brasil. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2011. v. 1.

GRAZZIOTIN. L. S. S. **Aulas com professores em casa**: Memórias do ensino rural em Bom Jesus (1910-1940). Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 20, n. 36, p. 115-125, jul./dez. 2011.

LOURO, G. L.. **O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade**. 3a. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, v. 01. p. 174 2010.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História Oral como fonte: problemas e métodos**. *Historiae*, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.

MOORE, Henriquetta. **Compreendendo Sexo e Gênero**. Do original em inglês: “Understanding sex and gender”, in Tim Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres, Routledge, 1997, p. 813-830. Tradução de Júlio Assis Simões, exclusivamente para uso didático.

P. S. A., **Relações de Gênero**: Registro de Memórias Com Idosos. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a SALAZAR, L. S. G; SOUZA, I. Q. O.

PRIORE, M. L. M.. **Histórias Íntimas. Sexualidade e Erotismo na História do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2011. v. 1.

RUBIN, G. S. **Pensando sobre sexo**: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade. *cadernos pagu* (21) 2003.

SOUZAS. R., ALVARENGA. A. T. de. **Da negociação às estratégias**: Relações conjugais e de gênero no discurso de mulheres de baixa renda em São Paulo. USP. *Rev. Saúde e Sociedade*, 2001.

7. Aproximação entre passado e presente: memória de idosos sobre gênero e sexualidade

Louise Arruda Sena dos Santos
Wânia Ottoni da Silva

Introdução

Este trabalho tem como objetivo investigar as vivências de idosos sobre sexualidade e relações de gênero, bem como descrever as suas concepções a fim de desvendar incógnitas pré-concebidas sobre o modo de ser e viver dessa geração. Para isso, utilizamos um roteiro de conversa orientado pela professora da disciplina de Gênero e Educação.

As informações foram cedidas por dois idosos, com idades de 81 (oitenta e um) e 84 (oitenta e quatro) anos. O método compilador empregado foi a entrevista transcrita que apresentamos na íntegra abaixo. O ouvir seguido da escrita concebe uma história, resgatada por meio da memória e constituída pela própria testemunha. Define-se essa escuta das vivências de formação como otobiografia. (MONTEIRO 2006, p. 94).

A escuta buscou contemplar as relações de gênero na família, na escola, no trabalho e em outros espaços sociais que as participantes da pesquisa frequentam e/ou frequentaram, instituindo uma ligação entre passado e presente vividos, na perspectiva das relações de gênero.

Registro de Memórias

O. F. P.

Feminino, com 84 (oitenta e quatro) anos de idade, residente em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

E como eram as brincadeiras da infância entre meninas e meninos?
O nós brincava tudo junto tinha nossas casinhas no meio do quintal... tinha aqueles matos fazia nossa comidinha... cozinhava naquelas latinhas... brincadeira de casinha ao ar livre no pasto no mato... os meninos iam campear o gado... buscavam os porcos traziam e saiam correndo atrás à cavalo de pau... então nós brincava tudo junto com os irmãos... o que tornou meu marido por que casei com ele... eu brincava com ele naquela época que eu era pequena da minha infância

E do que você mais gostava de brincar com os meninos as meninas?

O nós tinha as bonequinhas... sabe o que que era nossas bonequinhas? de sabugo de milho... a gente fazia as bonequinhas arrumava bem arrumadinha... fazia a caminha e punha lá ficava cuidando coisa mais engraçada né...

E não tinha jeito de comprar, né?

O não tinha não... lá não tinha jeito da gente ter nenhuma coisa de comprar...

E não tinha loja... não tinha nada a cidade era longe?

O para ir na cidade era dois dias a cavalo que a gente gastava para ir na cidade... e a gente também fazia vaquinha de manguinha de laranjinha... punha espinzinho e punha os pezinho nas vaquinha e ficava brincando com aquilo era nossa brincadeira... era tão bom naquela época não tinha nada de maldade... era muito diferente de hoje

E o que essas brincadeiras representavam para você?

O a gente pensava que a gente tava fazendo que era verdade

E mas brincava que um era marido da outra ou não nessa época não tinha isso... por exemplo brincar de papai e mamãe que fulano era o marido...

O tinha tinha é nossos irmãos era o pai era o marido... tinha sim...

E tinha os filhinhos... tinha quem representava os filhinhos o papai e a mamãe?

O o bebezinho... era muito bom viu a gente tinha uma vida nossa... muito gostoso aquele tempo

E como essas brincadeiras e convivência possibilitaram a sua compreensão sobre a sua sexualidade? depois na sua fase adulta... você acha que brincar dessa forma te ajudou de alguma forma a moldar o que você seria no futuro?

O de certo né Wânia... porque a gente tinha aquele respeito com os outros assim né e mesmo depois no futuro a gente continua essa vida né... mesma coisa... só que a gente muda muito pouco hoje nossa ... aquilo marca a vida da gente porque a gente acostumou naquilo ali... a gente criou ali daquele jeito...

E quer dizer... então aquela vivência que você tinha na época de brincar por exemplo... que você brincava que o homem era o marido... a mulher era a mulher a mãe aquela que desenvolvia as atividades dentro de casa... então isso você acha que foi uma coisa marcante para o significado do que seria a família no futuro...

O isso... foi nossa... isso

E que tipo de educação sexual você recebeu dos seus pais? que tipo de conversa que tipo de educação sexual... o que que seu pai conversava com você a respeito disso porque eu acho que a bisã não conversava nada né?

O nem meu pai... nessa parte aí ninguém falava nisso naquela época... olha era muito sigilo essas coisas nossa... num falava disso com a gente...

E ninguém sabia?

O não

E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação para o casamento? em caso positivo quem e como foi feita essa orientação? o que você imaginava do casamento assim... o que você pensava que seria o casamento?

O sei lá a gente pensava... eu num pensava em nada, muito diferente do que era do que foi a realidade

E quer dizer... na hora que você casou que você se viu dentro dum quarto com o marido você falou e agora o que que vai ser? porque não sabia nada?

O nada fiquei bem perdida... muito difícil

E e com os homens como era... os homens sabiam? e quem que contava essas coisas para os homens?

O com certeza... certamente era os pais de certo eu não sei... eu não sei nunca tive uma conversa dessas eu não sabia... comigo eu sei que eles não falavam em sexo e essas coisas ninguém... quando a mulher ia ter neném ganhar neném a gente tinha que ficar longe... não podia nem ficar perto, era uma coisa muito... nossa... diferente... muito diferente de hoje

E era tudo muito oculto muito escondido?

O oculto demais nossa... a vida da gente a gente vivia assim... pensava em trabalhar fazer as coisas certinho e mais nada

E então quer dizer que a orientação a respeito do namoro e a preparação para o casamento você não recebeu nenhum tipo de orientação?

O nada nada nenhuma... eu sei que quando eu fui menstruar essa coisa foi meu pai que me falou falou... daqui uns tempos você vai ter uma menstruação que desce um sangue ele me falou isso... mas minha mãe nunca ele falou isso para mim mas foi só isso também mais nada

E porque o seu esposo queria casar com você? essa fase do namoro não teve como que foi o relacionamento de vocês? para vocês poderem casar foi você que escolheu? ou não? como que foi?

O não... eu gostava de um outro rapaz que namorava desde pequena... ele era vizinho era compadre do meu pai e aí a gente gostava... ele já teve aqui em casa quando seu avô era vivo... então ele veio almoçar aqui comigo com nós... eu gostava muito dele mas meu irmão mais velho falava... você não pode nem pensar em ficar namorando esse sujeito... porque os pais dele quer que ele case com uma moça rica e estudada e você não estudo... não tem dinheiro e vai servir de palhaça... e o que aconteceu... eu casei uma coisa igualzinha o que ele falava que não queria que eu ficasse... porque justamente casei com o A... tinha dinheiro teve estudo e eu não tinha e a minha sogra me perturbava por causa disso... ela não queria esse casamento para o filho dela

E ela queria uma coisa que ela achava que seria melhor?

O é uma moça estudada...

E mas assim... daí vocês não namoraram? quando resolveu?

O ele falou pro meu pai... ele foi carrear puxar madeira com o meu pai para falar isso... falou para o pai que ele tava gostando de mim e que ele queria casar comigo... que ele pedia minha mão em casamento aí meu pai falou... olha vamo fala com ela então... e eu fui lá ficar com ele lá para falar... eu fiquei lá de dentro do quarto meu pai falava vem aqui eu falava não...

E tinha vergonha?

O vergonha... aí ele perguntou se eu gostava se eu queria namorar com ele... uai se o senhor quer pai eu quero desse jeito... eu não esqueço disso se o senhor quer eu quero aceito...

E e aí do namoro até a hora do casamento... e com quantos anos era isso vocês tinham quantos anos?

O quatro mês já saiu o casamento quatro mês... quinze anos eu fiz quinze anos no dia cinco de maio no dia quinze de agosto saiu o casamento...

E e ele tinha quantos anos?

O vinte

E ah é ele era cinco anos mais velho?

O cinco anos e cinco mês

E bom... já que durante esses quatro meses o namoro foi muito curto foi um período curto... que que vocês faziam no namoro ? como que era ele vinha na sua casa ou você ia na casa dele, ou não?

O as vezes né muito difícil... mais as vezes eu ia na casa dele...

E no final de semana no domingo?

O não ele ia todo dia lá em casa...

E é... ele ficava muito lá né?

O ele não ficava... ele ia pro campo de mentira para passar lá em casa... aí ele passava um pouquinho lá em casa e eu nem saía as vezes para ele que eu era muito caipira e ele ia para me ver... mas eu as vezes nem via...

E mas pegava na mão dava beijo ou não nada?

O vixi imagina...

E nem uma coisa nem outra... nem pegava na mão

O ele não contava para vocês que eu ficava pelo buraco da parede...

E ficava no buraco da parede olhando ele?

O ficava no buraco da parede é nada mas sei lá... eu não lembro disso não mas ele falava

E então não aconteceu nada... só veio a saber o que era o beijo o que que era a noite o que acontecia de noite quando você casou?

O nada... mesmo depois de casada ele queria me beijar eu não queria... tinha vergonha cê já pensou? depois de casada vinha correndo a cavalo... parava o cavalo na berada da cerca e me dá um beijo para mim ir para o campo... eu falava não vai embora cara... não tinha esse negócio de beijo... por isso que a gente estranha hoje

E tá... mas e daí a noite do jeito que aconteceu... a bendita noite de núpcias como que foi pra você?

O mais terrível do mundo né... ao invés da gente achar muito bom aquela felicidade nossa foi muito bem o contrário...

E foi um sofrimento?

O a gente não queria aquilo de jeito nenhum... não queria não... foi muito difícil

E ele queria? quem não queria era a senhora?

O ixi nossa senhora... é...

E mas porquê? o que que você achava que era uma coisa que...

O tinha vergonha né Wânia

E era só vergonha... não era por causa de proibição por causa de igreja... porque nessa época a senhora não ia muito na igreja né?

O não não eu nem conhecia a igreja... coitadinha de mim eu fui conhecer a igreja tava com uns trinta e poucos anos... foi quando eu vim aqui em Campo Grande batizar a I e tratar de saúde

E então era por pudor? era vergonha mesmo?

O vergonha vergonha mesmo...

E e foi sofrida? machucou? doeu? como que foi?

O Deus me livre nossa senhora... é horrível né? muito horrível

E conte-nos como era o tratamento entre os homens e mulheres na sua época? e após a convivência diária no casamento? como que era os serviços... como que era a lida em casa... como que era a relação entre os homens e as mulheres... como que a sociedade tratava isso então assim... o homem o que que era função dele o que que ele fazia... a mulher o que que ela fazia e a convivência no casamento como que era... cada um cuidando da sua parte ou não ele ajudava você em algumas funções como era?

O não alguma coisa ele ajudava quando ele tinha tempo ele me ajudava assim... até lavar louça me ajudava a cuidar das crianças... mas sempre ele tava no serviço dele e eu no meu né... lá na fazenda

é assim num tem jeito de você viver junto... igual a gente viveu aqui no fim da nossa vida não... ele fazia o serviço dele e eu fazia o meu né... eu tinha que cozinhar lavar... passar nem se fala... costurar para aquele mundo de gente

E porque não comprava roupa... nessa época fazia roupa em casa né?

O é... comprava o pano tecido e a gente fazia... eu cortava e fazia costurava na máquina né... não tinha esse negócio de comprar feito não... nossa como a gente trabalhava não sei como a gente dava conta muito difícil

E e o parto das filhas como que foi... foram cinco filhas... foi na fazenda né? porque não tinha não veio para o hospital?

O só a única filha que eu tive no hospital aqui na maternidade foi a L sua mãe... a T foi lá na fazenda o marido não tava... minha sogra não tava minha mãe tava de dieta de seis dias da M...

E então era a primeira filha?

O primeiro filho eu tinha dezesseis anos... e aí meu irmão e meu pai deixou minha mãe lá sozinha com as crianças e foi pra me atender... e minha vó que era uma veinha que já não dava mais conta de nada né aí... olha quase que eu morri viu... porque não foi fácil para ter uma criança daquele jeito que eu tava... sem nenhum conforto e sem nenhum apoio de uma pessoa que pudesse me ajudar... porque minha avó não tinha força mais meu pai não sabia muito menos... não tinha mais força... então quando eu tava muito mal mesmo assim... eles chamaram o que é meu cumpadre... já era madrinha do filho dele... aí eles chamaram ele para me segurar me ajudar... aí meu irmão também meu irmão mais velho foi atrás de uma parteira... gastou um dia inteiro para buscar essa parteira... e eu tô lá sofrendo... quando chegou já de noite ela me falou... você me espera um pouquinho que eu vou descansar um pouquinho... porque eu fiz um parto essa noite e não dormi nada... aí pôs um banho cozinhar de mentrasto e umas coisa lá e foi dormi... deita um pouquinho... aí quando ela veio já com aquele banho... me pôs dentro do banho e o meu compadre me segurou e ela... essa veinha me ajudou e eu ganho a menina... mas já tava quase morrendo não aguentava mais... foi muito sofrido mesmo... e minha sogra tava em Três Lagoas com meu marido...

E e o seu marido nem para te ajudar? quer dizer... não era função dele não era ele que ia ganhar?

O nem tá por aí né... ele não sabia nada né... agora minha sogra que faltou né porque era dela te falado... não A vamo levar sua mulher porque ela tá esperando criança né... ficaram uns vinte dias pra lá e eu lá com a minha cunhada que tinha fogo selvagem... em cima duma cama e eu cuidando... não foi fácil não foi muito difícil... agora as outras já foi mais fácil porque aí minha mãe me ajudava... minha mãe era boa parteira... a L foi a minha mãe a I foi a minha mãe...

E e por que que a primeira não foi?

O porque ela tava de dieta de seis dias da M... quero ver como é que ela ia coitadinha nossa senhora... que absurdo né?

E quais os valores foram construídos pela família na sua educação ou desconstruídos? isso te ajudou ou trouxe dificuldades em seus relacionamentos? então assim... o que você aprendeu os valores a ética que você aprendeu influenciado pela sua família... pelo seu pai e pela sua mãe... o que seu pai e sua mãe te passou de valor... você acha que te ajudou... essas coisas te ajudou nos seus relacionamentos?

O e muito né porque meu pai e a minha mãe... eles tinha muito amor uns para com os outros né... eu custei a acostumar com esse desamor né... que eu entrei na família da minha sogra já foi muito diferente... mas meus pais eu com meus irmãos e meus pais a gente... até hoje para minha vida né Wânia... pra vida toda... eu sempre lembro das coisa que ele me ensinou que ela me ensinou né... o respeito, a educação a todos e esse amor... que é uma coisa muito boa que a gente aprende junto com os pais da gente... é uma coisa que a gente tem para o resto da vida

E quando você entrou na família do seu marido o que você achou diferente?

O diferente muito diferente... e achei muita dificuldade... essa foi uma dificuldade para mim... porque era completamente outro jeito de viver

E ele já não tinha pai ele só tinha mãe? ele vivia com a mãe?

O não... o pai era vivo mas era largado da minha sogra... ele vivia com a mãe... ele que era o chefe da casa meu marido... meu sogro tinha abandonado eles né... mas ele foi toda vida assim muito firme

trabalhava... tomou conta de toda a fazenda... mas enquanto eu morei cinco anos junto com a minha sogra foi difícil... muito difícil mesmo na minha vida porque... nossa... era muito difícil... ela era muito diferente do que aquela vida toda que eu já vivia com meus pais... era só amor caridade aquela união... aí depois a coisa era diferente... ela brigava ela me maltratava ela me dizia muita coisa... então foi muito difícil para mim... mas só que eu não desrespeitava ela... eu amava ela falava... ela é mãe do meu esposo eu tenho que gostar dela né... eu matinha sofrendo... mas eu fiquei muito bem com eles toda vida... respeitei ela como mãe que eu morei cinco anos... não foi brincado não não... era fácil... aí quando ela mudou aí minha vida melhorou muito... porque ele você sabe... conheceu... porque era uma pessoa muito boa né amável... ele era uma pessoa muito boa para mim... não tenho o que reclamar dele... mas já com a minha sogra e com minhas cunhadas... não foi fácil... só M que não brigava comigo

E como é ou foi a convivência entre homens mulheres e a geração LGBT na família e na sua atuação profissional? bom... profissional a senhora pouco trabalhou fora de casa né... e essa geração LGBT é o que a gente chama de lésbicas gays bissexuais transexuais e simpatizantes como assim... o que a gente mais assim sabe da definição é o que de gays e lésbicas... então assim lá na fazenda ainda quando a senhora tava lá como que era isso... a senhora já tinha ouvido falar? tinha algum caso lá... tinha alguma conversa sobre esse assunto... alguém sabia de alguma coisa?

O que é um troço difícil hein... nunca nunca... não eu não sabia disso... nunca tinha visto falar nessas coisa Wânia...

E e quando a senhora veio a descobrir quando que a senhora ouviu falar disso?

O nossa eu já tinha uns 40 anos que eu já morava aqui... muito depois que eu vi falar nisso aí... a primeira vez foi essa mulher do D... que era mulher dessas coisa aí que você tá falando... a primeira vez que ouvi falar nisso aí a mulher dele ele largou ela... essa vez que eu ouvi falar disso aí... depois... já depois... muito depois... agora já né que a gente vê falar... homem meu Deus do céu nossa senhora...

E mas lá na fazenda não tinha contato nenhum?

O se tinha isso mais era muito oculto viu... que a gente nunca ouviu falar mais nada nada nada

E porque também não tinha televisão lá né?

O não nem rádio... nada nada nada...

E era música só tocada?

O é... era igual índio... eu fui criada igualzinho um índio lá no mato...

E isolada de tudo...

O de tudo... só tinha de bom que meu pai... ele levou um professor para dar aula para nós... e ele ensinou até nós a rezar terço... ele era um professor muito bom que ajudou né?

E era tipo um preceptor um cara que sabia de várias coisas... então ele ensinava português matemática e até religião?

O é tudo até religião... ele ensinou nós a rezar terço... ah que delícia... porque eu gostava muito de rezar... mas eu não sabia rezar o terço... então... nunca trabalhei para fora nunca vi falar nessas coisas assim

E então foi só depois que chegou na cidade... depois da senhora já ter passado uns quarenta anos aqui na cidade?

O é... não não tinha tudo isso não... eu tava com quarenta anos naquela época que cheguei aqui... depois disso é que ouvi falar

E depois dos seus quarenta anos de idade você ouviu falar?

O é que eu ouvi falar nesses troço aí de homem com homem e mulher com mulher nossa... isso para mim é...

E e aí começou a aparecer casos próximos de pessoas conhecidas né?

O é isso aí... aí depois que a gente foi veno as coisa foi aumentano né... e tá nessa barbaridade que tá hoje...

E e a visão na família como que é?

O assim... ensinar eu ensinava só a fazer as coisas né?

E então como que era essa vivência... essa separação de funções essa característica... o que era para homem e o que era para mulher... e essa construção dos gays das lésbicas e desse mundo relacionado a sexualidade... tanto lá onde a senhora vivia na sua infância quanto a chegada aqui na cidade depois?

O como que foi o meu relacionamento?

E é... entre homens mulheres e essa vivência nesse mundo dos gays e das lésbicas lá por exemplo... lá na fazenda a senhora falou

que nunca tinha ouvido falar... a senhora veio saber depois que chegou aqui?

O nunca... pra mim não existia essas coisas sabe... não e eu vim conhecer ficar sabendo de tudo isso... foi já depois já duns quarenta anos que eu tinha mais até... é aqui muito tempo depois que eu fiquei sabendo disso aí... eu num sabia não sabia de nada disso... nem pensava na minha vida que isso existia...

E como que isso era trazido era falado para sua família... para suas filhas depois que você já ouviu falar... já tinha conhecimento do que era... como que foi com elas... elas já eram adultas e as conversas que você tinha com elas... teve alguma conversa sobre isso com elas?

O não... agora depois que já acontece você sabe... na família... então aí a gente as vezes conversa isso mais... é uma coisa que a gente nem sabe o que falar né

E mais antes não era conversado?

O não não

E em que momento da sua vida você percebeu a necessidade de refletir sobre as relações de amizade e as relações amorosas? eu acho que até no caso vai ser mais essas amorosas né assim... depois que você ficou sabendo o que acontecia na família qual que era sua reflexão sobre isso... sobre essas coisas que vieram a acontecer... por que a gente sabe que agora além da sociedade a gente já tem conhecimento dessas questões na nossa família... a gente sabe de casos na nossa família... como você pensa sobre isso? qual é a sua reflexão sobre isso?

O a gente pensa que a gente num pode... a única coisa que a gente tem que fazer é acolher eles como eles são... num tem como a gente... né.....é... a gente ama as pessoas a gente não tem como... e se hoje acontece essas coisas pra gente é difícil... mais a gente não vai por isso a gente não vai desprezar... vai falar deixa para lá... eu não gosto disso eu não quero não... eu acho que a gente tem... não dá apoio sabe? apoia esse tipo errado não... mais amar como eu amei... antes e toda vida vou amar e acolher elas assim não dar apoio... achar que deve fazer isso não...

E achar que é certo?

O não...

E e isso a senhora não acha?

O dá apoio para elas viverem essa coisa não não... isso eu não faço... mas não deixo de amar elas nunca... ele...

E nem vai destratar?

O nem... não... trato bem eu amo... eu quero que elas venham na minha casa eu vou lá na casa delas

E e os demais os da sociedade... porque o da família parece que é mais fácil né?

O não não

E mais e os que a senhora vê que tá a par... o seu pensamento sobre isso... a senhora vê assim essas coisas... esses casamentos... ou as vezes o marido que larga da mulher

O tudo a gente né... é uma coisa que... antes muitos anos... os mais antigos falava que nesse tempo que a gente tá vivendo...

E no futuro?

O ia acontecer essas coisas coisas difíceis complicada... e a gente tá veno isso... então a gente tem que aceitar deixar... porque é coisa que Deus deixou... e a gente tem que viver e eles viver também né... por que o que vai fazer né... é um ser humano que a gente tem que dar muito apoio se a gente pudesse... por exemplo se eu tivesse palavra... para dar palavra bonita para elas era o que eu queria... para todos eles né mas eu rezo e peço para Deus abençoar... mas eu acho que a gente tem que tratar muito bem muito bem... dar muito apoio né... apoio assim mas não de ser errado ((risos))

E a gente entendeu... quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos filhas marido ou esposas netas e netos? no caso essa pergunta na verdade

O ((risos)) eu quase não tenho nem o que responder né porque...

E hoje por exemplo... hoje você tá aqui conversando com a gente né sobre isso... antigamente você não tinha esse tipo de conversa... não tinha nem com seus pais nem com suas filhas mas quer dizer... quando você educou as suas filhas você achou que você agiu diferente da educação que você recebeu dos seus pais... você conversou com elas... por exemplo... na hora do casamento ou na noite de núpcias... o que que vai acontecer a senhora falou alguma coisa sobre isso com elas ou não?

O eu não lembro acho que não eu não lembro

E não? ((risos)) quer dizer que a mesma educação que você recebeu foi a que você deu você acha?

O deve ser né... eu não lembro de nada que falei nada
E de ter conversado... isso?
O explicado não... a gente tinha vergonha né Wânia... vergonha de conversar e de fazer também essas coisa ((risos)) é muito difícil... para mim é difícil eu não lembro... não lembro mesmo... só explicava pra elas... eu sempre falava para elas... olha vocês tem que ser sincera respeitar para vocês ser respeitada né... na parte de convivência assim delas... mas na hora de casamento e essas coisas... eu num lembro se falasse alguma coisa porque faz muito tempo
E o que que era o sexo por exemplo... isso a senhora acha que não conversou com elas?
O eu não lembro se eu falei acho que não
E o que que acontecia... tá porque hoje a gente já conversa já tem uma abertura maior né?
O naquela época eu tava do mesmo jeito que vim da fazenda...
E não sei se é pela intimidade.
O não tinha essa abertura que tem hoje... que a gente vê e já vai conhecendo tudo essas coisa assim... naquela época não tinha não Wânia era muito diferente né... quando as minha filhas casou
E então você acha que hoje vamo dizer assim... que pelo avanço das tecnologias pelas coisas que a gente vê na TV... ou pelas coisas que a gente vê na rua?
O que tá acontecendo
E e aí pelo fato da gente conversar mais... a senhora já consegue falar sobre isso com uma liberdade maior...
O maior claro...
E com menos pudor do que antes porque antes tinha muita vergonha?
O claro vergonha... não tinha coragem de falar nisso
E você recebeu alguma formação sobre a convivência social entre homens mulheres e a geração LGBT por alguém? como você define suas relações afetivas? como você compreende as relações afetivas entre homens mulheres e a geração LGBT? quer dizer... tá perguntando se você recebeu alguma formação... se alguém te deu alguma informação sobre essa geração que a gente vê hoje... acho que você já até respondeu essa pergunta... você falou que no passado as pessoas mais idosas falavam que no futuro a gente ia vê coisas que

O acontece essas coisa que tá acontecendo...
E que a gente não imaginava que ia acontecer?
O é isso mesmo...
E mas receber algum tipo de formação não recebeu nenhuma né?
nem do casamento e nem sobre isso... não recebeu né?
O não não não... agora as vezes a gente conversa com a T ela fala...
mãe agora esse mundo é moderno não é igual antigamente mãe... a
gente tem que aceitar... conforma com as coisas que tá acontecendo
né?
E como que você define essas relações afetivas... bom... você foi
casada com um homem né com sexo oposto?
O é... e somente com esse homem eu tive essas coisas mas
ninguém...
E mas assim... esse tipo de relação afetiva entre homem e homem
ou entre mulher e mulher... ou entre essas pessoas que nascem
homem e que querem são os transexuais né eles querem por
exemplo... quem nasce homem quer fazer uma cirurgia para deixar
de ser homem né... então o que que você pensa sobre isso... sobre
essas relações afetivas né... que na verdade é as relações diferentes
do homem com a mulher que foi a que você conheceu?
O acho difícil né acho difícil... mas tem que viver né... do que jeito
que vem o barco a gente tem que tocar né ((risos)) mas eu tive até
um vizinho que tinha isso ele era homem e mulher... disque ele
tinha os dois sexo né... então na época aquela dona E... ela
trabalhava no centro cirúrgico na Santa Casa... então ela arrumou...
conversou com os médicos para levar o sujeito pra tirar um... ficar
só com um né... porque aí ele era homem e mulher sabe? aí ele não
aceitou... tudo arrumadinho pra ele fazer isso e ele não quis...
E ele quis ficar com os dois do que jeito que era?
O quis ficar daquele jeito... aí entrou na droga matou a mãe... bateu
na mãe e a mãe foi até morrer e aí ele ficou no mundo assim sabe?
era homossexual... ele vivia com os dois sei lá...
E quer dizer que a senhora encara de uma forma aberta essa
situação?
O é... cada um com a sua vida né?
E a senhora não aceita... mas a senhora não deixa de conviver e
não maltrata por causa disso?
O não por causa disso não... eu tratava ele muito bem né

E ele e todos... eu não tô falando só dele agora eu estou falando num sentido amplo...

O todos né porque é um ser humano né Wânia... a gente não pode...

E excluir e distratar...

O discriminar... a gente tem que procurar ajudar.

V. C. P.

O entrevistado possui 81 (oitenta e um) anos e reside em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

E como eram as brincadeiras da infância entre meninas e meninos?
V naquela época... na minha época era só as crianças... os meninos masculinos que brincavam... mas a gente brincava de tomar banho na lagoa brincadeira normal de criança... percurar passarinhozinho brincar com os passarinhos... que existia naquele tempo... não era como hoje... que hoje a gente tem uma diversão diferenciada... naquele tempo as coisas eram muito simples... não se brincava também porque os pais não aceitavam a gente sair muito pra brincar

E o senhor morava numa área rural fazenda né?

V área rural

E e ia à cidade com frequência?

V na cidade era só... eu era criado pela minha avó... então ela levava a gente pra ir nas feiras fazer as feiras... de quinze dias de vinte dias...

E e era uma diversão também?

V era uma diversão porque a gente aproveitava pra ver as outras pessoas também na cidade

E o senhor era sozinho ou tinha irmãos?

V eu tinha sete irmãos... só que eu fui criado separado dos meus irmãos porque a minha avó que me criou... a minha avó materna

E então era o senhor e a avó?

V era eu minha avó e meu vô e mais duas irmão do meu avô... morava tudo numa casa só

E o senhor era a única criança?

V eu era a única criança junto com eles... só que eu tinha meus irmãos que moravam ao lado também né... numa casa ao lado que nem aqui com o Ademir... elas moravam ao lado

E brincavam tudo junto?

V junto assim...

E os irmãos né?

V é sim...

E e as meninas não participavam?

V não as meninas não... naquela época menina mulher era separado dos meninos

E e como que eram as brincadeiras delas?

V as brincadeiras delas era brincar de boneca fazer aquelas bonequinhas de pano... as mães mesmo faziam as bonequinhas pra elas e faziam aqueles vestidinhos de pano... coisinha simples que na época não existiam... conforme tem as bonequinhas de hoje...

E que tudo é comprado

V tudo... era aquelas bonequinhas de pano então era a brincadeira delas...

E e não juntava pra nada era sempre separado?

V era tudo separado

E do que você mais gostava de brincar com os meninos? qual era a brincadeira preferida com seus irmãos?

V a brincadeira mais preferida mesmo era uma brincadeira diferente... que era balangar no cipó... galho de árvore... a gente colocava uma trava assim pra gente sentar e o outro ficava empurrando a gente e a gente balangando... porque não existia outro tipo de brincadeira só aquilo lá... a gente passava às vezes o dia lá brincando... aquela turma de guri e ficava lá brincando

E o senhor não jogava futebol bolinha de gude essas coisas?

V não existia futebol... existia o jogo de peteca... peteca existia a gente brincava muito com peteca também...

E e vocês mesmos confeccionavam vocês que faziam?

V nós que confeccionava aquelas bonequinhas de palha de milho que a gente não tinha condições de comprar uma boneca lá na cidade né... mas a gente mesmo...

E se viravam e inventavam os brinquedos?

V justamente... a gente fazia aquelas bonecas aquelas petecas aliás

E o que essas brincadeiras representavam para você?

V aquelas brincadeiras era o divertimento da gente e passava o tempo mais rápido e a gente nem percebia o dia que passava... porque a gente já trabalha... naqueles tempos a gente já trabalhava... os avós da gente... todo dia a gente tinha que carregar duas viagens de água que era longe... e eu mais uma prima minha... que nós montava naqueles jegues como chama... jumento e ia carregar aquelas... enchia aquelas corete de água que chama corete... a gente ia lá nas cacimbas... eles falava cacimba e a gente enchia de água e trazia pra casa pras despesas de água da cozinha

E então os momentos de brincadeira eram contados?

V era... era muito contado era difícil... era só os final de semana... domingo de sábado mas durante a semana

E ficava a semana inteira esperando pra chegar o final de semana para brincar?

V é... justamente... que na semana não tinha jeito a gente não tinha tempo...

E e a escola?

V não existia escola

E o senhor não estudava?

V não estudava... e a gente fazia trabalho não estudava... minha avó contratou uma moça lá pra dá aula pra gente... no tempo do beabá... já ouviu falar no beabá?

E as primeiras letras não é mesmo? aprender a ler e a escrever...

V é... as primeiras letras... o abecê todinho primeiro a gente aprendia de cor pra dispois a gente poder ir escrevendo... juntando aquelas letras... só que ela não tinha poder aquisitivo pra pudê manter aquela professora que era pago né... e os alunos era só os da família da gente também pessoas pobres... e eu mesmo nunca aprendi nada com aquelas pouca aulas... eu aprendi mais que eu via meu irmão que estudou mais... eu via ele escrevendo e é como eu fui aprendendo a escrever o nome

E foi aprendendo com ele

V e depois de adulto que eu fui aprender um pouquinho

E como essas brincadeiras e convivência possibilitaram a sua compreensão sobre a sua sexualidade? no caso... o senhor se enxergar como participante do gênero masculino do sexo masculino... como essas brincadeiras interferiam nisso? o senhor já

começou a responder... que tinha brincadeiras próprias de menino e brincadeiras de menina

V a gente... as brincadeira daquele tempo era... o pessoal era muito cauteloso... os pais da gente não deixava a gente a vontade assim... pra gente se expor conversas minhas pros outros de maneira alguma... aquilo era muito difícil... a gente não poderia conversar com outras pessoas... então todas as crianças já sabia cada um pelos o que seus pai passava pra ele não deixava a gente falar tanta...

E abertamente...

V abertamente é... o que devia falar... a gente era meio reservado... a gente usava aquela brincadeira... mas a gente chegava em casa a gente não falava pros pai da gente... se eles percurassem onde a gente estava a gente tava brincando... mas eles não sabia o tipo de brincadeira que a gente tava porque a gente tinha medo que eles batesse na gente... e eles batia... a minha avó era dura era brava... muitas vezes eu apanhei sem precisão... como criança eu sabia que tava apanhando inocente... mas eu não podia falar nada porque aumentava mais a

E a surra né? era maior ela falava e nem podia responder

V sim era maior não podia responder

E que tipo de educação sexual você recebeu dos seus pais? essa parte está relacionada a uma conversa franca que hoje os pais têm com as meninas e os meninos na idade da adolescência não é? o senhor tinha esse tipo de diálogo em casa?

V não isso aí os pais não conversa... nem os próprio marido não tinha essa... esse diálogo de conversar isso... era muito oculto... o casal era muito oculto... inclusive até quando ia nascer uma criança eles colocava pra gente falava... fulano vocês vão pra casa de sicrano porque lá vai passar um avião aqui e vai trazer um nenê... vai trazer um menininho... não chamava nenê... chamava trazer um menininho... um irmão seu ou um primo era assim... a gente não tinha acesso de falar

E e aprendia como... assim... na hora que casava?

V é... a gente aprendia porque uns com os outros conversava

E os mais velhos com os mais novos?

V com os outros meninos os mais velhos... os mais novos ficava observando... mas a gente ouvia aqueles mais velhos conversar sobre o namoro

E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação para o casamento? em caso positivo quem e como foi feita essa orientação?

V não

E não nada? o avô ou a avó por quem o senhor foi criado?

V não... quando eu me casei... inclusive já foi aqui... nem meus próprio pai não conversava nada sobre essas coisa... casamento sobre sexo nada... nunca conversamos em momento algum

E nem o pai pelo o fato de ser homem?

V não... meus pai nunca conversou sobre sexo com os filho deles... não só pra mim como pra todos os filhos

E e a esposa também... provavelmente não tenha recebido nenhum tipo de orientação?

V com certeza não porque a criação naquele tempo era assim mesmo... era diferenciada

E o senhor casou com que idade?

V eu casei com vinte e dois anos

E e a esposa?

V a esposa casou ela tinha dezoito anos na época

E antes do casamento e o namoro demorou muito como era esse namoro?

V não... nós namoramos um ano e pouquinho

E aí já podia casar e como era esse namoro?

V era um namoro ela sentada aí eu aqui... e ficava o dia todo se olhando assim... mas não conversava... nada... só o que fosse necessário sem ser parte de namoro

E e os pais?

V os pai também não falava nada só ficava lá cuidando a gente... mas também não falava nada

E não pegava na mão?

V nada... não tinha esse direito

E conte-nos como era o tratamento entre os homens e mulheres na sua época? e após a convivência diária no casamento? uma pergunta relacionada à outra... como era a relação homem e mulher... no caso solteiros eles não conversavam não chegavam perto um do outro

V é... a relação era... a gente conversava mais só nas horas certas... à noite quando a gente ia deitar a gente se conversava... mas a gente

não se enamorava trocava diálogo de maneira alguma... que nem umas pessoa comum...

E e antes do casamento também não tinha diálogo?

V não não tinha diálogo

E e o senhor com uma outra mulher que não fosse a sua esposa?

V também não

E também não tinha?

V a gente não podia falar isso a gente tava cometendo um delito

E e pra esse namoro acontecer como o senhor a conheceu?

V pelos olhares... a gente se conhecia pelos olhares aí a gente ficamos se namorando

E e o senhor foi apresentado para sua esposa foi prometido... como aqueles casamentos que tinham antigamente que o pai escolhe o namorado o marido da filha?

V não... quando eu namorei eu não sei se posso falar se ela falou pra mãe dela ou não... porque eu falei pro meus pai que eu tava namorando uma moça e eu pretendia me casar... aí a resposta deles foi assim... mas você não vai casar agora... você não tem com que... você não tem uma casa você não tem nada aí eu... mas eu quero me casar... mas só que você faz seu casamento mas eu não vou ajudar em nada porque eu também não tenho... e a gente se casou mas sem nada também umas panelinha...

E e foram morar aonde?

V foi morar numa casa que tinha na fazenda morava na fazenda... perto da casa do pai... perto também da casa da mãe dela porque era sítio era encostado

E quais os valores foram construídos pela família na sua educação ou desconstruídos? isso te ajudou ou trouxe dificuldades em seus relacionamentos? então... valores... a questão de ensinamentos que foram passados para o senhor... porque a criança né ela vai sendo moldada conforme os valores do pai e da mãe não é... e na época do senhor... como era essa relação que o senhor tinha com a família?

V a relação que a gente tinha era com muita dificuldade... porque a gente não tinha tempo era pouco... o que a gente tava sentido o que a gente tinha que falar... era pouca conversa o que a gente podia falar... e nem todas as palavras a gente poderia falar... os pais da gente a únicas coisa que eles sempre falavam era aconselhar... fulano olha a vida de casado é uma coisa difícil... pra você tem uma

vida boa não é tão fácil... você tem que aceitar muitas coisas que a mulher vai e fala... ela também tem que conversar muito com você pra vocês se combinar pra viver a vida... então não era... mas é uma coisa muito difícil muito

E muito superficial não é?

V é... não tinha esse diálogo que a gente tem hoje ou seja

E a gente pode dizer que eram mais ordens que eram dadas que você tinha que seguir aquilo que foi falado?

V é... a palavra de uma mãe é uma ordem... não podia falar nada lá em casa pra você não sair prejudicado... é que eles era muito difícil... os pai da gente tinha uma dificuldade muito grande muita pobreza e sem estudo também... porque eu já não tinha estudo meus pai muito pior... não tinha uma forma a fã de nada só trabalhar

E e o senhor acha que se por acaso essa conversa esse diálogo fosse mais aberto... o senhor sentiria menos dificuldades na vida adulta?

V com certeza... a gente tinha mais facilidade... porque quantas vezes a gente tinha vontade de conversar algum assunto pros pai da gente... a gente não... a gente se sentia acanhado... pra gente... a gente tava desrespeitando eles né... então pra gente... a gente não tinha esse direito de perguntar certos assuntos pro pai da gente... então... mas sempre a mãe que dava mais carinho pros filhos... qualquer coisa que a gente precisasse a gente primeiramente ia com a mãe pra falar com o pai pra ver se ele aceitava...

E ou não né?

V ou não né... se falasse que não era não... não adiantava não... agora se falasse tudo bem

E a mãe sempre intercedia?

V ela intercedia intercedia... tudo que a gente queria... o que mais a gente queria a gente ia diretamente na mãe da gente que era mais fácil...

E mais fácil de conseguir

V era mais fácil de conseguir ((risos))

E que a mãe ia fazer a cabeça do pai... ia tentar lá

V justamente... ia conversar os dois né... aí que a gente ia conseguir alguma coisa né

E quanto aos valores que foram passados pro senhor e aqueles que não foram passados isso te ajudou ou te trouxe alguma dificuldade?

V a sim com certeza... conforme eu te falei eu tive dois casamentos... no primeiro casamento eu não tive filhos né... não teve filho... mas no meu segundo casamento eu tive sete filhos... e daí pra cá a relação da gente já foi totalmente diferente de mim com meus filhos... dos meus ensinamentos pra eles e eles também pra mim com aquela liberdade de conversar comigo quando há necessidade... mas aí já foi totalmente diferente de como foi com meus pai

E aquilo que a relação que o senhor não teve com seus pais o senhor procurou ter com seus filhos... uma conversa mais aberta

V com meus filhos uma conversa mais aberta mais amigo... mais amigo dos filhos... sou muito amigo dos meus filhos

E ah que bom... como é ou foi a convivência entre homens mulheres e a geração LGBT na família e na sua atuação profissional? então... muito tem se falado nessa sigla LGBT né... L de lésbica quando tem relação de mulher com mulher... gays não é que é homem com homem... bissexuais que um homem que se relaciona tanto com homem quanto com mulher... e transexuais que são aqueles que trocam de gênero... é... o senhor tem com contato com essas pessoas... como que é a forma que o senhor se relaciona com elas a convivência que o senhor tem?

V olha felizmente ou infelizmente eu não sei... até hoje eu não tive nenhum contato com essas pessoas

E e lá na época do senhor também não?

V naquela época também não existia isso... ou se existia a gente não conhecia não sabia...

E ou se existia não sabia... era pouco divulgado né... não se podia falar né era um tabu

V não era divulgado não podia era um tabu... justamente...

E e hoje também o senhor...

V não... hoje também não tenho relação com essas pessoas... não tive oportunidade de conversar assim com essas pessoas porque não sei...

E e se por acaso... o senhor conhecesse uma pessoa como seria? assim... um gay uma lésbica?

V olha... hoje eu penso totalmente diferente do que foi pra trás... porque eu acho que cada uma é cada uma... cada pessoa tem seu direito de escolher o que ele acha que é melhor para ele... então eu

não posso intervir na relação de ninguém... porque ele acha que tá certo eu também acho que tô certo... então cada um vive a sua vida conforme ele acha que tem que viver né...

E e o respeito acima de tudo né

V e o respeito né com certeza... não tenho nada contra favor nem contra né... eu sou uma pessoa que cada um quer viver daquele jeito acha que tá certo... então... vai pra frente né

E tá ótimo... em que momento da sua vida você percebeu a necessidade de refletir sobre as relações de amizade e as relações amorosas? a relação de amizade entre as pessoas homem e mulher ou a relação amorosa... em que momento da sua vida o senhor sentiu a necessidade de se discutir? hoje a gente fala abertamente sobre isso né... mas na época da sua infância da sua juventude essa relação não se discutia... quando que o senhor sentiu essa necessidade?

V olha... quando eu vim sentir essa necessidade foi agora depois de adulto... foi quando eu comecei a estudar fazer o quarto ano... na época era o quarto ano... já eu trabalhando era um projeto do governo... e foi que a professora foi passando aquelas... aquelas conversas que eu não poderia falar com outras... com meus filhos meus próprio filho... foi que eu fui me abrindo e eu vi que tudo aquilo que a gente guardava dentro da gente... aquilo não servia nem pra mim e nem pra ele né... eu tinha que ser mais aberto com meus filhos né... e justamente foi daquele tempo pra cá que a gente começou a achar que as coisas não é conforme vinha vindo com o passado né... a gente se trancar e não ter um diálogo com seus... com sua família com seus próprio filho né

E nem na época do seu primeiro casamento que o senhor se casou muito jovem né... a esposa também muito jovem... nem nessa época o senhor não tinha necessidade de se falar?

V não... a gente não tinha aquela liberdade de... pra ter esse tipo de conversa totalmente fechado um pro outro

E e assim era... perpetuava a ideia... sempre se fazia do mesmo jeito?

V é... do mesmo jeito

E quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos filhas marido ou esposas netas e netos? o senhor falou pra mim que na época da infância da

adolescência não se discutia e agora o senhor tem uma conversa mais aberta com os filhos não é... que fator contribuiu para essa mudança?

V o colégio que eu frequentei... aí a gente foi se abrindo mais... foi pegando mais um conhecimento né... do que acontecia da vida que a gente tinha... o diálogo que a gente tinha com o filho... e daí pra cá foi onde que eu achei que a gente... o diálogo melhorou bastante porque a gente tava tendo um conhecimento diferente né... então já... a gente já teve uma vida diferenciada já né os meu filho... respeitando eles e eles respeitando os pai e mais... a gente já tem aquela liberdade de falar o que necessário pra eles... o que é bom e o que não serve pra eles

E o senhor me disse que o senhor tem sete filhos

V tenho sete filhos

E e a relação com eles é tranquila uma relação aberta...

V graças a Deus é

E o que o senhor tiver que falar vai lá e fala?

V e falo pra eles... se eu achar que eu devo falar eu falo... senão às vezes nem precisa porque eles também já estão bastante orientados...

E e com os netos?

V os netos eu não tenho muito diálogo com os muitos porque tenho bastante né... tem neto que eu nem conheço né... mas os que moram aqui comigo... eles são outros filhos pra mim é a mesma coisa

E e conversa também diálogo... se tiver que puxar a orelha

V conversa também... o diálogo... a gente conversa é muito amigo dos netos... são muito muito muito legal... neto bisneto

E já bisneto já?

V nossa eu tenho uns doze bisnetos ou mais

E você recebeu alguma formação sobre a convivência social entre homens mulheres e a geração LGBT por alguém? como você define suas relações afetivas? como você compreende as relações afetivas entre homens mulheres e a geração LGBT... na verdade é uma pra fechar... mas é uma pergunta que está muito relacionada às outras né... alguma formação sobre a convivência entre homem e mulher e a geração LGBT gays lésbicas simpatizantes... o senhor me disse que

não tinha nenhum tipo de diálogo né... as informações não eram passadas

V não... até que eu gostaria de saber como é a convivência dessas pessoas né

E como você define suas relações afetivas? como você compreende as relações afetivas entre homens mulheres e a geração LGBT? então... as suas relações afetivas a relação que o senhor tem... no caso o senhor foi casado por duas vezes né... na primeira não teve filhos a segunda teve filhos... como que era esse relacionamento com as ex-esposas?

V com a ex?

E é

V com a ex era uma relação fechada que nem eu falei... era muito... a gente era muito fechado um pro outro sem nenhuma comunicação de parte sexual... a gente não se conversava... é... era assim... a gente não tinha esse diálogo de que a gente... que hoje eu tenho com minha ex-esposa também... sou separado também dela... hoje eu convivo com uma namorada... hoje eu tenho uma a namorada... mas é ela lá na casa dela e eu na minha ((risos))

Considerações Finais

O trabalho desenvolvido com os idosos buscou em suas memórias informações a respeito da infância, da juventude e da sexualidade, bem como ratificou aquilo que já é conhecido: um mundo de proibições, de negações e de incompreensão diante das concepções de mundo sobre as vivências da sexualidade nas relações de gênero,

A aproximação entre o passado e o presente foi evidenciada nas conversas estabelecidas com as entrevistados – às vezes motivando saudade – outras recordando sofrimentos e tantos outros sentimentos e significados para as suas vidas diagnosticando o porvir sobre essas memórias.

Nesses relatos, é possível perceber que a infância desses idosos, vivida em área rural, nas relações de gênero já se mostravam marcadas: os meninos brincavam com seus iguais de

coisas de meninos. Já as meninas, quando podiam brincar, não se arriscavam em fazer nada diferente do que brincar “de casinha”, o que demonstra como o tema sexualidade era negado e subtraído de suas experiências, notando-se ainda a igualdade em alguns pontos no discurso dos entrevistados.

Além disso, revelaram que o início da vida sexual aconteceu sem informação alguma, visto que esses assuntos eram considerados “sigilosos e ocultos” – palavras deles – e reproduzidos, no caso da entrevistada, nas relações com as suas descendentes, pois da mesma forma que não houve instrução por parte de seus pais, ela também não conseguiu transmitir esses conhecimentos às suas filhas.

As perguntas, as fantasias, as dúvidas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política (LOURO, 2000, p. 18).

Na adolescência desses sujeitos, o tema sexualidade era negligenciado, já que não se podia falar sobre o assunto, vendo-se como tabu, como foi falado em uma das narrativas. Assim o início da vida sexual ocorreu sem preparação nenhuma e a descoberta do sexo era feita “após o casamento”, que acontecia cedo na vida, principalmente das meninas. Dessa maneira, como a abordagem sobre o tema não era discutida entre os pais, tornava-se um assunto de foro muito íntimo e as dúvidas a seu respeito eram tiradas entre eles mesmos: “os mais velhos conversavam com os mais novos”, como disse um dos entrevistados. Sendo assim:

(...) A sexualidade era um assunto privado, alguma coisa da qual deveria falar apenas com alguém muito íntimo e, preferentemente, de forma reservada. A sexualidade — o sexo, como se dizia — parecia não ter nenhuma dimensão social; era um assunto pessoal e particular que, eventualmente, se confidenciava a uma amiga

próxima. "Viver" plenamente a sexualidade era, em princípio, uma prerrogativa da vida adulta, a ser partilhada com um parceiro do sexo oposto (LOURO, 2000, p. 04).

A sexualidade descoberta apenas na vida adulta relaciona-se, pois, à teoria do sexo, no que diz respeito a este ser biológico e diferenciar homem e mulher, macho e fêmea, masculino e feminino. Essas relações estavam e ainda estão muito marcadas, visto que ainda nos deparamos com algo do tipo: coisas de homem e de mulher, por exemplo.

Essa relação no século passado, quando se passaram as vivências documentadas nas narrativas, estava ainda mais em evidência. Entretanto, atualmente, a sexualidade é aprendida e construída no decorrer da vida e a teoria de que sexo é apenas biológico e serve somente para identificação não é mais suficiente para designar o gênero que cada humano assume, conforme a autora destaca abaixo:

Essa expectativa sustenta-se na sua concepção de que *tanto* o sexo *quanto* o gênero (e não somente o gênero) são socialmente construídos, um em relação ao outro. Corpos, processos psicológicos e partes do corpo não têm sentido fora das suas compreensões socialmente construídas. O intercurso sexual e a reprodução humana não são somente processos fisiológicos, são também atividades sociais. A noção de sexo, assim como o conceito de gênero, é construída dentro de um conjunto de sentidos e práticas sociais: portanto, não pode ser um fato pré-social (MOORE, 1997, p. 04).

Todavia, a noção de gênero - social, cultural e politicamente constituído - não foi percebida no discurso dos entrevistados, o que nos revela que para eles sexo e gênero são indissociáveis. A relação homem-mulher é mais convencionalmente aceita pela sociedade, sendo as outras repudiadas ou negligenciadas.

A despeito de todas as oscilações, contradições e fragilidades que marcam esse investimento cultural, a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, "fixar" uma identidade masculina ou feminina "normal" e duradoura. Esse intento articula, então, as identidades de gênero "normais" a um único modelo de identidade sexual: a identidade heterossexual (LOURO, 1997, 1998 apud LOURO, 2000, p. 17).

Assim, conforme Louro (2000), o "natural" é que os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como parceiro alguém do sexo oposto, caracterizando as demais formas de sexualidade como não conformes.

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência (LOURO, 2000, p. 09).

Além da orientação sexual, raça e/ou etnia, religião e classe social são critérios que definem quem são os "outros", de modo que gays, lésbicas, bissexuais e transexuais sejam inseridos nesse grupo.

Com relação à geração LGBT, ambos os idosos afirmaram desconhecer seu significado até pouco tempo atrás. Segundo eles, apenas na fase adulta e após a saída do campo – local em que passaram a infância – é que ficaram sabendo desses *modus* de relacionamentos, entrando em contato "com essas pessoas" por já morarem na cidade, o que mostra a incompreensão dos outros e o medo de assumirem uma relação "disforme" perante a sociedade, o que é entendido como um erro, um pecado. Nesse contexto, Louro (2000, p. 07) afirma: "(...) quando uma figura de destaque assume, publicamente, sua condição de gay ou de lésbica também é frequente que seja vista como protagonizando uma fraude;

como se esse sujeito tivesse induzido os demais a um erro, a um engano”.

A admissão de uma nova identidade sexual ou de gênero é considerada uma alteração essencial que atinge a "essência" do sujeito, sendo notável que, apesar do sentimento de respeito que ambos afirmaram possuir, a aceitação não foi algo perceptível nas falas. A entrevistada, por exemplo, afirmou não distratar ou maltratar, mas apoiar o “erro”, para ela, “não dá”, concluindo que “do que jeito que vem o barco a gente tem que tocar”. Já o entrevistado atestou não conhecer nem conviver com essas pessoas, finalizando: “cada um vive sua vida conforme acha que deve viver, não tenho nada a favor e nem contra”.

O que foi percebido é que os entrevistados, hoje com um conhecimento um pouco maior sobre o assunto, ainda não assumem uma posição em relação ao tema. Eles respeitam as escolhas, mas não aceitam ou apoiam essas relações homossexuais, diferentes daquelas apreendidas em sua época, sendo ainda alicerçados em dogmas e conceitos próprios de seu tempo.

Diante dessas informações, nós, futuros educadores das novas gerações, inseridos nesse contexto de mobilização e formação social, temos um desafio pela frente, sendo este bem definido por Louro (2000, p.17): “(...) nesse processo, a escola tem uma tarefa bastante importante e difícil. Ela precisa se equilibrar sobre um fio muito tênue: de um lado, incentivar a sexualidade “normal” e, de outro, simultaneamente, contê-la”.

No entanto, é necessário, primeiramente, que apreendamos que a noção de sexo e de gênero são diferentes dadas questões culturais, sociais e políticas, muitas vezes diversas das nossas.

O que significa ser macho ou fêmea, masculino ou feminino, em contextos sociais e culturais diferentes, pode variar enormemente, e a identidade de gênero não é claramente redutível a qualquer dicotomia biológica subjacente. Todos os machos e fêmeas biológicos devem ser submetidos a um processo de socialização

sexual no qual noções culturalmente específicas de masculinidade e feminilidade são modeladas ao longo da vida. É através desse processo de socialização sexual que os indivíduos aprendem os desejos, sentimentos, papéis e práticas sexuais típicos de seus grupos de idade ou de status dentro da sociedade, bem como as alternativas sexuais que suas culturas lhes possibilitam (LOURO, 2000, p. 96).

A função social da escola vai além de seus muros. Como gerar esse modelo, tendo em vista que a todo o momento, mesmo que inconscientemente, repetimos discursos preconceituosos do tipo: azul é cor de menino, jogar bola é coisa de macho, não é brincadeira de menina? Como falar de sexualidade “diferenciada” considerando a perspectiva de gênero que o indivíduo vive se a concepção imposta socialmente ainda é engessada? Essa é uma das questões desafiadoras para a atuação dos professores e para a instituição escolar.

Referências

- LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MONTEIRO, S. B. **Para Além do discurso, a escuta das vivências: uma investigação otobiográfica**. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M.A.S. Pesquisa em Educação: Alternativas investigativas com objetos complexos. São Paulo: Edições Loyola, 2006. p. 93-116.
- MOORE, H. **Compreendendo Sexo e Gênero**. Do original em inglês: “Understanding sex and gender”. Tradução de Júlio Assis Simões, exclusivamente para uso didático. In: IN:GOLD, T. (Ed.). Companion Encyclopedia of Anthropology. Londres, Routledge, 1997, p. 813-830.

O. F. P., **Relações de Gênero**: Registro de Memórias Com Idosos.
Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a
SANTOS, L. A. S.; SILVA, W. O..

V. C. P., **Relações de Gênero**: Registro de Memórias Com Idosos.
Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a
SANTOS, L. A. S.; SILVA, W. O..

8. Memórias de idosos: otobiografando gênero e sexualidade

Fábio Palácio Batista
Loiriane Fernandes da Silva

Introdução

Motivo de muita discussão em vários setores da sociedade, as questões que envolvem a sexualidade geram opiniões divergentes, algumas mais conservadoras, outras mais modernas, mas sempre causadoras de embates. Entenda-se aqui por conservadoras aquelas ideias carregadas de influências de pensamentos que foram construídos ainda na época da colonização do Brasil, quando o pensamento era guiado a partir da religião, especificamente da igreja católica. Já quando nos referimos às ideias modernas, reportam-nos aos conceitos construídos a partir de discussões filosóficas e de pesquisas científicas.

Assim, entendemos ser muito importante que essa discussão sobre as questões da sexualidade e conseqüentemente de gênero esteja presente no processo de formação dos professores, sejam profissionais da educação infantil ou dos estágios posteriores. Isso porque compreendemos que o indivíduo vai se desenvolvendo a partir do convívio social e a escola tem papel fundamental nesse processo, pois é nela que a criança passa boa parte de seu dia e de sua vida. Além disso, é na instituição escolar que acontecem as relações do conhecimento científico com as práticas de vida e, nesse contexto, ocorrem as reflexões sobre a sexualidade, muitas vezes entrando em conflito com concepções familiares.

Justamente nesse ponto, é que surge o questionamento de como os conceitos de gênero foram formados: eles têm base

científica, ou será que surgem em decorrência dos preceitos religiosos ou seriam ainda uma mescla desses dois pensares?

Para tentar responder a essa indagação, ou pelo menos começar a pensar nessas questões, recorreremos a um método chamado otobiografia que, segundo Silas Borges Monteiro (2006, p. 101) é o empenho em dar ouvido às vivências representadas pela palavra nas expressões humanas, isto é, escutar relatos reais de pessoas reais, como fonte de pesquisa.

Dessa forma ao invés de fazermos uma pesquisa bibliográfica a respeito das relações de gênero, realizamos duas entrevistas com pessoas idosas, acima de 60 (sessenta) anos, entendendo que suas experiências de vidas podem nos dar subsídios para inferirmos sobre o tema estudado e, a partir daí buscarmos conclusões a respeito de como conceitos sobre as discussões de gênero perpassam os anos, chegando até nossos dias.

Registro de Memórias

A. F.

O entrevistado possui 71 (setenta e um anos), é aposentado e natural do Estado do Paraná.

A minha infância era meninos e meninas

E o senhor é daqui mesmo do estado ((Mato Grosso do Sul))?

A sou do Paraná

E o senhor passou a infância na cidade fazenda?

A a infância foi lá na fazenda... a gente era pequeno brincava ia na colônia brincar de bolinha de gude

E ah sim

A pião

E mais brincava com menina também?

A que menina... menina a gente fazia uma roda... hoje eu não sei como é ficávamos enfileirados assim e passava o anel era homem e mulher

E sei... então tinha brincadeiras de meninos e meninas?

A tinha tinha

E era todo mundo junto?

A tinha uma brincadeira não sei se você lembra... balança caixão balança você dá um tapa na bunda e vai se esconder? tinha menina também...

E tinha menina também

A a gente se escondia era uma colônia né... tinha seis fileiras de casas ai ia embora... você se escondia atrás das casinhas de lá e de cá... tinha umas árvores né

E sim escondia em cima das árvores?

A é...

E e tinha nessa época meio que namoro? ou alguma coisa assim?

A não na época... vixi... eu nasci em 1945 não tinha namoro não... era a criançada as meninas... era que nem irmão né não tinha esse negócio de malandragem

E que tem hoje né?

A hoje as menininhas de oito nove anos já tá fazendo coiseira aí

E já está namorando ((risos))

A é... beijando na boca... aquele tempo a gente nem sabia o que era beijar na boca

E o senhor casou ou não? é casado?

A sou casado... sou divorciado agora fui casado trinta e nove anos

E mais assim... antes de casar o senhor teve alguma orientação? alguém chegou e falou pro senhor?

A tinha uma professora lá na fazenda... lá que ela dava tudo... ela já era de idade mais ela pegava no pé da criançada...

E dos pais alguma coisa ou não? alguma orientação?

A pai também... eu não fui criado com meus pais... eu sou filho adotivo... eu fui criado por uma família de espanhol... ele era espanhol e ela alemã... eles eram administrador da fazenda... quando eu nasci minha mãe morreu e meu pai me deu eu para eles criarem... eles queriam um filho adotivo só que eu não herdei nada... porque não deixaram... acho que eles não quiseram passar pro nome deles... fiquei no nome do meu pai mesmo fiquei... ee eu tou no nome deles lá hoje eu tava ((risos))

E então o senhor recebeu essa orientação... teve filhos ou não?

A filhos? tive quatro filhos tudo casado

E tem neto já também ou não?

A tenho sete netos

E legal... nessa quando o senhor casou tinha alguma orientação assim a respeito de gêneros de gays assim tinha? existia alguma coisa?

A na minha época teve uma mulher lá que teve um filho que virou mulher... um travesti...

E na fazenda mesmo?

A é... na fazenda... não sei que carga depois ela mudou a gente nunca mais... mais ela usava batom vestia de mulher

E guri novo?

A novo de doze pra treze anos

E e hoje o senhor conhece algumas pessoas assim ou não? alguma convivência?

A tem bastante hoje né... que eu conheço assim é de vista de eu conversar não

E mais de conversar assim ter amizade não?

A não nunca tive

E o senhor trabalhava do que senhor A? profissão

A eu era vigilante de banco... trabalhei no Banco do Brasil por vinte e dois anos

S. N. S.

A próxima entrevistada é aposentada, possui 69 (sessenta e nove anos) e é natural da Bahia.

E a senhora é daqui mesmo do estado de Mato Grosso do Sul?

S não eu sou da Bahia... Mundo Novo Bahia... mais faz muitos anos que eu tou aqui

E de infância assim... a senhora viveu mais lá ou aqui?

S lá... eu assim ó... até que eu não tive muita infância... por que eu comecei a trabalhar cedo entendeu? mais foi bom entendeu? que eu comecei a trabalhar... eu comecei a trabalhar eu tinha doze anos...

E doze anos cedo né?

S é... cedo... então... trabalhei muito não tive muita infância... e não estudei entendeu? e eu não tenho vergonha de falar... meus pais eram pobres não tinham condições de dar estudo pra gente né... então quer dizer que eu sou bem assim... trabalhei até pouco

tempo... sabe e toda minha vida trabalhei

E sempre trabalhando

S eu saí do serviço quando comecei frequentar aqui... aqui aprendi muita coisa... aqui eu aprendi conviver com todo mundo... e fiz curso e tou indo tou fazendo curso de cerâmica... sabe... tudo que eu gosto de fazer... gosto muito de dançar... gosto de fazer amizade... gosto de todo mundo... e aqui é minha casa

E passa o tempo e se distrai

S é... passa o tempo... e moro sozinha sabe... morava com meu neto mais meu neto foi embora pra ele trabalhar então eu moro sozinha... e praticamente minha casa é aqui

E a senhora casou?

S não

E nunca casou?

S não... nunca casei mais tenho quatro filhos

E quando a senhora conheceu o pai dos filhos da senhora... teve alguém que falou conversou com a senhora como que funcionava?

S não... eu fiz tudo sozinha

E foi aprendendo?

S fui aprendendo com o tempo com o mundo... em toda minha vida eu sempre trabalhei... a única coisa que eu nunca fiz foi roubar e mentir... e fumar droga... e trabalhei com muita gente sabe...

E por isso que está com saúde... tá vendo

S ((risos))

E mais quando a senhora era criança tinha... as brincadeiras assim... brincava menina e meninos juntos?

S sim... nós brincava juntos... que aonde a gente morava não tinha luz elétrica... então era luz da lua e luz de lamparina... lamparina a gás... então a noite a gente botava esteira assim no terreiro e todo mundo brincava... e naquela época os meninos não tinham malícia entendeu? era tudo de boa... a gente trabalhava brincava assim todo mundo de boa... não tinha essas maldades que tem hoje

E mudou um pouco né?

S mudou muito nossa... hoje em dia essas criançadas de hoje é terrível né... na minha época a minha mãe tivesse conversando no telefone com uma pessoa... assim a gente não passava... bastava só ela olhar

E tinha o respeito

S tinha o respeito... e era assim minha vida foi sempre assim... sabe não tive muita infância... mais o pouquinho que eu tinha... a gente tinha que ir pra roça trabalhar... por que era difícil... mais foi bom

E e tinha assim questão dos relacionamentos assim... alguém da família chegou a conversar com a senhora de menino com menino ou menina com menina? a senhora teve alguma orientação?

S olha... pra te dizer a verdade... o povo não era muito de conversar... a gente arrumava um namorado o pai sentava aqui e o namorado do outro lado... na minha época foi assim... então... foi bem assim... eles não chegava... tinha aquele respeito pra falar pra se abrir com a gente... a gente ia descobrindo sozinha... e era isso que acontecia

E não tinha assim aquela conversa?

S não não tinha...

E ia vivendo e aprendendo?

S ia vivendo e aprendendo... os pais tinham vergonha acho que de falar com os filhos... eles só falavam assim... olha vocês nunca rouba... vocês nunca pegue o que é dos outros... se vocês tiver algum vício... vocês mantenham o seu vício nunca peça pra ninguém... era essa a orientação dos pais da gente... que dava pra gente... então a gente seguiu ali era assim

E a senhora já teve orientação sobre gay?

S menino... pra te dizer a verdade não... porque na minha época não tinha isso né? então aí eu fui vendo... e fiz muita amizade com os gays são gente fina... e tenho amigos que são gays... e eu não discrimino... nunca discriminei

E a senhora convive?

S sim de boa... porque eu acho que cada um é cada um... cada um é isso... mulher com mulher e eu não discrimino... eu sou de boa com todo mundo... então esse negócio de cor tem gente que... pra mim é normal... pode ser verde azul amarelo cor de rosa não é? e eu não discrimino e gosto de cada um... dou bem com todo mundo... respeito todo mundo sabe... sou de boa

E então baiana era isso

S então é isso...

Considerações Finais

Diante dos dados levantados nessas entrevistas é possível afirmar que a infância era algo protegido, pois segundo as narrativas desses idosos não havia maldade entre os sexos. Como acontecia no século XVII, entendia-se que, se não se falasse sobre sexo não haveria por ele interesse, de modo a se retardar ao máximo a curiosidade infantil sobre o assunto, se existia receio em falar de sexo, falar então de sexualidade e de gênero era algo quase que inconcebível. Corroborando com essas afirmações, Freud (1909, p. 01) argumenta:

Que propósito se visa atingir negando às crianças, ou aos jovens, esclarecimento desse tipo sobre a vida sexual dos seres humanos? Será por medo de despertar prematuramente seu interesse por tais assuntos, antes que o mesmo irrompa de forma espontânea? Será na esperança de que o ocultamento possa retardar o aparecimento do instinto sexual por completo, até que este possa encontrar seu caminho pelos únicos canais que lhe são abertos em nossa sociedade de classe média? Será que acreditamos que as crianças não se interessarão pelos fatos e mistérios da vida sexual, e não os compreenderão, se não forem impelidos a tal por influências externas? Será possível que o conhecimento que lhes é negado não as alcançará por outros meios? Ou será que se pretende genuína e seriamente que mais tarde elas venham a considerar degradante e desprezível tudo que se relacione com o sexo, já que seus pais e professores quiseram mantê-las afastadas dessas questões o maior tempo possível?

Especificamente no Brasil, por influência da colonização e das ideias religiosas que vieram com os portugueses, as conversas sobre sexualidade sempre foram marcadas pelo preconceito, que existe ainda, apesar de estar aos poucos diminuindo.

Considerando-se os relatos documentados, concluímos que a falta de informação perpassa as gerações e pode motivar casos como os que acompanhamos pelos noticiários, situações de

violência geradas pelo sentimento de homofobia, violência física e simbólica contra as mulheres, entre outros. Demonstrações públicas de carinho homoafetivo causam espanto ou revolta quando aparecem em horário nobre da televisão, sendo motivo de comentários revoltosos nas redes sociais, matérias de jornal, entrevistas enfim, provocam reações das mais diversas.

Finalmente é possível afirmar que as discussões empreendidas em sala na disciplina Gênero e Educação contribuíram muito para a formação de conceitos pelos/as acadêmicos/as, futuros/as professores/as que têm a missão, seja ela agradável ou não, de discutir as relações de gênero nas escolas, porque é principalmente nela que a curiosidade das crianças busca conhecimentos para se transformar em preceitos para a vida. Para tanto, é importante que o espaço acadêmico propicie essas reflexões, pois é na universidade que novos pensamentos são construídos a partir da derrubada ou da reformulação dos antigos posicionamentos e decisões. Tomara que assim seja!

Referências

- A. F., **Relações de Gênero: Registro de Memórias Com Idosos**. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a BATISTA, F. P.; SILVA, L. F.
- FREUD, Sigmund. **O esclarecimento sexual das crianças**. V 9. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. I: A Vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal. 1988.
- MONTEIRO, Silas Borges. **Para Além do discurso, a escuta das vivências: uma investigação otobiográfica**. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M.A.S. **Pesquisa em Educação: Alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo-SP: Edições Loyola, 2006. p. 93-116.

S. N. S., **Relações de Gênero**: Registro de Memórias Com Idosos.
Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a
BATISTA, F. P.; SILVA, L. F..

9. Tabu e preconceito nas memórias de idosos sobre as relações de gênero e sexualidade

Ana Lúcia de Jesus Vasconcelos
Luciana Marcondes de Moura Brum

Introdução

Ao fazer uma análise da sociedade, buscamos apresentar neste trabalho a relação de gênero e educação por meio da vivência e das descobertas da sexualidade na infância, na juventude e na vida adulta dos idosos entrevistados. Muito se tem discutido sobre esse tema, mas identificamos que as vivências da sexualidade foi e continua sendo um tabu para a sociedade.

Além disso, a educação repassada pelos pais ou mesmo as brincadeiras de sua época muito se difere dos tempos atuais, em razão, por exemplo, da influência dos equipamentos e jogos tecnológicos, que fazem com que poucas crianças brinquem em grupo nas ruas como antigamente. O registro dessa relação será desenvolvida a partir dos dados coletados em entrevistas realizadas com idosos, bem como a análise fundamentada em textos estudados na disciplina de Gênero e Educação.

Há registros históricos ao longo dos textos na referida disciplina, que nos séculos anteriores muito pouco se falava sobre sexualidade tanto na infância como na vida adulta. Pelos relatos ouvidos nas entrevistas as crianças não podiam ouvir as conversas dos adultos e nem ficar perto, e até os adultos mesmo tinham pudor em falar sobre a sexualidade devido à educação recebida dos pais e a igreja concebia esse assunto como pecado.

De acordo com as entrevistadas, elas não falaram sobre sexo com filhos e que eles aprenderam sobre o assunto na escola.

Atualmente a questão de sexualidade é discutida em sala de aula e na mídia abertamente, apesar da igreja e alguns pais não aceitarem esse ensino.

Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se (FOUCAULT, 1984, p. 27).

Um aspecto que precisa ser registrado é que as entrevistadas passaram a infância na fazenda e referem-se às brincadeiras de forma parecida como: esconde-esconde, pega-pega, brincadeira de roda, elas mesmas faziam as bonecas com espiga de milho. O que diferencia a infância delas, é que a entrevistada M só brincava com meninas e a entrevistada R brincava junto meninas e meninos e ainda a mesma começou a trabalhar cedo com sete anos. É possível constatar que apesar de ter pouco tempo para brincar devido ao trabalho, pois esses momentos foram bem aproveitados.

Hoje em dia as brincadeiras das crianças mudaram muito, ou em razão da influência dos jogos tecnológicos estão mais individualistas, não sabem dividir e nem dão valor aos brinquedos. Elas estão acostumadas a pois são influenciadas pelos jogos no celular, *tablet*, *videogame* dentro de casa, não sabem como é brincar na rua junto com outras crianças, fazer os próprios brinquedos e dividir com os amigos. Assim, o registro das memórias das idosas refletem o vivido cotidianamente nas relações de gênero.

Registro de Memórias

M. A. A.

A entrevistada é viúva, brasileira, natural de Guararapes, estado de São Paulo, possui 73 (setenta e três) anos de idade e encontra-se aposentada.

E como eram as brincadeiras da infância entre meninas e meninos?
M era tudo individual... a gente não era muito liberada pra brincar juntos na minha época... as meninas brincavam de um jeito e os meninos brincavam de outro... brincava de roda pega-pega esconde-esconde... pular corda balanço gangorra... bonecas de fazer comidinha essas coisas

E do que você mais gostava de brincar com as meninas?

M ah eu gostava de tudo na realidade tudo era do bom... eu mesma fazia minhas bonecas com sabugo e espiga de milho bucha de abobrinha... vocês conhecem a bucha? fazia bonecas de pano

E o que essas brincadeiras representavam para você?

M olha... como eu fui criada na fazenda... pra mim representava tudo porque eu não conhecia outra coisa... a gente foi criada na fazenda era sempre essas coisas mesmo... não existiam outros tipos de brincadeira

E como essas brincadeiras e convivência possibilitaram a sua compreensão sobre a sua sexualidade?

M ah naquela época a gente não participava dessas coisas não... eu vim saber desse tipo de sexo assim... só depois dos meus dezessete anos... a gente era proibida de ouvir falar qualquer coisa desse assunto... não podia nem passar perto de adulto... era criança com criança e adulto com adulto... proibido ((risos))

E que tipo de educação sexual você recebeu dos seus pais?

M nenhuma... a gente não falava disso... eu tenho quatro filhos e aprendi tudo com meu primeiro namorado... ele que me ensinou tudo eu não sabia de nada dessas coisas não

E você conversou com seus filhos sobre sexualidade? ensinou alguma coisa?

M ah não ensinei não... meus filhos já foram criados neste ambiente né... a escola ensinava... eu não ensinei nada disso a escola ensinava... divorciei-me do pai deles e fui pra São Paulo e eles ficaram aqui com a avó naquela época de ensinar essas coisas... e a avó também não ensinava essas coisas não... mas eles aprenderam na escola alguma coisa... não tudo como hoje mas ensinavam

E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação para o casamento? em caso positivo quem e como foi feita essa orientação?

M nenhuma... tanto que meu casamento deu bem errado eu não sabia nada... não deu nada certo... eu casei com vinte anos... não tinha experiência com vida de casado... meus pais viviam juntos mas não brigava... eu era de uma família muito pacata... já eu me casei com um marido que a gente só vai conhecer depois que casa né... e na convivência com ele... ah eu sofri muito

E conte-nos como era o tratamento entre os homens e mulheres na sua época? e após a convivência diária no casamento?

M então... eu só conhecia a ele na realidade... então ele era muito ruim comigo... o tratamento não era bom... ele era muito machista

E quais valores foram construídos pela família na sua educação ou desconstruídos? isso te ajudou ou trouxe dificuldades em seus relacionamentos?

M olha... eu acho que ajudou né... meu pai era um homem muito bom... ele nunca foi de brigar com a gente... nem bater na gente... ele foi sempre muito amoroso... minha mãe era brava... ela era daquelas de bater e pisar no pescoço mesmo muito bruto... perdi meu pai com dezesseis anos... mas de relacionamento eles não me ensinaram não

E como é ou foi a convivência entre homens mulheres e a geração LGBT na família e na sua atuação profissional?

M foi bom... o que é isso de LG...? ah sim... eu tenho um filho que é homossexual ele é estilista... minha relação com ele é normal... eu aceitei de boa... tenho uma filha também homossexual mas ela não mora aqui... mas eu sou de boa... todos da família aceitam sem problemas

E em que momento da sua vida você percebeu a necessidade de refletir sobre as relações de amizade e as relações amorosas?

M ah eu nem lembro mais ((risos)) amizade é uma coisa e a outra parte amorosa é outra né... então a gente sabe definir sim... só depois que eu me divorciei que fui ter outros contatos... na época com uns trinta e três anos... daí eu conheci bastante coisas da vida... por isso eu aceitei melhor as coisas

E quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos filhas marido ou esposas netas e netos?

M não nunca discuti muito... só aceito de boa... meus filhos quando me falaram que são homossexuais eu não falei nada só aceitei... minha filha ainda conversou e se abriu comigo... mas também não perguntei nada... ele a mesma coisa meu filho é muito bom... tenho seis netos e uma neta só que mora comigo... ela conversa comigo sobre os namoradinhos

E você recebeu alguma formação sobre a convivência social entre homens mulheres e a geração LGBT por alguém? como você define suas relações afetivas? como você compreende as relações afetivas entre homens mulheres e a geração LGBT?

M eu compreendo que cada um tem seu livre arbítrio pra escolher o que vai seguir da vida... ninguém deve interferir na vida de ninguém... cada um é dono de si... desde que seja maior de idade né

R. V. A.

A entrevistada é viúva, aposentada, brasileira, natural de Irapé, estado de São Paulo e possui 81 (oitenta e um) anos de idade.

E como eram as brincadeiras da infância entre meninas e meninos?

R minha infância foi em Irapé... morava numa fazenda e ia de ônibus para trabalhar já com sete anos apanhava algodão e carpia... e brincadeira só tinha tempo no domingo por causa do trabalho e as brincadeiras eram de roda... piques ((pega-pega)) amarelinha... os meninos e meninas brincavam tudo misturado... era tudo inocente naquela época... na roça a mãe não importava... brincávamos tudo no quintal perto da casa... de dia não tinha tempo brincava mais no domingo mesmo

E do que você mais gostava de brincar com os meninos as meninas?

R esconde-esconde pega-pega roda... e um de bater na mão e correr que não lembro o nome... vocês não conhecem?... cantava ciranda cirandinha... fazia boneca de espiga de milho... com pano costurava vestidinhos e vestia as bonecas... fazia boneca de pano que minha tia ensinou... brincava de fogãozinho de verdade... pegava arroz e feijão escondido e fazia num fogão feito de latinha... brincava de comadre... fazia batizado das bonecas

E o que essas brincadeiras representavam para você?

R eram momentos felizes pois não precisávamos trabalhar

E como essas brincadeiras e convivência possibilitaram a sua compreensão sobre a sua sexualidade?

R era tudo misturado que eu me lembro... não tinha esse negocio de saber das coisas... a gente era tão inocente... eu pelo menos era tão inocente que quando menstruei não sabia o que era

E que tipo de educação sexual você recebeu dos seus pais?

R nenhuma... era proibido falarmos sobre isso... quando os adultos estavam conversando não podíamos ficar perto

E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação para o casamento? em caso positivo quem e como foi feita essa orientação?

R nenhuma não me casei... eles não falavam nada... tive um namorado que é o pai das minhas três filhas... sofri muito na minha primeira relação por não saber como as coisas aconteciam... aprendi tudo com ele

E conte-nos como era o tratamento entre os homens e mulheres na sua época? e após a convivência diária no casamento?

R viviam bem eram bem felizes... eram sírios e se xingavam no modo deles lá ((risos)) não via nada.... não podia sair pra canto nenhum

E quais os valores foram construídos pela família na sua educação ou desconstruídos? isso te ajudou ou trouxe dificuldades em seus relacionamentos?

R nenhum... fui criada por um casal de turcos... fui rever minha mãe já depois de moça e ela nem me reconheceu

E como é ou foi a convivência entre homens mulheres e a geração LGBT na família e na sua atuação profissional?

R não sei como é... não sei nada disso vejo falar

E o que a senhora acha dos homossexuais e lésbicas?

R tem mulher que vive com mulher né... tenho uma neta que está em Portugal e que mora ou morava com uma mulher não casou... teve namorado não sei o que virou a cabeça... eu não reparo essas coisas nesse mundo tem de tudo... esse negócio de rixas essas coisas eu sei que tem ((risos))

E a senhora acha normal ou é contra os homossexuais e lésbicas?

R eu não... sou muito a favor... todo mundo tem seu livre arbítrio... tendo um bom coração

E em que momento da sua vida você percebeu a necessidade de refletir sobre as relações de amizade e as relações amorosas?

R eu só tive o pai das minhas filhas... saía escondido pra namorar... não tinha amizade com homens

E quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos filhas marido ou esposas netas e netos?

R não falava sobre esse assunto era proibido... e também não falei com minhas filhas... tenho três filhas e elas aprenderam essas coisas tudo na escola

E você recebeu alguma formação sobre a convivência social entre homens mulheres e a geração LGBT por alguém? como você define suas relações afetivas? como você compreende as relações afetivas entre homens mulheres e a geração LGBT?

R nenhuma

Considerações Finais

Diante dos diferentes aspectos estudados na disciplina de Gênero e Educação e das narrativas apresentadas neste trabalho foi possível constatar que as vivências de sexualidade e as questões de gênero ainda são consideradas um grande tabu pela sociedade. Apesar de algumas pessoas terem uma boa convivência com a geração LGBT, por exemplo, ainda há muita discriminação, produto de séculos anteriores, quando eles eram considerados doentes.

Nas narrativas coletadas é possível afirmar ainda que as mulheres sofreram muito por não receberem informações sobre as questões de sexo e sexualidade, e muitas vezes são privadas de compreenderem as dimensões do prazer. Por outro lado, apesar do pudor em relação a esse assunto, os homens recebiam algumas informações. Entendemos ainda que as brincadeiras de antigamente valorizavam mais convivência com outras crianças, mesmo que não pudessem brincar meninas e meninos juntos.

Dessa maneira é imprescindível que todos se conscientizem não só em relação à questão de gênero, mas a sociedade poderia ser menos machista e abordar a sexualidade com naturalidade, sem pudor, e que as crianças possam dar valor ao que possuem e aprendam a brincar em grupo mesmo com os brinquedos tecnológicos disponíveis no mercado.

A sexualidade, independentemente de qualquer época, é essencial na vida do homem. Os tabus estão presentes em todas as culturas e em diferentes épocas. Hoje, por meio do estudo da disciplina de Gênero e Educação, podemos compreender a importância de se trabalhar desde cedo com esse assunto, sempre o abordando de forma adequada e de acordo com cada idade.

Pelos relatos das entrevistadas, compreendemos que antigamente não era certo conversar determinados assuntos perto de crianças, principalmente se fosse algo relacionado ao sexo. Elas também não ficavam muito perto dos adultos e, na hora da brincadeira, geralmente eram separados meninos e meninas, cada um com suas atividades.

Atualmente, ainda vemos, por parte de algumas pessoas, a dificuldade em aceitar a homossexualidade ou até mesmo tentar entender o que se passa com essas pessoas, como é a vida e quais as dificuldades que eles enfrentam. Todavia, em comparação com anos anteriores, apesar de vivermos em um mundo ainda machista e preconceituoso, esse assunto está sendo melhor tratado pela sociedade, como nos revelou o depoimento de uma das entrevistadas, que tem dois filhos homossexuais e que os aceitou,

porém sem nunca questionar ou tentar conhecer a vida sexual deles.

O posicionamento dessa entrevistada revela o quanto esse processo é lento, mas que, aos poucos e com o trabalho das escolas e pela participação dos pais, será um tema que irá ser discutido sem rodeios e com o tempo quebrará tabus e eliminando preconceitos ainda muito presentes na sociedade.

Referências

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. I: A Vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal. 1988.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 7-34.

M. A. A., **Relações de Gênero**: Registro de Memórias Com Idosos. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a VASCONCELOS, A. L. J.; BRUM, L. M. M..

R. V. A., **Relações de Gênero**: Registro de Memórias Com Idosos. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a VASCONCELOS, A. L. J.; BRUM, L. M. M..

10. Sexo?! no meu tempo não tinha isso...

Irisnéia Seixas Moura
Lins Evelim Matheus

Introdução

Este texto apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida no projeto de ensino da disciplina Gênero e Educação: Registro de memórias dos idosos sobre as relações de gênero, que teve como finalidade ouvir e compreender o passado para estudar e refletir sobre o futuro e passar aos estudantes um conhecimento sem amarras sociais e religiosas.

Com as entrevistas, pudemos verificar uma ampla vivência de nossos entrevistados, desde sua infância até os tempos atuais, experiências de vida que nos ajudaram a compreender as diferentes fases de desenvolvimento e a evolução dos seres humanos em relação à sexualidade e ao gênero. Tais informações são muito compatíveis com as descritas por pesquisadores de sexualidade, e também com a infância vivida entre pessoas de períodos, lugares e educação diferenciados.

Durante as rodas de conversa, os participantes tiveram muita dificuldade em falar de suas descobertas, entraram em contradição em relação a experiências como masturbação, namoro, brincadeiras que estimulavam a libido ou até mesmo um simples beijo. Essas dificuldades ocorrem em razão da educação que tiveram tanto no ambiente familiar, com pais rígidos e até violentos, como também relacionados às normas religiosas, que obrigam as pessoas a esconderem suas reais opiniões pelo receio de críticas maldosas, que causam vergonha, e até mesmo medo de punições constituídas em escrituras cristãs.

(...) Quando pensamos que mesmo quando não estamos falando de sexo diretamente, ainda assim conseguimos produzir, de forma indireta, significados eróticos, esbarramos num curioso limite: a insistência dominante na estabilidade dos corpos no corpo como um fato, e na transmissão de informações óbvias (BRITZMAN, 2000, p. 87).

Durante muito tempo, a igreja ditou ordens no comportamento sexual das pessoas, principalmente de casais, e era cobrado até mesmo o pensamento referente a qualquer ato que não tivesse relação com a procriação humana, como o prazer sexual, que era severamente condenado pela Santa Igreja, principalmente em relação às mulheres.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, conseguimos ter uma compreensão maior referente à dificuldade em extrair informações mais íntimas de nossa entrevistada. Isso porque, embora ela tenha concordado em nos ceder a conversa gravada, colocou-se em uma posição de defesa, não expondo muito sua vida íntima. Em uma das perguntas, por exemplo, fez questão de dizer que nem tinha curiosidade sobre a sexualidade, comportamento que se dá por ter sido criada em um mundo machista, no qual ter esse tipo de pensamento a colocaria no topo das mulheres sem moral, tão criticadas em sua época de juventude. Já o homem conseguiu se expressar um pouco mais e, ainda que sejam de diferentes idades, as informações de um não era muito diferente do outro em relação ao início da vida sexual.

Chegamos à parte da pesquisa de maior tabu: a homossexualidade. Durante muitos séculos atrás, o sexo entre homens era encarado com naturalidade. Entretanto, com a popularização do cristianismo, foi inculcada a ideia de que esse ato era pecado. Assim, ao longo do tempo, muito foi falado sobre esse tema: seria virilidade? “(...) Antes do século XIX a ‘homossexualidade’ existia, mas o/a ‘homossexual’ não” (WEEKS, 2000, p.46). Para essa autora, nesse período, o fato de um homem

manter relações sexuais com outro, desde que o mesmo tivesse um casamento heterossexual, era sinal de masculinidade.

Com relação a esse estudo, podemos afirmar pelas narrativas dos idosos que há muito a ser feito em relação à pedagogia aplicada com nossas crianças, a fim de conseguirmos dizimar de uma vez por todas a falta de conhecimento relacionada à sexualidade e ao gênero, levando informações muito mais detalhadas às escolas e a outras instituições, criando políticas necessárias para formar cidadãos com suas ideias e opiniões embasadas em conhecimentos e longe de qualquer preconceito relacionado a todas as pessoas.

Registro de Memórias

L. M. E.

O entrevistado é viúvo, natural de Porto Murtinho, Mato Grosso do Sul e possui 70 (setenta) anos.

E como o senhor vivenciou as descobertas da sexualidade durante a infância... teve alguma atração durante a infância?

L não

E a partir de quando mais o menos descobriu a sexualidade?

L adolescência entre catorze e quinze anos

E teve vontade de se masturbar? por que?

L não... porque não era bom

E questões religiosas ou pela sua criação?

L por causa da minha criação... uma vez eu tentei fazer isso mas apanhei da mãe

E o senhor tinha que idade ?

L tinha doze pra treze anos

E depois disso o senhor nunca mais tentou a masturbação nem na fase adulta?

L não

E quantos anos o senhor tinha quando praticou relações sexuais pela primeira vez? foi com sua noiva esposa?

L foi com dezenove anos já era casado
E com quantos anos o senhor se casou?
L com dezenove anos ela dezessete
E o senhor casou virgem?
L sim eu e ela
E como foi a primeira noite?
L foi ótimo não teve problema nenhum não
E o senhor ficou nervoso? sabia o que fazer?
L não a gente se gostava
E usaram algum tipo de roupas especiais camisolas?
L já tiramos toda roupas... a mãe dela estava viajando ficamos só nos dois
E a mãe dela viajou no dia do casamento?
L não no segundo dia
E tiveram relações sexual somente no segundo dia?
L ela ficou com medo... que veia a dona N... minha sogra era muito chata
E como eram as brincadeiras da infância entre meninas e meninos?
L brincadeiras sem malícias... na maioria das vezes somente meninos... quando ocorria festas aí sim era que brincavam meninos e meninas... as brincadeiras comuns nessas ocasiões eram pega-pega pula saco esconde-esconde... mas não existia malícia nenhuma
E do que você mais gostava de brincar com os meninos as meninas?
L bolita pião... com as meninas esconde-esconde brincadeira de roda
E o que essas brincadeiras representavam para você?
L simples felicidade pra gente... divertido na época de São João aniversários de meninos e meninas sentia liberdade
E como essas brincadeiras e convivência possibilitaram a sua compreensão sobre a sua sexualidade?
L de maneira nenhuma... os meninos o seguinte... na minha época quando uma menina ficava puxando pra outro lado já largava ela deixava no canto... a menina era assanhada
E que tipo de educação sexual você recebeu dos seus pais?
L nenhuma... os pais não davam conselho sobre isso... nem o pai nem a mãe... fui criado apenas pela minha mãe meu pai morreu quando eu tinha nove anos... descobri tudo sozinho... isso era com

todos todos... com a maioria das crianças na naquela época não existia esse negócio de conselho de sexo de estimulação nada

E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação para o casamento? em caso positivo quem e como foi feita essa orientação?

L não existiu não... só orientação se eu tinha capacidade de viver com a esposa se eu tinha responsabilidade... só isso que minha mãe falou... na minha época não existia esse problema de antes do casamento... só depois do casamento... só existia quando a menina era muito assanhada... mas a minha não era assanhada assim não... ela era quietinha e medrosa

E precisou de autorização para da justiça para o casamento?

L na época porque éramos de menor... ela com dezessete anos e eu com dezenove...

E e por que tanta pressa pra casar?

L a gente se casou por que tinha que casar... a gente se gostava desde de crianças

E o casamento era o mais rápido possível para evitar a relação sexual antes do casamento?

L você sabe o que iria acontecer se descobrisse que a menina estava grávida antes de casar eu ia preso

E mas ela estava grávida?

L não... é porque ela só tinha dezessete anos... pedofilia... minha sogra que exigiu já queríamos sair à noite

E e saíam à noite nessa época?

L não deixavam... quando saía o xerife ia atrás ((a mãe dela)) os irmãos não ligavam eles gostavam de mim

E conte-nos como era o tratamento entre os homens e mulheres na sua época? e após a convivência diária no casamento?

L era de muito respeito... amizade entre homens e meninas era pouco porque os pais proibiam

E o senhor acredita ou acreditava em amizade entre homens e mulheres?

L não existia naquela época... quando tinha era com segundas intenções... os pais das meninas já orientavam que não podia ter amizade com homens... hoje estamos na era moderna a convivência agora é fácil... depois de casado amizade somente com a esposa...

geralmente no colégio nós estudamos separados das meninas... na igreja era separado também

E quais os valores foram construídos pela família na sua educação ou desconstruídos? isso te ajudou ou trouxe dificuldades em seus relacionamentos?

L minha mãe era praticamente uma senhora analfabeta... mas para educar os filhos era em primeiro lugar

E como é ou foi a convivência entre homens mulheres e a geração LGBT na família e na sua atuação profissional?

L bom... na minha família não tinha nenhum... mas no meu trabalho existia muitos desse tipo... homens e mulheres... eram apenas companheiro de serviço... não tinha amizade cada um na sua casa... geralmente essas meninas... os transexuais eles não se juntavam muito com os homens verdadeiros o homem machão... o patrão não deixava a gente partir pra essas coisas... mas a gente não tinha preconceito... mas é melhor manter distância... porque se você não pretende a segunda parte pra que manter contato? não tem condição

E quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos ou esposas netas e netos?

L eu orientei meu filho minha filha não... foi a mãe quem orientou... eu tinha um casal... o menino é obrigação do pai... orientação sobre doenças e esses problemas que existem na época dele agora... que na minha juventude nem existia isso nem camisinha existia... ele tinha treze pra catorze anos

E você recebeu alguma formação sobre a convivência social entre homens mulheres e a geração LGBT por alguém?

L inclusive eu recebi orientação de um médico ginecologista... ele que me falou não discriminar eles nem elas... mas não pega amizade íntima porque o que eles praticam eles podem te matar fácil... eles são violentos se deixar eles com raiva

E como você define suas relações afetivas? como você compreende as relações afetivas entre homens mulheres e a geração LGBT?

L eu me refiro a esse ponto não discriminar eles... eles vivem como eles podem o que eles gostam... agora um por exemplo um homem ou seja jovem se envolver com esse pessoal não é bom... eles transmitem muitas doenças... então a pessoa tem que pensar primeiro pra fazer isso... eu já vi muita gente muito rapaz novo

morrer por causa dessa convivência com eles... de manter relação com eles

M. I.

A entrevistada é viúva, natural de Martinópolis, estado de São Paulo e possui 89 (oitenta e nove) anos de idade.

E como eram as brincadeiras da infância entre meninas e meninos?
M era tudo junto... de amarelinha biroquinha ((bola de gude)) soltava muito papagaio com meu irmão... brincava só em casa... na escola naquele tempo não tinha essas coisas não... só cantava o hino nacional e hino da bandeira... pois naquele tempo não tinha essa maldade

E o que essas brincadeiras representavam para você?

M era uma liberdade

E como essas brincadeiras e convivência possibilitaram a sua compreensão sobre a sua sexualidade?

M não tinha essa história de menino e menina... meu irmão pulava amarelinha era tudo brincadeira... mas os meus irmão não brincavam de boneca só eu e a minha irmã... só que não tinha essa maldade de hoje que menino não pode relar em menina

E que tipo de educação sexual você recebeu dos seus pais?

M meus pais nunca falaram disso... de nada sexual e nunca disse menino não brinca com menina

E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação para o casamento? em caso positivo quem e como foi feita essa orientação?

M meu pai só não deixava namorar fora de casa... e falava que dez horas o candango tinha que ir embora... eu ficava sentada no sofá e todo mundo passava por ali... sobre o casamento o que era isso o que era quilo não passava nada não... agente namorava escondido... depois do casamento era tudo novo não sabia nada... não tinha essas orientações... e ninguém falava disso porque o meus pais tinham vergonha de falar dessas coisas e não abriam o jogo com a gente... sabe de uma coisa... não passava nada dessas coisas na minha cabeça de saber novidade

E conte-nos como era o tratamento entre os homens e mulheres na sua época? e após a convivência diária no casamento?

M eu ficava em casa os meninos também... meus meninos nunca foram de dormir fora que nem hoje... que dez horas já estão se arrumando pra passear... no casamento tinha muito respeito

E como é ou foi a convivência entre homens mulheres e a geração LGBT na família e na sua atuação profissional?

M nunca vi... em Martinópolis não tinha de lésbica nunca ouvi falar na minha vida... ouvia se comentar o fulano tem jeitinho... mas tudo em baixo de segredo ninguém sabia... porque a própria pessoa ficava com vergonha se escondia

E quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos filhas marido ou esposas netas e netos?

M também não falei sobre isso com os meus filhos eles namoravam... mas nunca tiveram abertura assim... de ter relação e essas coisas... pra dizer a verdade a gente nunca viu nem beijar... tinha uma vergonha e muito respeito... hoje tem que falar tem que orientar sobre esses assuntos

E você recebeu alguma formação sobre a convivência social entre homens mulheres e a geração LGBT por alguém? como você define suas relações afetivas? como você compreende as relações afetivas entre homens mulheres e a geração LGBT?

M não recebi nenhuma informação sobre essas pessoas... nunca nem vi... hoje tem que ter cuidado dobrado... porque as próprias novelas ensinam coisas horrorosas... essas pessoas LGBT não são normais tem que ter um tratamento... o celular é um terror... nada vai ser igual o nosso tempo... as crianças não obedecem... mas tem que orientar e tem que conversar sobre sexualidade

Considerações Finais

Diante dos dados coletados nas entrevistas e os estudos teóricos feitos sobre a temática de sexualidade e gênero, chegamos a ao final deste trabalho com um questionamento: o que fazer para mudarmos séculos de hipocrisia e preconceitos?

A pesquisa revelou uma realidade que muitos negam: as crianças desde muito tempo sendo colocadas em uma posição de ignorância quando se fala de sexualidade, uma vez que muitos pais acreditam que escondendo um assunto tão imoral, na percepção deles, estão, protegendo-as de uma perversão mundana, seja por preceitos religiosos ou por padrões de moralidade impostos pela sociedade e repassados à educação por gerações. Frente a esse cenário e fazendo uma analogia referente à educação de ontem e de hoje, chegamos à conclusão de que há muita gente vivendo com os preceitos dos tempos de seus bisavós quando o assunto é sexualidade e gênero.

Os entrevistados demonstraram muita falta de conhecimento, principalmente sobre a geração LGBT, quando, por exemplo, relataram que os gays transmitem muitas doenças ou que precisam de tratamento. Isso não se trata de preconceito e sim de falta de conhecimento, pois os informantes trazem uma bagagem cultural que adquiriram ao longo de anos, não tendo a curiosidade de buscar esclarecimentos de tempos atuais até por comodismo.

Cabe, pois, às gerações futuras de pedagogos buscar e transmitir, desde os primeiros anos, informações relacionadas a sexo, diversidade e respeito a qualquer que seja a opção sexual de cada indivíduo.

Falar de sexualidade nas escolas pode não ser nada fácil, pois, como mencionado anteriormente, vivemos em um mundo cheio de hipocrisia, falsos moralismos e puritanismo e a única forma de enfrentar esses tabus é quebrando esses grilhões que nos foram colocados sobre o contexto da vida íntima dos seres humanos.

A sociedade tem assim a obrigação de tornar nossas crianças adultos capazes de fazerem suas escolhas, sejam elas sexuais, de natureza e profissionais, com consciência e respeito.

Referências

- BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (org.). **O Corpo Educado: Pedagogia Da Sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 83-112.
- DEL PRIORE, M. **Histórias íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.
- FREUD, S. (1905 [1901]). **Fragmento da análise de um caso de histeria**. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas Sigmund Freud).
- L. M. E., **Relações de Gênero**: Registro de Memórias Com Idosos. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a MOURA, I. S.; MATHEUS, L. E..
- M. I., **Relações de Gênero**: Registro de Memórias Com Idosos. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a MOURA, I. S.; MATHEUS, L. E..
- WEEKS, J. O corpo e a Sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 35-82.

11. História de vida de idosas na perspectiva das relações e gênero e sexualidade

Daniela de Souza da Silva
Karina Conrado Leonardo Dias

Introdução

Este trabalho visa apresentar os resultados do inventário de memórias realizado com duas idosas na faixa etária de 90 e 80 anos, respectivamente. Assim, descrevemos suas memórias sobre as vivências estabelecidas ao longo de suas vidas, na perspectiva de gênero e sexualidade, por meio de um roteiro de conversa, apresentado pela professora da disciplina de Gênero e Educação, da 2ª série do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Durante esses diálogos, com essas idosas, foi possível perceber, algumas barreiras para que se entendesse o objetivo desta proposta, mas que foram sanadas a partir da nossa disposição e dos esclarecimentos, fundamentados nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como a autorização para a divulgação dos resultados à comunidade acadêmica. Para tanto, assumimos o compromisso de que as informações prestadas seriam utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos de formação de profissionais preocupados em exercer um papel de educadores conscientes. Após realizarmos o levantamento, analisamos as vivências das idosas com os textos apresentados e debatidos na disciplina de Gênero e Educação.

Desse perspectiva, o trabalho foi organizado da seguinte forma: breve apresentação das sínteses das observações das leituras realizadas na visão das acadêmicas pesquisadoras e

elaboração das conclusões sobre a temática abordada. Observamos ainda, em meio ao desenvolvimento deste estudo, críticas a comportamentos e a diversas construções, de certa maneira induzidas pelo contexto social e por preconceitos que ainda permanecem no inconsciente coletivo da sociedade, entre muitos outros aspectos. Enfim, observamos que muito se tem a fazer frente às questões de busca da informação com relação ao tema pesquisado.

Com base nas contribuições de Monteiro (2006), compreendemos a proposta desenvolvida na disciplina de Gênero e Educação que considera a importância da pesquisa na formação de professores educadores, devendo esta acontecer no movimento de atuação dos docentes, como sujeitos que podem construir conhecimento, desenvolvendo o ensino refletindo em críticas sobre ações e planejamentos, abrangendo o coletivo e contextualizando institucional e historicamente o tema.

Dessa maneira, apresentamos abaixo a narrativa das memórias dessas idosas. Vale registrar que esses dados constituirão o acervo do Centro de Documentação de Educação, Linguagens e Diversidade Cultural de Mato Grosso do Sul, coordenado pela Profa. Dra. Kátia Cristina Nascimento Figueira, vinculado ao Grupo de Pesquisa: Educação, Cultura e Diversidade, Coordenado pela Profa. Dra. Profa. Dra. Léia Teixeira Lacerda, bem como passando a ser fontes de pesquisa para utilização por outros pesquisadores da instituição e de fora da instituição. As gravações, transcritas na íntegra, serão analisadas fundamentadas nos textos dos autores estudados e debatidos na disciplina de Gênero e Educação em sala de aula.

Registro de Memórias

D. C. F.

A entrevistada é brasileira, natural de Assaré, estado do Ceará possui 90 (noventa) anos, viúva, dona de casa.

E como eram as brincadeiras da infância entre meninas e meninos?
D brincava de anel cena de adivinhação... contando história
brincava assim... de roda pega-pega esconde-esconde... se
escondendo... era só mulher com mulher... brincadeira de mulher
com mulher

E do que você mais gostava de brincar com os meninos as
meninos?

D gostava de brincar mais com menina mulher... era difícil era
diferente naquela época

E os pais deixavam brincar com os meninos?

D brincar com meninos os pais não... e a gente mesmo era assim
meio desconfiada... é o jeito da criação sabe

E o que essas brincadeiras representavam para você?

D era bom demais... era uma maravilha de bondade... brincava de
noite... de roda de anel cena de adivinhação... os pais já sabiam que
a gente não se misturava... os meninos já estavam brincando em
outro lado com as brincadeiras deles... eles nem ligavam não...
quando eram brincadeiras que os pais estavam presentes... sentado
tudo aquele montão de gente... até as pessoas mais idosas entravam
também brincando de anel... essas coisas assim

E como essas brincadeiras e convivência possibilitaram a sua
compreensão sobre a sua sexualidade?

D quando a gente se engraçava por aquele menino... estava tudo
numa idade só... mas ali só dava uma olhada de um para o outro de
longe... um ia para lá outro para cá... não tinha esse tipo de pegar na
mão... beijar de jeito nenhum era só assim aquela conversa... só
aquela olhada... cuidado para os pais não darem fé era tudo
escondido

E que tipo de educação sexual você recebeu dos seus pais?

D reclamava para não ter assim conversa com rapaz... não ter
namoro no escuro... não andar pegado em mão... história de beijar...
essas coisas assim como é hoje não podia não havia... podia até
haver mas era de longe... não é como é hoje

E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da
preparação para o casamento? em caso positivo quem e como foi
feita essa orientação?

D falava que a pessoa casando tinha que ser diferente... tratar
daquele rapaz direito... viver direito... não viver brigando... tinha

que ser dona de casa cuidando de marido... amanhã depois aparecia família tinha que ser tudo diferente

E conte-nos como era o tratamento entre os homens e mulheres na sua época? e após a convivência diária no casamento?

D era tudo numa boa tudo na união... aquele rapaz daquele dia por diante... tinha que respeitar o sogro como se fosse o pai e o mesmo jeito a mulher com os pais do rapaz... tratava bem... sempre dava conselho só para respeitar os pais da gente e a gente respeitava os pais igualmente como era pai

E quais os valores foram construídos pela família na sua educação ou desconstruídos? isso te ajudou ou trouxe dificuldades em seus relacionamentos?

D casamento pra mim e para muitos é um só... se mesmo separasse ficava sozinha até o fim da vida... era boa... trabalhando cuidando da casa... respeitando aquele marido e o marido também respeitando a gente... as coisas tudo feita na hora... só ia... saía se fosse com ordem do marido... se não fosse não ia... foi pouco tempo... acho que dois anos só e é porque ele ficou meio perturbado da cabeça... ficou muito exigente... aí a gente saiu... mas o final da vida dele veio findar no meu poder e eu cuidei dele até a hora que Deus levou... veio para dentro de casa e ficou dentro de casa e eu cuidei dele até quando Deus levou

E como é ou foi a convivência entre homens mulheres e a geração LGBT na família e na sua atuação profissional?

D na minha família foi tudo certinho... não tinha esse tipo de homem que é mulher... nem tinha mulher com mulher nem homem com homem... até havia... mas na minha família eu nunca soube que tinha... eu acho que eu não sei nem entender... porque é uma coisa esquisita né... na minha época nós até mulher já casada nem sabia se havia isso já tinha... só que o povo não conversava essas coisas não falava... só para aquelas pessoas que eram daqueles erros que conversavam uns com os outros

E em que momento da sua vida você percebeu a necessidade de refletir sobre as relações de amizade e as relações amorosas?

D entendi que a pessoa... para mim achei que foi muito tudo certo como amigo... graças a Deus foi uma pessoa boa como marido... como esposo também... sempre uma pessoa muito legal comigo e eu com ele... tinha alguma briguinha assim como todo casal

E quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos filhas marido ou esposas netas e netos?

D não... nós conversávamos com os filhos mas sem discutir... era discutido com respeito... os netos sempre para mim é como se fossem meus filhos e eu para eles nós tem o maior respeito... sempre ensinei do jeito que minha mãe explicava para mim... naquele tempo aí era uma das coisas que eu achava que era só que dava certo... dava conselho... explicava do jeito que foi nosso caminho... ir para igreja ensinava e levava

E você recebeu alguma formação sobre a convivência social entre homens mulheres e a geração LGBT por alguém? como você define suas relações afetivas? como você compreende as relações afetivas entre homens mulheres e a geração LGBT?

D eu acho assim muito esquisito tem demais

J. P. R.

A entrevistada é brasileira, natural de Correntina, estado da Bahia, 80 (oitenta) anos, viúva, dona de casa.

E como eram as brincadeiras suas na infância? como que era as brincadeiras de infância entre meninas e meninos na sua época de infância? vocês podiam brincar menina com menino? como era as brincadeiras da senhora na infância da senhora?

J a gente brincava assim... era de roda... cantar roda pular corda... mas minha mãe mas meu pai eram muito seguros... e só de filha mulher era eu e dois irmãos... mas nos fomos criados num regime que quando eu tinha de treze pra catorze anos... se um rapaz falasse em namorar comigo eu corria e escondia... eu ficava com raiva daquele cara e depois quando eu peguei de quinze pra dezesseis anos eu namorava um lá outro cá... mas nunca... eu casei com dezoito anos eu nunca sentei de pareia com meu marido de bonde não

E pergunto então o que é pareia e bonde?

J ficar perto um do outro sentar juntinho... se abraçar beijar nunca... ele falava pra mim... depois que nos casamos nunca tive o gosto de dar um beijinho em você né... viu? era diferente...

E e assim... seus pais sua mãe... seus pais conversavam assim com a senhora? olha minha filha vai ser assim assim assado quando você casar?

J não

E não teve nenhuma preparação?

J não nada

E quanto tempo vocês namoraram antes de casar?

J um ano

E e a senhora que pode escolher com quem a senhora queria casar ou os pais da senhora que escolheu?

J eu escolhi eu escolhi... infelizmente meu pai nem queria... porque parece que ele não queria que eu casasse com ninguém...

E mas é porque a senhora era filha única não é?

J era um ciúmes

E na época em que vocês brincavam... na infância da senhora vocês podiam brincar homem com mulher e mulher com homem? ou não? como eram as brincadeiras da senhora?

J a gente brincava as vezes né... fazia aquelas rodas... passava anel tinha aquela uma de colocar o chapéu na cabeça né

E e assim o que vocês mais gostavam de brincar na infância? com os meninos e com as meninas? o que a senhora lembra?

J com os meninos eu gostava de brincar disso... com as meninas eu gostava de brincar

E tinha alguma brincadeira que a senhora mais gostava de brincar?

J não...

E tanto faz?

J tanto faz

E e vocês podiam brincar então com meninos?

J podia brincar com meninos a noite no terreiro... juntava as vizinhas aquelas meninas né... as coleguinhas né e assim a gente brincava

E e o que era essas brincadeiras... você falando assim dessas brincadeiras... o que essas brincadeiras representavam para a senhora? a senhora lembrando hoje assim... quando vem essas brincadeiras o que elas representavam? o que elas representavam quando a senhora brincava? tinha alguma representação?

J não não lembro... eu nunca... parece que eu era muito tímida... porque eu nunca gostei de ninguém

E essas brincadeiras... a senhora acha que essas brincadeiras que tinha... possibilitou a senhora compreender sobre sua sexualidade... sobre sexo essas coisas?

J não... naquele tempo as meninas era muito segura ninguém falava

E que tipo de educação sexual a senhora recebeu de seus pais?

J ixi... meus pais eram bem exigentes

E como eu já havia perguntado... eles prepararam a senhora antes do casamento... olha minha filha vai ser assim assim assado?

J não... a gente quando começou a namorar e encostava perto do namorado a gente tinha medo... até tremia de medo do homem... não sabia o que ia acontece... a gente parece que era bobo né...

E não é... é porque eles não falavam... como vocês iriam saber?

J e também meus pais não deixa eu andar... tipo assim quando eu fiquei mocinha... meu pai não deixava eu andar em turma de mocinhas pra lá e pra cá... eu só saía de casa com meu pai minha mãe... toda vida eu ia na igreja... desde de pequena na igreja mas quando eu ia... eu ia acompanhada com a dona... uma mulher casada... e naquele tempo as mulheres eram reservadas elas não contavam... não conversavam nada da vida delas quando tinha moça...

E as moças não podiam saber então?

J não de jeito nenhum... a gente não sabia... aí aquelas comadres aquelas vizinha ganhava neném... as vezes minha mãe ia e no primeiro dia que as mulher ganhava neném... porque naquele tempo não ia pro hospital era em casa... aí ela ia passava um dia ou dois... quando elas estava com dois três dias de dieta minha mãe falava... vamos lá vamos lá ver o neném... daí a gente ia... chegava lá e entrava lá no quarto... conversava falava vem pra cá filha... a gente ia olhava o neném e vinha embora... a gente não escutava uma palavra errada na boca da dona... ninguém falava nada... via o neném e vinha embora

E conversavam entre elas? mas uma moça ninguém podia falar?

J não... moça não podia falar... era muito reservada

E a senhora recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação do casamento? antes do namoro eles não falavam, nem depois antes da senhora casar? nada?

J nada

E tipo assim... quando você casar você vai ter que fazer isso isso pro seu esposo? nada disso eles falavam?

J não

E sua mãe não comentou nada?

J nada não

E você teve que aprender por conta?

J é... então no dia que eu casei meu pai fez uma festa muito grande matou boi festão... pagou banda de música pro meu casamento... fui muito bem arrumada pra casar... aí a minha casa que eles fez no sítio era encostada na deles do lado de lá... ai a cama de noiva... na casa do meu pai da minha mãe... arrumaram tudo aí nós fomos pra cidade aí casemos... aí meu pai pagou cartório pra vim fazer em casa fazer o casamento... aquele tempo a gente podia... naquele tempo meu pai tinha como bancar... aí fez o casamento em casa aí nós chegamos de lá da cidade... porque nós casamos na igreja e chegamos em casa aquele festão... quem fez meu casamento foi uma juíza chamada Maria... dona Maria... ela veio do cartório... trouxe os preparos fez o meu casamento... aí tinha bastante vizinha que era casada só no padre e não podia fazer no cartório porque não tinha como... aí meu pai as avisou veio... e teve mais três casamentos tudo no mesmo dia... em casa tinha umas que estava pra ganhar neném né... mais aí primeiro a dona Maria falou... primeira a noiva... daí fez o meu casamento depois chamou elas e fez o casamento de três... mais uma estava pra ganhar neném... aí nós casamos e foi aquela festona... o cartório a dona Maria foi embora de carro... aí nós ficamos foi a noite inteira baile e gente e gente... matou um boi... no outro dia não tinha carne pra fazer o almoço muita gente

E como foi a primeira noite para a senhora? porque a senhora falou que eles não te deram orientação como é que foi?

J ai eu vou contar... aí quando foi aquela noite ninguém dormiu... aí quando foi no outro dia dia de domingo... eu tinha um tio que morava em Dracena bem perto... Dracena é bem mais pra cá... aí meu tio que foi padrinho do meu casamento ele e a filha... de noite no domingo... todo mundo foi dormir e eu fui dormi? eu não fui dormir

E como foi para a senhora?

J aí eu sentei lá em cima do fogão de lenha... sentei em cima do fogão e fiquei sem querer ir dormir não queria... aí fiquei lá e fiquei... aí lá bem tarde da noite minha mãe veio lá falou... minha filha vai dormir vai deitar na sua cama seu marido está deitado já dormindo vai deitar... mas eu não fui... eu fiquei até de madrugada quando o dia estava perto de amanhecer que eu fui... cheguei lá deitei bem na beiradinha da cama quietinha fiquei... quando o dia estava amanhecendo eu pulei da cama ele falou... oh... vem aqui não vai embora assim não... vem aqui me dar um beijinho... e eu me mandei eu fui embora pra cozinha correndo... no domingo... aí quando foi no domingo eles levaram a cama... pnharam lá na outra casa arrumou tudo... e aí eu fui mais é ruim as primeiras noites né... E sem orientação né J... é difícil né... mais seu esposo tinha paciência com a senhora foi tranquilo né

J tinha tinha..... um dia ela ((a mãe de J)) contou esse causo para a neta dela em Campo Grande... minha filha nunca me deu vergonha e nunca me deu desgosto... ela era crente ((a neta)) e é até hoje... só que ela teve uns quatro marido... largava de um pegava outro... a minha mãe pegou ela e estava falando com ela que graças a Deus eu até hoje nunca fiz vergonha para meus parentes... meu pai nem para o meu marido nunca dei trabalho graças a Deus

E como era o tratamento entre homens e mulheres da sua época? e após a convivência diária no casamento? isto é a convivência antes do casamento? como era a relação do seu noivo na época de seu namorado? a senhora acha que mudou depois que casou? ou não? porque muitos acabam mudando... quando namoram é uma coisa quando casam viram outros? seu esposo permaneceu a mesma coisa com a senhora?

J melhor... toda vida ele foi bom... toda vida foi carinhoso... toda vida foi bom marido... não tenho que reclamar do meu marido... eu tenho muita saudade dele

E quantos anos vocês ficaram juntos antes dele falecer?

J ficamos juntos cinquenta e três anos e um mês... dia vinte e seis de julho vai fazer sessenta e dois anos que eu casei...

E quantos filhos a senhora teve?

J tive dezesseis filhos e perdi dois... era para ser dezoito... tive onze filhos homens e cinco mulheres

E como seus pais não conversaram como a senhora deixou relatado para gente... a senhora conversou com seus filhos sobre isso? ou foi do mesmo jeito? deixou acontecer?

J a mesma coisa não falei nada... deixei acontecer... nunca falei nada... eu só falava para elas terem cuidados... porque esse tempo de agora é bem diferente... elas já andavam o pai não era muito exigente... saía com os irmãos as vezes... saía para casa de uma e de outra... eu não andava porque minha mãe saía comigo meu pai saía... eu dancei muito baile mas meu pai e minha mãe levava nas festas de casamentos... naquele tempo tinha muitos casamentos lá no sítio que nós morava... era tudo sitiante... tinha vinte e duas moças... quando eu casei só tinha eu e uma tal de Maria... as outras já tinham casado todas e em todas essas festas nós ia comprava vestido novo sapato bom... bem arrumado nós íamos para festa... mas meu pai junto... ele não deixava ir em festa nem com meus irmãos

E os seus irmãos podiam?

J não... ia toda a família ia tudo junto... mas agora se fosse para igreja que toda vida nós foi católico... aí eu e mais meu irmão ia... nós arriávamos as mulas... que era longe do patrimônio... aí íamos a cavalo... ia para igreja chegava lá assistia a missa tudo... aí vinha embora... tinha vez que nós chegava em casa e o pai falava... vocês já veio... pensei que vocês ia demorar lá... acabou a missa a gente vinha embora... ficar fazendo o que lá... assim que nós foi criado

E esses foram os valores construídos pela família na sua educação... esses valores a senhora passou para seus filhos ou a senhora desconstruiu? vou fazer diferente com meus filhos?

J foi criado mais rebelde... agora não é exigente... o pai também não era

E embora não tivesse essa exigência da senhora... ainda assim a senhora não falou sobre sexo com seus filhos? foi do mesmo jeito que foi com a senhora nesse sentindo?

J é... foi do mesmo jeito em relação ao sexo... com os filhos também não se falou sobre isso

E como é e foi a convivência entre homens e mulheres da geração LGBT? a senhora sabe o que é isso?

J não

E ((explico e pergunto novamente se existia naquela época))

J é muito difícil... eu nunca tinha visto falar... se tivesse era assim... debaixo do pano... que muita gente não sabia... agora eu quando estava de dieta desse mais velho meu... já estava com um ano de casada quando ele nasceu... meu filho mais velho... então tinha uma dona que morava perto de nós... era uma mulher de idade já e ela tinha um filho que era largado da família... e estava dentro de casa... mas ninguém nunca sabia... aí depois que eu estava de dieta ela ia lá ver o neném e ajudava dava banho no neném... gostava de mim... aí ela estava falando para mãe... reclamando que o filho dela era desses que gostava de homem e a mulher largou... ela contou e chorou e eu escutando... já era casada também podia ouvir essas conversas... eu vi essa conversa dessa dona... ela falando que teve uns caras que queriam matar ele por causa disso... que ele foi atacar os homens e os homens correram atrás dele... disse que ele correu no meio de uma invernada quase caiu dentro de um poço velho... ela chorava... porque de primeiro ninguém ouvia falar não existia isso

E quando a senhora ouviu a primeira vez falar disso como a senhora ficou?

J a gente fica fora do chão a primeira vez que ouvi falar sobre isso

E depois disso a senhora começou a perceber se havia mais caso desses?

J nunca reparei se tinha... e também nem na minha família graças a Deus nem de avó nem de tia... nunca teve esses tipos de gente

E em que momento da sua vida senhora percebeu a necessidade de refletir acerca das questões amorosas e das questões de amizade?

J a gente sempre ficava meio por dentro do assunto... e meu marido também foi criado igual a nós

E seu marido era muito mais velho que a senhora?

J dois anos mais velho do que eu e uns meses... mas o pai dele era muito exigente... espanhol muito exigente

E a senhora eu sei que os pais não falavam... com ele depois da convivência... depois do casamento a senhora soube se os pais dele falavam sobre sexo com ele? ou também não?

J não... era um povo muito reservado também... do jeito que fomos criado criamos os filhos também

E hoje assim... mais atual a senhora fala com seus netos ou também não? deixa para suas filhas?

J hoje em dia é bem diferente... já não é como aquele tempo... mas eu vejo a diferença... mas eu sou avó eles tem mãe e tem pai... eles que cuide

E a senhora recebeu alguma formação sobre a convivência social entre homens e mulheres e geração LGBT por alguém? como define as suas relações afetivas? a senhora compreende as relações afetivas entre LGBT? o que a senhora me diz sobre isso dessa geração LGBT? quando falo sobre isso agora explicando como é que é... o que vem na sua cabeça o que a senhora acha?

J eu não falo nada... porque você sabe... isso aí já é mandado por Deus não é mesmo? então cada um cada um... nós não podemos falar nada... porque isso aí é criação de Deus... é Deus que fez assim... então se eu vejo eu fico quieta eu nem reparo e nem olho certa coisas... porque minha mãe me ensinava assim... a gente estava grávida ou se a gente via um mal feito na família e nos filhos dos outros... minha mãe dizia que não podia ficar reparando porque o dia do amanhã... vai que sai o seu filho assim e eu toda vida me reservei disso aí também... eu tive esses filhos aí todinho e nunca nasceu um filho meu com dedo torto... meus filhos eram tudo saudáveis e bonitos... não tem um de pé torto... dedo eu nunca reparei minha mãe ensinava assim... essas coisas assim eu sempre explicava... você sabe que às vezes tem gente que repara... ah fulano tem pé torto fulano tem isso... o dia de amanhã ele tem um filho que tem o mesmo defeito foi porque reparou o defeito dos outros... eu não reparo essas coisas e eu já vi aqui na nossa igreja aqui... tinha um casal de mocinha que todo mundo dava fé ((desconfiava)) elas eram assim... eu olhava assim as meninas tão bonitas mas fazer o que? cada um como Deus fez ninguém reparava... tem que ter respeito... elas sumiram daqui... elas foram embora daqui... foram para Campo Grande... mas todo mundo dava fé mas fazer o que?

E naquela época já tinha?

J tinha... naquela época era bem reservado... se tinha na família ninguém ficava comentando... agora hoje não... é aí público essas coisas

Considerações Finais

Pelo discurso dessas idosas é possível afirmar que houve algumas mudanças, tendo em vista tantas repetições na dialética da construção histórica das civilizações de preconceito e discriminação vividos principalmente pela geração LGBT. Como discorre Costa no texto “A construção cultural da diferença entre os sexos”:

Tudo o que tentar implementar, ampliar, acentuar e fortalecer estes objetivos merece ser reforçado. Ao contrário, tudo o que vai contra este movimento deve ser combatido e desestimulado. O vocabulário da “heterossexualidade” e da “homossexualidade” é uma destas práticas linguísticas e culturais que devem ser abandonadas (COSTA, 1995, p. 08).¹

Dessa maneira, é possível contribuir para realizar interferências significativas com relação a esse quadro histórico, fazendo a leitura de todo esse processo construído historicamente e constituindo fontes que nos permitam conhecer e entender o contexto social e influenciar positivamente os avanços quanto aos conceitos que podem interferir no crescimento das vivências em sociedade.

Vimos, durante o levantamento de dados sobre as vivências e pela dinâmica da temática discutida neste trabalho de conclusão de disciplina, bem como por nosso conhecimento, construído durante o envolvimento com as aulas e pela leitura dos textos, que as relações de gênero na família e na escola reveladas a partir do roteiro de conversa nos permitiram fazer aproximações e constatar que a dialética da história da humanidade com relação a

¹ Este texto foi transcrito por Anna Paula Azriel a partir de uma palestra realizada no III Programa de Estudos em Sexualidade e Gênero. Guarda, portanto, o estilo e a estrutura de uma comunicação em texto e fala.

compreensão da estrutura humana social, política e econômica tem se desenvolvido de maneira lenta.

Notamos também que os discursos retornam, mas podem apresentar pequenos avanços ou mesmo retrocessos. Os comportamentos são diferenciados, porém, as concepções sempre estarão na discussão de um único sexo considerando o contexto apresentado pelas pesquisas e por vivências pessoais dessas idosas. Percebemos então que a linguagem se altera com o tempo, assim como o cenário cultural, como já afirmara Laqueur (2001, p. 288):

É claro que a linguagem específica se altera com o tempo – a versão de Freud do modelo de sexo único não se articula no mesmo vocabulário que a de Galeno – assim como no cenário cultural. Porém, basicamente, o conteúdo do discurso sobre diferença sexual é desencadeado por fatos, e é tão livre quanto a ação do pensamento.

Os dados da pesquisa desse autor apresenta em grande escala as concepções baseadas nas perspectivas freudianas de que as identidades sexuais são historicamente construídas. Por outro lado, Jurandir Freire Costa discorre em seu texto “A Construção cultural da diferença entre os sexos” sobre os mecanismos compreendidos por Freud, que estabelece a ideia de um sujeito que possui a capacidade de ter vários “EUs”, que podem se organizar de diversas maneiras de acordo com as circunstâncias, mas que nenhum deles é mais verdadeiro do que o outro.

Para ele, não podemos definir essa ordem: tudo está relacionado à dinâmica do psiquismo em tal ou qual momento da vida “pessoal” de cada ser. Não podemos assim entender o “sujeito em si” se não o entendermos como uma “organização de rede de crenças e desejos” e que somos constituídos por camadas (a teoria do núcleo da cebola que se encontra vazio). Essa concepção apresentada por Freire (1995) nos faz compreender que, ao dialogarmos com as entrevistas, precisamos visualizá-las,

considerando os bloqueios que elas revelaram pela formação de camadas de crenças, desejos, princípios familiares, religiosidade, percepções, imagens marcantes, sensações e representações. Por isso, às vezes, apresentam-se organizando todas as ideias no intuito de não se expor devido à formação que os entrevistados tiveram através dos anos.

Ao desenvolver essas entrevistas, deparamo-nos com um material riquíssimo de memórias dessas senhoras, mesmo que ponderadas. Além disso, para nossa formação acadêmica, a proposta deste trabalho de conclusão foi realmente marcante e construtiva em nossa individualidade, como pessoas que também somos, constituídas por uma pluralidade de identidades.

Dessa maneira, como futuros educadores, vivenciar a discussão da problemática de concepções e paradigmas na intenção de nos formarmos como profissionais críticos para desenvolvermos práticas educacionais diferenciadas e vinculadas à formação cultural de diferentes sujeitos que chegam em sala de aula.

Referências

COSTA, Jurandir Freire. **A Construção cultural da diferença entre os sexos**. Disponível em: COSTA, Jurandir Freire. A construção cultural da diferença entre os sexos. In: **Sexualidade, Gênero e Sociedade**, publicação semestral, ano 2, Número 3, junho de 1995, p. 03-08.

D. C. F., **Relações de Gênero: Registro de Memórias Com Idosos**. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a SILVA, D. S.; DIAS, K. C. L..

DEL PRIORE, M. **Sexualidade e Erotismo na História do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. I: A Vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal. 1988.

FREUD, S. **O Esclarecimento Sexual das Crianças.** (1906-1908). V. IX. Gradiva de Jensen e Outros Trabalhos. Trad. do alemão e do inglês sob a direção-geral de Jayme Salomão. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

J. P. R., **Relações de Gênero:** Registro de Memórias Com Idosos. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a SILVA, D. S.; DIAS, K. C. L..

LAQUEUR, T. **Inventando o Sexo:** Corpo e Gênero dos Gregos a Freud. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MONTEIRO, Silas Borges. **Para Além do discurso, a escuta das vivências: uma investigação otobiográfica.** In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Pesquisa em Educação:** Alternativas investigativas com objetos complexos. São Paulo: Edições Loyola, 2006. P. 93-116.

SILVA, Benedicto (Coord.). **Dicionário de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

12. Memórias de uma idosa: sexo era só para homens...

Elizângela Pinto Silva

Introdução

Este trabalho apresenta um relato de vida de uma senhora de 69 (sessenta e nove) anos, realizado por meio de uma conversa estabelecida por meio de entrevista, pela qual ela nos conta sobre sua infância, experiências com família, amigos, relacionamentos e como se estabeleciam as relações homem e mulher, bem como seu contato com homossexuais.

Conversamos sobre suas brincadeiras favoritas, sua visão sobre a sexualidade, o papel da família em relação ao esclarecimento das dúvidas e dilemas sobre a sexualidade, o namoro, o casamento e como seus ascendentes contribuíram para a formação de sua família.

Ela nos falou como eram tratados homens e mulheres e tentou, de sua forma, explicar o abismo que existia no julgamento de ambos: essa ideia de homem “livre” e de mulher sempre “presa”, sempre mais reservada, que deveria ser recatada e discreta e que, quando se casava, deveria assim permanecer para não envergonhar sua família.

Assim, a entrevistada buscou transmitir sua visão de mundo, tanto à de tempos atrás quanto a de agora, com mais experiências, ou seja, duas visões: a de quando era criança, uma visão mais inocente e mais contida dentro das paredes de sua casa, e uma mais atual, mais abrangente sobre um mundo que conheceu praticamente sozinha por meio de suas próprias descobertas, erros e acertos.

Registro de memórias

S. P. E.

A entrevistada é brasileira, natural de Catanduva, Estado de São Paulo, possui 69 (sessenta e nove anos), viúva.

E como eram as brincadeiras da infância entre meninos e meninas?
S lá casa nós brincávamos a noite... depois de ter feito os deveres de casa... brincavam de roda passar anel lenço atrás... cantava música... e na escola brincava de esconder... mas só com meninas e os meninos brincavam de bola do outro lado... até que um dia quando eu estava na escola brincando de esconde-esconde... esperando as meninas se esconderem um menino chutou a bola e veio direto na minha cabeça e foram duas pancadas... uma da bola e a outra na árvore... depois disso eu nunca mais quis brincar com os colegas... eu gostava muito de pular corda... chamava-se de corda sapinho... gostava de brincar de escadinha peteca amarelinha e roda... por eu não brincar mais com os colegas quando batia o sino pra ir ao recreio... eu ficava ali no meu canto comia meu lanche e ficava quieta... esperando o sino tocar... eu era muito quieta as pessoas me judiavam e quando eu apanhava minha irmã vinha me defender batia naquela pessoa... um dia me sentaram num vitro lá em cima... e eu fiquei lá com medo de cair com medo de altura até que minha irmã foi lá me tirou da janela... pegou quem fez aquilo comigo e bateu nele

E o que essas brincadeiras representam pra você?

S as brincadeiras para mim era uma libertação... me sentia livre enquanto brincava... eu só não gostava de quando tinha que parar... pois tinha que ir tomara banho e as coisas eram bem difíceis... não tínhamos água encanada tinha que puxar água no poço... fora isso eu ainda tinha outras obrigações como quarar roupa... ficava com uma bacia com água molhando a roupa para não requeimar... porque se requeimasse eu apanhava... por ser a mais nova também torrava café... ajudava a carregar trouxas de roupas que me mãe lavava e passava para fora ela era muito trabalhadeira sempre me ensinou a trabalhar... meus pais não me deixavam brincar com meninos... eu quase não tinha amigos... eu só brincava com uma

menina que morava na frente de minha casa... mas era muito pouco também... pois a mãe dela espancava muito ela... uma vez ela veio correndo até minha casa para se defender da mãe dela... e minha mãe a protegeu colocando ela atrás dela e dizendo que ela poderia bater na menina na casa dela... mas enquanto ela estivesse sobre o teto ela não permitiria que a mulher espancasse a filha... essa era a única colega que eu tinha... as vezes eu ia para a igreja... eu tinha um vestido de organza com um laço e as crianças gostavam de ficar puxando e eu ficava triste... sempre ia sozinha pela estrada passava a ponte... eu era muito medrosa... morava numa casa onde diziam que tinha morrido gente... morria de medo de ficar lá

E como essas brincadeiras e convivências possibilitaram a sua compreensão sobre a sua sexualidade?

S não me ajudaram pois as brincadeiras eram muito inocentes... como brincadeiras de roda e pular corda... não pensava em sexualidade... nem sabia o que era isso... eu brincava só com meninas... meus irmãos eram mais velhos e não brincavam comigo... e as minhas irmãs também por serem mais velhas não brincávamos juntas... eu brincava só com uma amiguinha ou com a minha mãe ou sozinha... eu sempre fui muito inocente não sabia nada sobre sexualidade... até quando virei moça não sabia o que estava acontecendo por que minha mãe nunca me falou nada... passei mal achei que estava doente... minha irmã foi quem falou olha a S. virou moça... nessa época eu tinha 13 anos e já trabalhava em casa de família cozinhando limpando e levando o almoço para os meus patrões... e ficava cuidando da loja que eles tinham enquanto eles almoçavam

E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação para o casamento?

S eu nunca tive nem um tipo de instrução em relação a sexualidade casamento e nem... esse assunto era sempre um tabu... não havia esclarecimento em relação a nada... a única coisa que se dizia era cuidado com mão de homem... mão de homem é igual boca de cabrito aonde encosta seca... ou diziam... não quero que namore esse rapaz... mais não diziam o motivo pelo qual o relacionamento os desagradava... noite de núpcias só ouvi falar quando já era casada... há muito tempo

E como é ou foi a convivência entre homens mulheres e a geração LGBT na família e na sua atuação profissional?

S quase não havia contato entre homem e mulher esse contato era só nos bailes... ou em algumas praças uma delas a Praça da República... que era uma praça só de brancos onde negros só entravam acompanhados de um amigo branco... e a Praça das Américas que era praça só de negros onde brancos só entravam acompanhados de um amigo negro... essas pracinhas eram chamadas de futi... tinha também os cinemas mais eu fui poucas vezes... as moças só saíam acompanhadas ou pelos pais ou pelos irmãos mais velhos... os rapazes já tinham mais liberdade para sair... eu sempre saía com meu irmão Emílio... mais eu tinha que respeitar suas regras o namoro era de corte... namorava-se sempre em casa sobre as vistas dos meus pais um em cada canto do sofá ou cadeira... nada de beijos abraços ou contato a não ser pegar na mão... mais eu ainda aprontei algumas... quando era moça trabalhava eu encontrava o namorado na rua... um dia minha mãe me pegou no flagra e disse brava vai pra casa... não casei com esse rapaz porque nossas famílias não deixaram... pois minha irmã foi mãe solteira em casa e eles diziam... se minha irmã não prestava eu também não... eu fui muito jugada pelos atos dela... pois só homens é que tinham direito a sexo... sexo era coisa de homem... eles podiam tudo mulher era sempre diminuída... foi quando desiludida e com raiva dos meus pais fugi de casa aos 17 anos... e ai eu conheci uma vida pior do que a que eu tinha... eu sofri muito vivi quatro anos e onze meses com ele... tive um relacionamento bem difícil... pois ele me traiu... aos 22 anos larguei dele já com duas filhas e grávida do terceiro... eu nunca tive contato com homossexuais... eu ouvi falar com 22 anos pela minha cunhada... pois uma menina gostava dela... só depois dos 22 anos que ouvi falar e fui saber o que era prostituta... mais só aos 40 anos que eu conheci um rapaz que era travesti que gostava de ser chamado de Raquel... foi quando perguntei pra ele se ele era doente ou era homossexual por que gostava

E quando você começou a pensar no tipo de relações que tinha?

S eu passei a pensar nas minhas relações quando me casei... pois minha sogra e cunhada agiram com falsidade e o meu casamento era como uma prisão... eu não podia sair nem colocar a cara pra fora

de casa... não podia falar com ninguém... tinha que servir de mulher para ele e ter filhos... pois ele dizia que se casou era pra ter filhos... eu me separei dele pois ele estava me traindo

E quais os fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos filhas marido... netos e netas?

S como eu fui criada de uma forma muito rígida não tive esse tipo de conversa com meus filhos... o segundo casamento fui ainda pior... pois nem carinho nos meus filhos eu podia fazer... sofri todo tipo de violência como apanhar ser ameaçada de morte violentada... tive minhas filhas também violentadas pelo próprio pai... vivi casada pois era obrigada e ameaçada de morte... foi quando minha filha E que é paraplégica precisou de atendimento médico e eu viajei com ela para Belo Horizonte... e nesse meio tempo ele teve um derrame e morreu... quando voltei estava viúva com 38 anos e oito filhos para criar

E quando você teve acesso a informações sobre sexualidade?

S eu tive um pouco mais de informação sobre sexualidade depois de adulta quando decide voltar a estudar... e somente na escola é que foram abordados tais temas pelos professores... as minhas relações afetivas de submissão eu achava normal... fui criada de uma forma onde a mulher era obrigada a aceitar tudo do homem... pois a minha família dizia que se casou tem que viver... então eu acabava me sujeitando a certas situações... morava no meio do mato e fui ficando amedrontada fraca cansada... amizade só existia com a terra e com os filhos... morava num lugar bem afastado sem vizinhos só tinha Deus por mim

E você recebeu alguma formação sobre a convivência social entre homens e a geração LGBT por alguém? como você define suas relações afetivas? como você compreende as relações afetivas entre homens mulheres e a geração LGBT?

S eu compreendo a relação sendo entre homem e mulher o correto... pois pela bíblia Deus disse que fez o homem para a mulher e a mulher para o homem... mais também não discrimino ninguém... quem sou eu pra julgar... a relação entre homem e mulher na minha visão tanto homem quanto mulher foram feitos por Deus... então tem que se tratar com amor carinho e respeito... e isso tem que vir da família... passando para seus filhos... porque se a

pessoa não foi criada com amor e carinho como ela vai tratar os outros com amor carinho e respeito

Considerações Finais

Com este trabalho, tive a oportunidade de ouvir um pouco sobre outra época, em que as pessoas pensavam e agiam de forma diferente da de hoje, podendo assim ter uma visão mais próxima da realidade em que nossos pais e avós viveram: uma sociedade muito mais rígida e autoritária, na qual os direitos não eram os mesmos para homens e mulheres, e os homossexuais tinham pouco ou nenhum espaço.

Tratava-se de uma sociedade em que falar sobre sexualidade dentro das casas era um tabu, quase não se tinha explicação sobre nada, o que culminava no aprendizado sobre diversos temas apenas na prática, uma sociedade que não oportunizava sequer o direito de fazer perguntas sobre vários assuntos, quanto menos uma resposta clara, que pudesse vir a esclarecer tantas dúvidas e incertezas da maioria dos jovens.

Relatos de tempos passados nos levam de volta à barbárie, quando a mulher era tratada como um animal sem direitos nenhum sobre seu corpo, sobre a decisão de ter ou não um filho, detalhes da conversa que a entrevistada não quis que fossem gravadas na íntegra, mas que só por serem ouvidas geravam revoltas haja vista a impunidade.

Que possamos hoje não aceitar voltar à barbárie e que possamos cada dia mais lutar por uma sociedade igualitária, na qual homens, mulheres e crianças sejam tratados de forma justa e com o devido respeito e em que não haja mais o peso da discriminação por cor, credo, raça, orientação sexual ou nacionalidade.

Assim, teremos um mundo em que as pessoas se tratarão com respeito e igualdade, e que tenhamos em mente, como futuros profissionais da educação, trabalhando diretamente com os

pequenos, transmitir uma visão mais humanizada, respeito e aceitação, amor e compreensão.

Referências

CORRÊA, Sonia; PARKER, Richard (Orgs.). **Sexualidade e política na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora, 2011.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

S. P. E., **Relações de gênero**: registro de memórias com idosos. Jul. 2016 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a SILVA, E. P..

Autores/as

Andréa Colares de Oliveira: Acadêmica do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: andreacolares2@hotmail.com

Bruna Mayara Pinto: Acadêmica do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: bruna_miguxa16@hotmail.com

Daniela de Souza da Silva: Acadêmica do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: danieladesouzadasilva@gmail.com

Elizângela Pinto Silva: Acadêmica do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: lizzenaro@gmail.com

Estefânia Stela Álvares Bezerra: Acadêmica do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: estefaniastela@hotmail.com

Fábio Palácio Batista: Acadêmico do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: fabiopalacio73@gmail.com

Gabriela Hvala de Figueiredo: Acadêmica do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: ghf06@outlook.com

Gleiciane de Souza Pedrosa: Acadêmica do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: gleice1@hotmail.com

Ingrid Queiroz Oliveira de Souza: Acadêmica do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: ingridqsouza@outlook.com

Jéssica Moraes Barbosa: Acadêmica do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: jessicamb1997@yahoo.com.br

Jolcilayne Cristina Sampaio: Acadêmica do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: jocristina.sampaio@gmail.com

Karina Conrado Leonardo Dias: Acadêmica do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: leonardokcd@hotmail.com

Loiriane Fernandes da Silva: Acadêmica do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: loirifernandes@gmail.com

Luana Soares Garrido Salazar: Acadêmica do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: luh_beau@hotmail.com

Marineide da Silva Diniz: Acadêmica do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: marineidedasilvadiniz@hotmail.com

Milene Costa Ferreira Oliveira: Acadêmica do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: mioliveira2018@gmail.com

Organizadoras

Kátia Cristina Nascimento Figueira

Doutora em Educação pela UFSCar. Docente do Curso de Pedagogia e do Programa de Mestrado Profissional em Educação/Profeduc da Unidade Universitária de Campo Grande, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- UEMS. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Diversidade. E-mail: katiafigueira@uems.br

Léia Teixeira Lacerda

Doutora em Educação pela USP. Docente do Curso de Pedagogia, do Programa de Mestrado Profissional em Educação/Profeduc e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação das Unidades Universitárias de Campo Grande e Paranaíba, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- UEMS, respectivamente. Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Diversidade. E-mail: leia@uems.br

Mircéia Terezinha Suffiatti Mesnerovicz Vareiro: Acadêmica do curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.
E-mail: mirceiamesnerovicz@hotmail.com

Esta obra reúne os resultados das pesquisas desenvolvidas pelos discentes no projeto de ensino: Registro de Memórias dos Idosos sobre Sexualidade, Relações de Gênero e a Geração LGBT, vinculado ao Projeto: A Trajetória de Formação no Curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande desenvolvido na Unidade de Estudo: Gênero e Educação do referido Curso, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, financiado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul/Fundect, por meio dos recursos financeiros do Edital nº 025/2015.

A ideia de registrar as concepções dos idosos sobre sexualidade e relações de gênero, por meio de um roteiro de conversa surgiu quando apresentamos aos discentes os seguintes questionamentos em sala de aula: o que é ser autor de um texto? Qual é o mecanismo que possibilita ao pesquisador constituir-se autor? Para refletirmos sobre essas questões desafiamos os discentes da 2ª Série do referido Curso em 2016, a fazerem um exercício de construção de autoria, por meio da compreensão da sexualidade e das relações de gênero estabelecendo uma inter-relação com o registro das histórias de vida de idosos.

Dessa perspectiva, convidamos os leitores para conhecerem o resultado do trabalho desses jovens autores no conjunto de narrativas das histórias de vida desses idosos, que nos possibilita compreender suas vivências diante de um tema complexo e ainda muito carregado de tabus e preconceito.

Léia Teixeira Lacerda

Kátia Cristina Nascimento Figueira

Maria Leda Pinto



ISBN 978-85-7993-412-4



9 788579 934124